



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Sonja Ribeiro Longo

**Entre páginas de jornais: as disputas políticas entre PSD e UDN em Nova
Friburgo (1945-1965)**

São Gonçalo

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

L856 Longo, Sonja Ribeiro.
Entre páginas de jornais: as disputas políticas entre PSD e UDN em Nova Friburgo (1945-1965) / Sonja Ribeiro Longo. – 2017.
110f.

Orientador: Prof. Dr. Luís Reznik.
Dissertação (História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Nova Friburgo (RJ) – História – 1945-1965 – Teses. 2. Nova Friburgo (RJ) – Aspectos políticos – 1945-1965 – Teses. I. Reznik, Luís.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 981(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

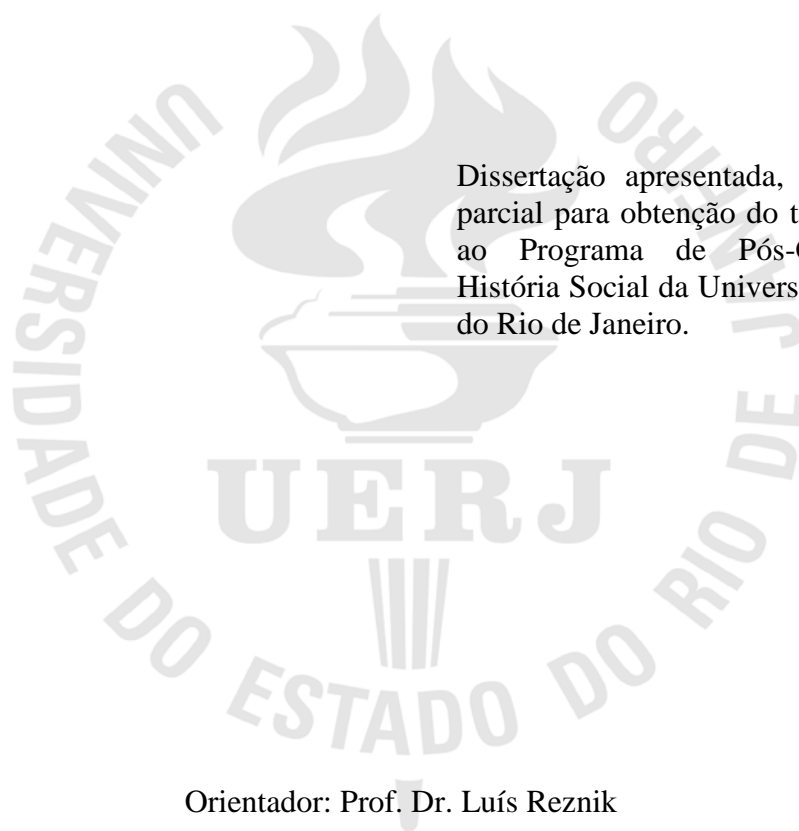
Assinatura

Data

Sonja Ribeiro Longo

**Entre páginas de jornais: as disputas políticas entre PSD e UDN em Nova Friburgo
(1945-1965)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Orientador: Prof. Dr. Luís Reznik

São Gonçalo

2017

Sonja Ribeiro Longo

**Entre páginas de jornais: as disputas políticas entre PSD e UDN em Nova Friburgo
(1945-1965)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 17 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luís Reznik (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Jorge Ferreira

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo Magalhães

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo
2017

In memoriam Luís Longo, pelas alegres lembranças.

AGRADECIMENTOS

Nada se constrói sozinho. E não fossem os préstimos e a generosidade dos que me cercam, este trabalho nunca teria sido possível. Durante essa jornada, que algumas vezes se demonstrou mais árdua do que imaginei, tive a graça de contar com o auxílio e apoio de várias pessoas, que contribuíram de diversas formas para a realização desta pesquisa.

Assim sendo, gostaria de prestar meus agradecimentos primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Reznik, por ter acreditado no potencial deste trabalho, e por toda a atenção e o apoio no decorrer desses dois anos.

Agradeço também a Jorge Ferreira, Marcelo Magalhães e Rui Aniceto Fernandes, por terem aceitado integrar a minha banca examinadora e pelos conselhos e sugestões fundamentais para este estudo.

Aos meus colegas de disciplina durante o Mestrado, pelas leituras, informações, dúvidas e anseios compartilhados. Em especial, sou grata a Guilherme Gavotti, José Vinícius Menezes e Rafael Navarro, pela solicitude que demonstraram sempre que precisei.

Aos queridos João Raimundo e Soninha, pelas dicas, materiais emprestados e carinho com que me acolheram.

Às funcionárias do Arquivo Pró-Memória, da Fundação João VI, que tantas vezes me ajudaram. Agradeço, ainda, aos amigos Edson Nunes e Ingrid Secundo, pela leitura valorosa, ao meu irmão, Luiz Filipe e ao meu companheiro de vida, Rafael, pelo apoio e escutas atentas e paciência que me dedicou no decorrer desse tempo.

Por fim, agradeço àqueles, sem os quais nada – não só esta pesquisa – seria possível, meus pais. Ao meu pai, Jorge, que despertou em mim interesse e o amor pelo assunto, quando me contava – eu ainda criança – diversos casos políticos sobre Brizola, Darcy Ribeiro e tantos outros. E à minha querida mãe, Rose, que “comprou” meus sonhos e tanto batalhou para que eu tivesse a formação que tenho hoje.

RESUMO

LONGO, Sonja Ribeiro. *Entre páginas de jornais: as disputas entre PSD e UDN em Nova Friburgo*. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Este trabalho tem como tema central as disputas políticas entre UDN e PSD em Nova Friburgo, entre 1945 e 1965 – datas que correspondem, respectivamente, ao surgimento dos partidos e sua extinção. Durante o período estudado, a política local esteve polarizada na atuação desses dois partidos, que se constituíram nas duas principais forças eleitorais do município. Ambos possuíam jornais, a partir dos quais construíram identidades perante o eleitor, através de pautas fundamentalmente políticas que versavam tanto sobre o cotidiano da política local, quanto sobre temas de abrangência nacional. Através da análise dessas publicações, cujos posicionamentos nem sempre correspondiam às atuações das cúpulas nacionais dos partidos, busca-se compreender a atuação e a constituição dos diretórios municipais dos partidos e de seus respectivos membros. Assim, procura-se, com esta pesquisa, destacar o protagonismo dos eventos locais na constituição dos partidos e da própria política municipal, deixando de entendê-los como meras reproduções do que se delineava em âmbitos nacional e fluminense, mas, sim, como uma junção destes com o contexto municipal.

Palavras-chave: Partidos políticos. História Local. História Política.

ABSTRACT

LONGO, Sonja Ribeiro. *Among the newspaper pages: political fights between PSD and UDN in Nova Friburgo*. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

This piece of academic work is themed on the political fights between two parties, UDN and PSD (abbreviations in Portuguese) during the period of 1945 and 1965- dates that correspond, respectively, to the rising of the parties and their extinctions. During the historical period of time studied, the local politics was based on the power and actions of those two parties, which were the county main election forces. Both of them owned newspapers on which were developed and published the main ideas and, thus, the identity of those parties to the readers through political subjects that were giving away information about local and national politics everyday. By these news publications, whose ideas expressed not even always corresponded to the attitudes and actions of the national parties main rulers, it is intended to find ways to understand the role and basis of the county directory of these political parties and their members. Thus, this research intends to stress out the role and importance of the local events on the formation of the parties and the county politics itself, not only considering those events as simple reproductions of what was happening on national and state contexts, but also, and mainly, as a mix of those ones and the county events related to political matters.

Keywords: Political parties. Region history. Political History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLT Consolidação das Leis do Trabalho

PCB Partido Comunista Brasileiro

PRP Partido Republicano Progressista

PSD Partido Social Democrático

PSP Partido Social Progressista

PTB Partido Trabalhista Brasileiro

PTN Partido Trabalhista Nacional

UDN União Democrática Nacional

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	BOAS-VINDAS À DEMOCRACIA: NOVA FRIBURGO ENTRE 1945 E 1951	19
1.1	Um breve retrospecto sobre Nova Friburgo	19
1.2	O cenário político fluminense (1945-47)	25
1.3	O surgimento dos partidos em Nova Friburgo	29
1.4	Nova Friburgo e suas primeiras eleições	36
1.5	O Governo César Guinle (1947-51)	42
2	O DOMÍNIO PESSIEDISTA EM NOVA FRIBURGO (1951-62)	47
2.1	As eleições de 1950: a reviravolta pessedista	47
2.2	O governo José Eugênio Müller (1951-54)	50
2.3	Nova Friburgo, capital do Estado	55
2.4	As eleições de 1954: o impacto gerado pelo suicídio de Getúlio Vargas	58
2.5	O governo Feliciano Costa (1955-58)	63
2.6	As eleições de 1958	68
2.7	O governo Amâncio Mário de Azevedo (1958-62)	72
3	O FIM DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA EM NOVA FRIBURGO (1962-1965)	76
3.1	Democracia em crise: A renúncia de Jânio Quadros	76
3.2	A “ameaça comunista” em Nova Friburgo	78
3.3	As eleições de 1962	80
3.4	Governo Vanor Tassara da Moreira: uma vitória udenista? (1963-64)	85

3.5	O golpe civil-militar em Nova Friburgo: o adeus à democracia!	92
3.6	Médicos no poder: “populistas”?	94
3.7	O Governo Heródoto Bento de Mello	98
	CONCLUSÃO	104
	REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

Entre 1945 e 1965 – datas que correspondem, respectivamente, ao início e fim do sistema pluripartidário no Brasil –, Nova Friburgo teve sua vida política polarizada na atuação de dois partidos: UDN (União Democrática Nacional) e PSD (Partido Social Democrático).

Certa feita, ao tentar sintetizar o que era a atuação desses partidos no município, o jornal *A Voz da Serra* declarou: “A política em Friburgo não se mistura. É água e azeite, dois elementos que a Química não conseguiu ainda combinar”. Tal sentença, além de evidenciar a rixa existente entre ambos os partidos, também poderia se aplicar aos programas governamentais e ideológicos que ambos defendiam, bastante diversos entre si.

Contudo, a despeito da importante atuação da UDN e do PSD em Nova Friburgo e das principais lideranças políticas do município perfilarem em um ou outro partido, pouco se sabia das peculiaridades dos seus diretórios municipais, geralmente retratados como a reprodução fiel de suas cúpulas nacionais. É justamente daí que reside a questão que motivou este trabalho: a necessidade de “dar cara e forma” à política friburguense, compreendendo-a para além das grandes chaves explicativas ou fórmulas prontas. Desta forma, a interpretação empreendida por esta pesquisa se opõe às análises historiográficas que definem tais políticos, sobretudo do PSD, sob a égide do populismo ou, mais especificamente, do que se designou “populismo a Friburgo”.¹

Ainda sobre o que diz respeito à questão do populismo, é importante assinalar um fenômeno que ajudou a rotular a experiência democrática de tal forma em Nova Friburgo entre 1945 e 65. Trata-se da bem-sucedida trajetória de grupo de médicos na vida política do município, cujos sucessos eleitorais e mandatos foram justificados, segundo obras historiográficas anteriores a essa pesquisa, como frutos de práticas populistas.

No período que corresponde ao recorte deste trabalho, os médicos conquistaram importante poder político no município; três deles foram eleitos prefeitos², sem contar os mandatos que obtiveram como vereadores e deputados. Por conta desse fato, interessa compreender de que modo a atuação profissional desses médicos garantiu uma aproximação com setores populares, convertida em votos durante o período eleitoral.

¹ Termo utilizado pela autora Elizabeth Vieiralves de Castro para designar a noção clássica de populismo, associada à inserção do médico na vida política.

² Feliciano Costa em 1954; Amâncio Mário Azevedo em 1958; e Vanor Tassara Moreira em 1962.

Ao contrário dos candidatos a prefeito convencionais, ou seja, aqueles que não exerciam a medicina e que geralmente estavam ligados aos setores do empresariado, os médicos coabitavam os mesmos ambientes que a população mais pobre. Haja vista que praticavam uma medicina de caráter mais altruísta, atendendo gratuitamente àqueles que não tinham condições para arcar com os custos da consulta, assim, ao votarem nesses candidatos, os setores mais populares passavam a gozar de um “canal direto” com o poder executivo. Portanto, se antes a relação entre a população mais carente e o poder executivo municipal era mediada, via de regra, pela figura dos vereadores, ao elegerem prefeitos-médicos, eliminavam-se os intermediários.

No período estudado, esses “prefeitos-médicos” constituíram importante força eleitoral no município, tendo seu prestígio e capital político superior ao dos próprios partidos durante os períodos eleitorais. Tais profissionais se tornaram a personificação de um modo específico de fazer política, pautado na informalidade e preocupação com questões pertinentes aos setores populares; o que acabava por conferir certos contornos personalistas à política friburguense.

É importante destacar, por último, que ao negar o simples empréstimo dos rótulos utilizados para definir as cúpulas nacionais dos partidos aos seus diretórios locais, não se quer com isso analisar estes fenômenos como acontecimentos externos ao que se traçava nos âmbitos políticos federal e fluminense, mas entendê-los como resultado da articulação, em maior ou menor grau, das esferas municipal, estadual e federal.

Nesse sentido, os próprios posicionamentos ideológicos dos grupos políticos friburguenses – e de seus respectivos partidos – estavam diretamente relacionados a um evento político ocorrido no âmbito federal: a ascensão de Getúlio Vargas ao poder a partir da Revolução de 1930. A partir desse momento, surgiram as condições que permitiram e deram feição à polarização política em Nova Friburgo entre 1945 e 1965, dividida entre os que se posicionavam a favor ou contra Vargas.

Na maioria das vezes, os diretórios locais da UDN e PSD se posicionavam de acordo com suas matrizes no que tangia às grandes questões nacionais relacionadas à defesa ou ao repúdio à determinada corrente ideológica ou política. Contudo, ao se analisar o perfil político municipal, percebe-se que os candidatos e partidos locais nem sempre defendiam, em âmbito local, uma política alinhada com as orientações das cúpulas nacionais.

Pretende-se, dessa forma, demonstrar com essa pesquisa que, a atuação dos políticos, bem como suas alianças, pautavam-se quase sempre em questões voltadas para o dia a dia da política local, contrariando o que se espera ao se analisar os partidos em uma macroestrutura.

A política através dos jornais e entrevistas

Parte da motivação para a realização deste trabalho residiu em uma de suas dificuldades durante a pesquisa: a escassa produção historiográfica regional sobre o tema. As poucas obras existentes, que tinham esse recorte temporal, versavam tangencialmente sobre o tema, relegando a análise dos partidos no município, bem como a atuação de seus integrantes em mandatos eletivos, a um segundo plano. Diante disso, essa pesquisa ancorou-se fundamentalmente em fontes impressas – jornais e revistas – e entrevistas concedidas a historiadores, as quais se teve acesso.³

As quatro entrevistas analisadas foram realizadas com três antigos prefeitos eleitos pela UDN: Heródoto Bento de Mello, Vanor Tassara Moreira e César Guinle. Tais audições possuem em comum o fato de terem sido realizadas muitos anos após o término de seus respectivos mandatos.

O primeiro político, Heródoto Bento de Mello, concedeu duas entrevistas⁴ às quais se teve acesso. Nessas audições, ocorridas, respectivamente, em 1978 e 2007, o político, embora respondesse a perguntas específicas, acabou por fazer, na prática, um relato de vida, haja vista a pouca interferência dos entrevistadores. Tal relato foi imprescindível para a compreensão dos ideários defendidos pelo político, bem como do perfil da UDN friburguense.

A terceira entrevista, concedida por Vanor Tassara Moreira à extinta revista local *Zoom* em 1985, tem como foco o seu mandato de prefeito e as condições nas quais se deu a sua saída do poder executivo municipal logo após a perpetuação do golpe civil-militar. Trata-se de um documento muito importante, porquanto que à época de sua deposição, os principais jornais do município se posicionavam contra o prefeito, manifestando, assim, um posicionamento único sobre a dinâmica política do momento.

³ Além disso, dispusemos também do acesso a alguns documentos oficiais da prefeitura e atas da UDN correspondentes ao ano de 1947.

⁴ Entrevistas concedidas professor Paulo Di Blasio, em 1978; e ao historiador Rodrigo Marins Marretto, em 2017.

Já a última fonte, consiste em um relato de vida concedido por César Guinle, em 1987, ao *Cadernos da Cultura*⁵, uma revista idealizada pela Prefeitura para resgatar a história do município e de seus nomes de destaque.

Tais documentos se configuram em uma importante fonte para essa pesquisa, haja vista que através dos relatos concedidos por esses prefeitos, pudemos ter acesso a informações e casos muitas vezes não mencionadas nos jornais da época. A partir dessas entrevistas concedidas foi possível compreender melhor o período estudado, mais especificamente, no que tange à constituição do Diretório Municipal da UDN, seus programas, e, sobretudo, a eclosão do Golpe Civil-Militar em Nova Friburgo. Nesse último ponto, esses registros são especialmente importantes e caros a esta análise, uma vez que os dois políticos se posicionaram de lados opostos nesse episódio: enquanto Vanor foi forçado a renunciar ao cargo de prefeito pelo Sanatório Naval, Heródoto – que assumiu a prefeitura logo após o episódio – possuía relações próximas com integrantes dessa mesma instituição e foi um dos indivíduos mais atuantes no processo que levou à deposição do antigo prefeito.

No que concerne aos jornais utilizados nesse trabalho, as suas histórias se imbricam com a própria história dos partidos no município, visto que, o processo de formação dos diretórios partidários locais esteve intimamente relacionado à história dos jornais locais. Os partidos tinham-nos como porta-vozes de seus projetos e ideários políticos e, através deles, manifestavam não somente posições quanto a querelas políticas locais, mas também quanto a questões de interesse e abrangência nacionais.

Portanto, empreender um estudo sobre esses partidos significa, na prática, debruçar-se sobre 20 anos de edições de tais jornais que, além da função estratégica que desempenhavam para os partidos, figuram-se entre as poucas fontes de trabalho acessíveis. Desta forma, há poucos registros sobre a atuação dos políticos e partidos além daqueles feitos pelos jornais em questão.

A partir da década de 1950, os jornais dos grandes centros urbanos passaram por um processo de remodelação devido a investimentos em maquinários que, por serem muito custosos, passaram a comprometer a autonomia dos jornalistas quanto ao conteúdo escrito. Os jornais, a partir de então, passaram a obedecer a uma lógica de mercado que condicionava os conteúdos e matérias jornalísticas a sua capacidade de repercussão junto às massas. Assim, aos poucos, os jornais iam perdendo sua faceta política, marca predominante até então.

⁵ CUNHA, Maria Suzel Coutinho S. *Memória Oral: Depoimentos – Entrevistas*. Vol.:1. Cadernos de Cultura. Nova Friburgo, RJ. 1987.

Em Nova Friburgo, contudo, devido ao número pequeno de habitantes naquela época, se comparado ao do Distrito Federal, esse fenômeno não se processara e os jornais exibiam ainda na década de 1950 e, na subsequente, um caráter fundamentalmente político-partidário.

Carla Siqueira, em estudo dos jornais *A Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* – que, segundo a autora, eram exceções ao modelo de jornais que começava a se impor – afirma que esses veículos foram “concebidos para ampliar o apoio popular a determinados líderes políticos (respectivamente, Getúlio Vargas, Ademar de Barros, Chagas Freitas e Tenório Cavalcanti)”.⁶ Ainda de acordo com a autora:

“Manchetes indignadas, denunciando abusos contra a população, eram a marca principal dos jornais populares e sinalizavam cotidianamente sua postura em defesa do povo. A força gráfica das letras garrafais enfatizava o tom de denúncia.”

Os jornais friburguenses do período em questão tinham características similares às destacadas por Carla Siqueira: possuíam manchetes sensacionalistas que apelavam para a emoção e comumente apresentavam denúncias. Essas publicações se colocavam “à defesa do povo” e tinham como um de seus objetivos principais a construção de elos entre leitores – potenciais eleitores – e os políticos que os periódicos representavam. A primeira edição do jornal *A Voz da Serra*⁷ é um exemplo de publicação que continha as características citadas acima. Em seção denominada “Apresentando-nos”, o semanário afirmava: “Com o presente número, ingressa o *A Voz da Serra* nas lides do periodismo nacional, movida do sadio intuito de colaborar com o nosso povo em prol da grandeza da Pátria.” Mais adiante, anunciava ainda:

“Não nos limitaremos, porém, aos assuntos de índole meramente regional; interviremos, na altura de nossa capacidade intelectual, em todas as questões e problemas que se agitem na grande imprensa, fazendo-nos arautos de todas as boas idéias e defensores de todas as causas justas.”

Através dessas palavras, verificam-se alguns elementos que serão comuns aos três principais jornais do município no período. O primeiro, era a autodenominação dos jornais como um instrumento de defesa da população; o segundo, e consequência do primeiro, era o caráter político que os jornais apresentavam, tornando a política inerente à atuação jornalística; e, o último, o fato de os jornais friburguenses não se limitarem a assuntos locais,

⁶SIQUEIRA, Carla. *Sensacionalismo e Retórica Política em Última Hora, O Dia, e Luta Democrática no Segundo Governo Vargas (1951-1954)*In: NEVES, L; MOREL, M; FERREIRA, T. *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. RJ:FAPERJ, 2006, p.414.

⁷ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 07/04/1945.

sendo comum a apresentação de manchetes que abordavam questões sobre a esfera estadual e nacional, e quiçá, internacional, como no caso da Segunda Guerra Mundial.

Ao se observar a primeira página desses jornais, verifica-se que seus conteúdos eram fundamentalmente políticos: em alguns momentos se fazia campanha explícita aos candidatos com os quais estes jornais coadunavam; em outras situações, fazia-se denúncias acerca dos problemas que afligiam a população e município (denúncias essas que aumentavam e se tornavam mais contundentes quando o político no poder era de oposição); e, por fim, quando o político eleito pertencia ao grupo representado pelos jornais, eram tecidas diversas homenagens a ele e produzidas matérias, noticiando suas benesses para com a população.

À época do recorte desta pesquisa, existiam três jornais que funcionaram de forma ininterrupta⁸ no município. Eram eles: *A Voz da Serra*, *A Paz* e *O Nova Friburgo*. Esses periódicos representavam, respectivamente, os diretórios regionais do PSD, UDN e PTB. Tais jornais se configuravam, junto com a rádio local, como os principais veículos de comunicação e informação friburguenses, pois, embora coexistissem outros títulos, estes possuíam duração efêmera, se limitando, geralmente, a escassas edições.⁹

O jornal *A Paz* foi criado por Galdino do Vale Filho e outros políticos como um órgão do Partido Republicano Friburguense em 6 de dezembro de 1906 e se resultou do esforço de conciliar diferentes lideranças políticas, daí advindo o nome *A Paz*. Já em suas primeiras edições, era possível notar a principal marca do jornal durante o tempo de sua existência: as matérias de denúncia e oposição a outros grupos políticos.

Décadas após a criação do *A Paz*, Galdino fez parte do grupo de resistência à Revolução de 1930 e, por ocasião do sucesso dela, se exilou no exterior. Sem a presença física de Galdino e com falta de recursos financeiros, o jornal permaneceu extinto por algum tempo. Depois de reinaugurado¹⁰, se manteve como jornal de oposição a Getúlio Vargas, chegando, inclusive, a ser alvo de retaliação por parte dele. Uma marca registrada do *A Paz* eram os

⁸ O jornal o Nova Friburgo ficou alguns meses sem funcionar em 1963, sendo em seguida comprado pelo Diretório do PTB.

⁹ De acordo com as pesquisas realizadas no Catálogo de jornais da Fundação Dom João VI Pró-memória e também com um levantamento realizado pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, pode-se levantar o número de 10 jornais de caráter comercial circulando entre os anos de 1945 a 1965. Entretanto, excetuando o três estudados nessas pesquisas, os demais jornais não tiveram continuidade por muitas edições.

¹⁰ Devido à ausência de exemplares no acervo consultado, acreditamos que a reinauguração do jornal se deu no ano de 1937.

extensos editoriais escritos por Galdino e caracterizados por uma retórica rebuscada, cujos temas centravam-se nas diversas esferas políticas.

Em 1945, quando da criação dos partidos, Galdino fundou o diretório regional da UDN, partido que, assim como o político, tinham como elemento comum o antigetulismo. A partir de 1945, o jornal tornou-se o principal porta-voz da UDN perante aos leitores friburguenses.

A criação do jornal *A Voz da Serra* remonta a um passado um tanto mais recente. Sua fundação ocorreu em 7 de abril de 1945 e estava diretamente ligada ao surgimento do diretório do PSD em Nova Friburgo. O periódico surgia da necessidade de criar uma interlocução entre o partido e seu eleitorado. Segundo a jornalista Dalva Ventura¹¹, assinaram como fundadores do jornal, que inicialmente seria em sistema de cotas, os seguintes nomes: Américo Ventura Filho, José Côrtes Coutinho, Dante Laginestra, Juvenal Marques, Juvenal Marques Filho, Carlos Rotary, Odílio Quintaes, Carlos Cortes, José Ferreira e Messias de Moraes Teixeira - todos membros do PSD.¹² Ainda de acordo com Dalva, o jornal, assumidamente partidário, teria sua circulação suspensa após as eleições. No entanto, a recepção do público havia sido tão positiva que seus responsáveis resolveram dar continuidade ao projeto.

Apesar do exposto, no discurso inaugural de apresentação do jornal não se fazia menção alguma sobre o partido e, acompanhando o título do jornal, seguia o seguinte aposto: “semanário independente”. Contudo, embora não houvesse nenhum registro explícito no jornal que demonstrasse que este era um órgão do PSD local, através de suas matérias, era possível, sem muito esforço, descobrir o seu posicionamento político-partidário. A manchete, em letras garrafais, dizia: “Com o General Dutra, disciplinados, unidos e coesos, marcharemos para a Vitória, levando de vencida todos os óbices que surgirem na senda que trilhamos.”¹³

O jornal seguiria sob a égide do PSD até 1953, quando o partido teria decidido encerrar seu funcionamento. A partir desse momento, Américo Ventura Filho – um dos membros fundadores do jornal e defensor das ideias do PSD – compraria as demais cotas. Desde então, o jornal ficaria a cargo da família Ventura até os dias atuais. Entretanto, ao se

¹¹Informações obtidas no verbete escrito por Dalva de Oliveira sobre o jornal *A Voz da Serra*, situado no acervo da Fundação Dom João VI.

¹² José Côrtes Coutinho foi seu diretor e o seu gerente era Juvenal Marques Filho.

¹³ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 7 de abril de 1945.

analisar as edições entre 1953 (ano em que muda a direção do jornal) e 1964 (fim do recorte dessa pesquisa), não foram observadas mudanças quanto às posturas políticas do jornal, que seguiu, ainda que não oficialmente, como um porta-voz do PSD em Nova Friburgo.

Por fim, o terceiro jornal utilizado nessa pesquisa, *O Nova Friburgo*, foi fundado por dissidentes do jornal *O Friburguense* em 22 de maio de 1904. À época de sua fundação e sob direção de Aristides Silva, ainda não estampava suas manchetes em caixa alta, recurso que o caracterizaria durante o recorte desta pesquisa. O jornal contava com quatro páginas, possuía alguns anúncios e suas matérias eram fundamentalmente políticas. Entretanto, circulou por cerca de 2 anos e depois encerrou suas atividades.

Após 25 anos, o jornal foi reinaugurado sob o comando de Juvenal Marques – que, posteriormente, seria um dos fundadores do *A Voz da Serra*. Durante o período em que foi propriedade de Juvenal, *O Nova Friburgo* se voltava mais à divulgação de notícias acerca do cotidiano da cidade, dando destaque a eventos e comunicados, sem dar tanta atenção à questão política, que embora essa estivesse presente, não era o foco principal do jornal.

Tempos depois, o jornal passa por outra mudança em seu comando, passando a pertencer ao jornalista, historiador e petebista Pedro Cúrio a partir de 1946. A partir desse momento, a publicação vivencia uma profunda mudança editorial e a questão política passa a ocupar lugar central nas suas páginas. Por conta da filiação de Cúrio ao PTB, foi possível verificar em *O Nova Friburgo* um grande destaque às notícias do partido, bem como campanhas e comentários elogiosos aos seus políticos. Dessa forma, através da leitura das edições, até o leitor mais desavisado notaria a vinculação do jornal ao partido. Entretanto, isso não impedia que o *O Nova Friburgo* divergisse vez ou outra do PTB local, como é o caso das críticas que o jornal fez, após o insucesso no pleito, à escolha do candidato a prefeito, bem como a seus dirigentes regionais. Tais reprovações eram evidências das próprias disputas internas do partido. O fato de pertencer a um petebista e não ao partido em si conferia ao jornal – e a Cúrio – a liberdade de veicular posturas que destoavam das posições oficiais do PTB.

Em 1962, porém, o jornal é vendido a um grupo de militantes do PTB – Messias de Moraes Teixeira, Alberto Juliano de Jorge, Mário Haiut, Laura Milheiro de Freitas e Esperidião Mussi¹⁴. E a partir desse período, passou oficialmente a estar sob diretório do partido.

¹⁴ Informações obtidas no verbete escrito por Ronnie Peterson Silva de Andrade sobre o jornal *O Nova Friburgo*, situado no acervo da Fundação Dom João VI.

A partir de 1965, por ocasião da ditadura civil-militar no país e da consequente extinção do sistema pluripartidário, além da emergência dos órgãos de censura, os jornais friburguenses deixam de funcionar como “órgãos partidários”, e os contundentes discursos políticos se tornam aos poucos mais amenos. Com isso, perdem-se as “matérias-denúncia”, e o tom oposicionista dos jornais é atenuado aos poucos.

1 BOAS-VINDAS À DEMOCRACIA: NOVA FRIBURGO ENTRE 1945 E 1951

1.1 Um breve retrospecto sobre Nova Friburgo

Nos idos de 1940, Nova Friburgo possuía cerca de 40 mil habitantes¹⁵ e havia consolidado há pouco tempo seu processo de urbanização e industrialização. O município, que era conhecido como a Suíça Brasileira, era um famoso destino turístico, tanto na área de lazer, quanto educacional,¹⁶ e surgia como um dos pólos da indústria têxtil no estado do Rio de Janeiro. A alcunha de “Suíça Brasileira”, embora fosse uma construção que datasse da primeira metade do século XX, aludia à colonização suíça ocorrida durante o início do século XIX na região. Era fruto de uma estratégia construída por setores da política friburguense, bem como do empresariado¹⁷ e, além de servir como slogan turístico, tinha como intuito promover e associar a imagem do município à Europa e ao progresso. Nesse sentido, João Raimundo de Araújo afirma:

“A ideologia criadora do mito sistematizou-se em Nova Friburgo durante o processo desta grande indústria têxtil e, em minha hipótese, constitui-se num resultado da articulação ocorrida entre setores das elites políticas locais de tendência conservadora com os interesses desse empresariado alemão, patrocinador da indústria e, mais do que nunca, interessado na criação de um mundo do trabalho dócil e disciplinado.”¹⁸

Entretanto, a despeito do que foi exposto a princípio, se no século XX, a economia do município podia ser considerada majoritariamente industrial, o mesmo não podia se dizer em fins do século XIX. É justamente para compreendermos a Friburgo que se afigurava na primeira metade do século XX, que se faz necessário voltar no tempo, uma vez que os processos que permitiram tal configuração do município tiveram início tempos antes.

¹⁵ De acordo com os dados obtidos na Fundação Dom João VI Pró-memória, o Censo de 1940 havia contabilizado 39.210 habitantes.

¹⁶ Nova Friburgo possuía colégios, que funcionavam em regime de internato, bastante conceituados nacionalmente. Entre eles, destacava-se o Colégio Anchieta, sob direção da ordem jesuítica, que chegou a abrigar figuras como Carlos Drummond de Andrade e Rui Barbosa.

¹⁷ A partir do início do século XX, empresários oriundos da Alemanha se estabeleceram na região e deram início ao processo de industrialização que tinha como ênfase o setor têxtil.

¹⁸ ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira*. Tese de Doutorado. PPGHS-UFF, 2003. p. 7.

É impossível pensar a história de Nova Friburgo sem relacioná-la à sobrepujança econômica que o setor cafeeiro representou para o estado do Rio de Janeiro durante o século XIX. Embora não dependesse diretamente do cultivo do café, haja vista que suas terras pantanosas e montanhosas, além de suas temperaturas frias, eram um empecilho para tal prática¹⁹, Nova Friburgo se beneficiava da proximidade que possuía com regiões cafeeicultoras, como era o caso de Cantagalo. Assim, aos poucos se estabelecia como abastecedora de gêneros alimentícios, além de proporcionar hospedagem para os indivíduos que viajavam movidos pela economia cafeeira, funcionando como local de passagem entre Cantagalo e a capital.

Em 1873, sob a orientação do 2º Barão de Nova Friburgo, foi inaugurado o trecho ferroviário que ligava Cachoeiras de Macacu a Nova Friburgo. Com isso, o município e o Rio de Janeiro tornavam-se mais próximos do que nunca. Porém, o projeto de construção da malha ferroviária na região era mais antigo, datando de 1857, quando foi firmado o contrato de concessão entre Dom Pedro II e o 1º Barão de Nova Friburgo - Antônio Clemente Pinto – fundador da Estrada de Ferro Cantagalo. A construção estava atrelada à crescente necessidade de uma escoação mais rápida da produção cafeeira na região de Cantagalo.

Segundo João Raimundo,²⁰ a implantação da estrada de ferro teve importância central no processo de urbanização do município. Foi a partir disso que o papel de Nova Friburgo como abastecedora de gêneros alimentícios se consolidou, deixando de restringir suas atividades comerciais somente às cidades vizinhas, passando a alcançar também o Rio de Janeiro. Além disso, o encurtamento do tempo de viagem da capital até a cidade, tornou Nova Friburgo um reduto turístico para aqueles que desejavam fugir das altas temperaturas do Rio de Janeiro.

Desse modo, impulsionada pelo contingente de pessoas que a estrada de ferro trazia para a região, Nova Friburgo aos poucos dinamizava seu centro urbano, inaugurando hotéis, escolas, alfaiatarias, sapatarias e até uma pequena fábrica de cerveja. Assim, mais tarde, à época do declínio do setor cafeeiro, o município já havia desenvolvido tanto seu setor comercial, quanto turístico, garantindo uma certa autonomia em relação à economia do café.

¹⁹ À exceção do distrito de Lumiar, que registrava temperatura mais elevadas. Lá se estabeleceram alguns grupos de antigos colonos suços e seus descendentes se dedicavam ao cultivo do café;

²⁰ ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: o processo de urbanização da “Suíça Brasileira”*. PPGHS-UFF, 1992. Dissertação de Mestrado; p.130.

Durante o período que se estendeu pela Primeira República, Nova Friburgo era ainda consideravelmente agrária. Possuía vários representantes desse setor atuando na vida pública, seja através de mandatos eletivos, ou de concessões públicas, como era o caso da família Clemente Pinto²¹, cujos integrantes haviam desenvolvido o projeto ferroviário. Por outro lado, havia outro importante grupo político que disputava o poder com os “coronéis” do café: tratava-se dos profissionais liberais, indivíduos que haviam obtido ensino superior e migravam ou retornavam ao município para atuar profissionalmente. Embora as formações mais comuns fossem na área do Direito, da Medicina e, posteriormente, Engenharia, seriam, sobretudo, os médicos que se destacariam na vida política friburguense.

O primeiro médico a ganhar maior projeção na política friburguense foi o Doutor Ernesto Brasília de Araújo, que assumiu a chefia da Câmara Municipal em 1897. Esse fato se alinha ao que ocorria em prospecto nacional, quando médicos passavam a ganhar papel de destaque na vida pública, devido à valorização que se dava no momento à ideologia higienista. De acordo com João Raimundo de Araújo, a partir da eleição de Ernesto Brasília, vivencia-se uma transformação de ordem política, alternando o grupo que exercia o poder no município, antes predominantemente ligado ao setor agrário. Isso justificaria, ainda, a tradição de prefeitos médicos no município, que se firmaria décadas mais tarde.

Nas décadas seguintes, a disputa política polarizou-se nas figuras de dois personagens que representavam diferentes setores. De um lado, o coronel Galeano das Neves Júnior, representante do setor agrário friburguense; do outro, o médico Galdino do Vale Filho, que havia ingressado na vida pública como vereador em 1906 e cuja carreira política voltou-se para temas relacionados à industrialização, urbanização e saúde pública.

Pouco tempo depois de se eleger vereador, no final do primeiro decênio do século XX, Galdino foi atuante no que se considerou o início do processo de industrialização da cidade. O político foi fundamental para que o empresário alemão Maximilliam Falck instalasse a Fábrica de Rendas Arp no município. Tal empreendimento só fora possível pela forte atuação do grupo liderado por Galdino do Vale Filho, que garantiu ao empresário a concessão para a construção da Companhia de Eletricidade à revelia do Coronel Galeano Emílio das Neves Júnior, que presidia a Câmara de Vereadores²² no momento. A concessão da energia elétrica

²¹ A família Clemente Pinto possuía grande poder econômico na região, sendo possuidora de vastas propriedades de terras, nas quais se cultivava café. O 2º Barão de Nova Friburgo, Bernardo Clemente Pinto, chegara a ser apontado como um dos dez homens mais ricos do país.

²² Nesse período, o presidente da Câmara acumulava funções executivas e legislativas, atuando como uma espécie de prefeito;

era condição sine qua non para a instalação da Fábrica de Rendas Arp. Sabendo disso, Galdino promoveu intensa campanha, tanto em seu jornal quanto na Câmara, a favor da concessão de energia a Maximilliam Falck. Essa campanha ganhou adesão popular e resultou em um episódio que ficou conhecido na história friburguense como “A noite da quebra dos lampiões”, quando populares foram às ruas exigindo melhorias no serviço de iluminação. Pressionada, a Câmara de Vereadores cedeu a concessão de energia elétrica ao empresário alemão. A partir desse episódio, nas décadas subsequentes instalaram-se outras fábricas também da área têxtil, garantindo, assim, a Nova Friburgo o status de cidade industrializada.

A análise do processo de industrialização friburguense evidencia duas questões importantes e correlatas: em primeiro lugar, a originalidade desse processo, que não foi fruto de um complexo econômico-cafeeiro, mas de empreendimentos de origem estrangeira e comercial em junção com setores políticos; em segundo, a transição gradativa da base econômica do município, que aos poucos abandonou a preponderância do setor agrário, cedendo, então, espaço ao industrial.

Em 1913, Galdino se elegia presidente da Câmara. À frente do poder municipal, ele colocaria em prática as medidas públicas necessárias para o projeto de cidade que defendia, principalmente, no tocante à industrialização, ao turismo e à saúde pública. De acordo com Ricardo da Gama Costa,²³ foram medidas adotadas por ele:

“Higiene e saúde pública foram um capítulo especial de seu governo, no ataque às doenças infecciosas, como o tifo, a tuberculose e o alastrim, enfrentando o problema das águas, preservando a zona da represa de abastecimento e adotando campanha de vacinação, além de isolamento dos doentes em prédio próprio (o Lazareto). Foi criado ainda o Serviço de Obras, que reconstruiu o leito das ruas e criou novos jardins públicos.”

É interessante destacar que, para o político, saúde e turismo estavam interligados, uma vez que, ao tentar promover o município turisticamente, Galdino do Valle Filho destacava os benefícios que a prática do turismo trazia às pessoas enfermas, bem como àqueles que procuravam uma melhor qualidade de vida, no tocante à salubridade. Através de discursos notadamente ufanistas e romantizados, Galdino construía a imagem de um município perfeito para aqueles que buscavam saúde, como se observa nas linhas a seguir:

“É esse clima que opera milagres; é toda a Friburgo com suas lendas e suas graças, que, como um grande sanatório aberto, ampara e consola, fortalece e redime a todos

²³ COSTA, Ricardo da Gama. *Visões do paraíso capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. (Dissertação de Mestrado). PPGHS-UFF, 1997, p.41.

quantos esfalfados na luta pela vida, ou exauridos pela doença implacável, anseiam para se salvar, de um pouco mais de oxigênio e muitas esperanças.”²⁴

Outro ponto importante defendido por Galdino e também atrelado à noção de turismo era a difusão da temática da colonização Suíça em Nova Friburgo, assunto que nortearia, no porvir, os discursos de diferentes políticos do município.²⁵

Por ocasião da Revolução de 1930, mais uma vez se evidenciou no município a dicotomia política citada anteriormente. Por um lado, Galdino, como afirma Ricardo da Gama Costa, “arregimentou forças em defesa do governo federal junto às fábricas de Nova Friburgo, cujos donos recrutaram os trabalhadores para a luta”.²⁶ Por outro lado, Galeano, que pertencia a uma família de coronéis de origem mineira, foi incumbido pelo Partido Democrático Fluminense de recrutar indivíduos que pudessem lutar pela revolução.²⁷ Com a vitória de Getúlio Vargas e o grupo que representava, Galdino foi preso algumas vezes²⁸ e, por fim, se exilou em Portugal.

Lista de Prefeitos de Nova Friburgo entre 1930 e 1947

Períodos	Nomes
28/10/1930 a 21/12/1930	José Galeano das Neves e Carlos Alberto Braune ²⁹
21/12/1930 a 28/06/1932	Dr. José de Sousa Miranda
28/06/1932 a 14/11/1935	Dr. Hugo Floriano Mota
14/11/1935 a 03/12/1935	Dr. Mânlio de Araújo Silva
03/12/1935 a 04/05/1936	Dante Laginestra
04/05/1936 a 29/07/1936	Dr. Alberto Pôrto da Silveira

²⁴ VALLE FILHO, Galdino do. *Lendas e Legendas de Friburgo*. Rio de Janeiro: Off. Graph Pernambucana, 1928. p.19.

²⁵ Galdino do Valle Filho foi uma das principais e primeiras lideranças políticas a propagar a idéia de Nova Friburgo, como uma “Suíça Brasileira”, através das comemorações do centenário do município em 1918. A defesa de tal questão também é tema de um dos capítulos do seu livro “*Lendas e Legendas de Friburgo*”.

²⁶ COSTA, *Op.Cit.*, p.62.

²⁷ Botelho, Maria Janaína. <http://historiadefriburgo.blogspot.com.br/2010/09/o-impacto-da-revolucao-de-30-em-nova.html>.

²⁸ CASTRO, Elizabeth Vieiralves de. Nova Friburgo: *Medicina, poder político e História – 1947 -1977*. *Dissertação de Mestrado*. UERJ – IFCH. Dissertação de Mestrado. 2001, p.49;

²⁹ Junta governativa nomeada pelo Capitão Luís Braga Muri, por ocasião da Revolução de 1930.

29/07/1936 a 10/11/1945	Dante Laginestra
10/11/1945 a 16/11/1945	Odílio Quintais
10/11/1945 a 12/04/1946	Dr. Helênio Freire Verani
12/04/1946 a 25/12/1946	Dante Laginestra
25/12/1946 a 30/12/1946	Odílio Quintais
30/12/1946 a 20/03/1947	Dr. Hélio Veiga
20/03/1947 a 28/03/1947	Dr. Antônio Côrtes
28/03/1947 a 12/10/1947	Dr. José Eugênio Muller

Fonte: SOARES, Décio Monteiro. In: Terra Friburguense, 2º edição, 1960.

A partir de então, emergiram ao poder municipal, aliados de Getúlio Vargas. Entre os anos de 1930 e 1936, vários nomes ocuparam o cargo máximo do poder executivo municipal. Esses mandatos tinham como principal característica a efemeridade; alguns chegavam a durar menos de um mês. Já a partir de 1936 e, depois, no período que se estendeu ao que corresponde ao Estado Novo, Dante Laginestra assumiu a chefia do executivo municipal, governando por nove anos consecutivos.

Após o longo mandato de Dante, o município viveu novamente um período de várias gestões curtas; algumas de duração inferior a um mês. O próprio Dante Laginestra, inclusive, foi uma das figuras a dirigir o município num desses governos- relâmpago. Durante esse curto retorno ao poder, ocorreu uma enchente do Rio Bengalas, que corta o centro da cidade. Essas enchentes já eram velhas conhecidas do povo friburguense. Em quase todo verão, havia precipitações das águas às margens do rio, conforme relatos que as descrevem desde o século XIX. Embora a população local vivenciasse esse transtorno há tanto tempo, não haviam sido tomadas medidas efetivas a fim de evitá-lo. Aproveitando-se disso, os jornais dos partidos de oposição fizeram duras críticas à gestão de Dante Laginestra. O *A Voz da Serra*, em sua primeira edição, deixava claro seu posicionamento ao sair em defesa do político. Como estratégia, comparou a enchente de Friburgo à que ocorrera em Petrópolis e afirmava ironicamente:

“Até o presente momento ainda não houve, porém, quem se lembrasse de acusar o prefeito local pelo excesso da chuva e o conseqüente transbordamento do Piabanha, a exemplo do critério adotado aqui por meia dúzia de forasteiros”.³⁰

³⁰ Jornal *A Voz Da Serra*, edição de 07 de abril 1945.

Na contramão do jornal *A Voz da Serra*, *O Nova Friburgo* fazia intensa oposição a Laginestra. Por ocasião da posse do interventor Dr. Hélio Veiga, mais um dos indivíduos de curto mandato, lia-se na primeira página do jornal *O Nova Friburgo*: “Depois de permanecer acéfala durante longos anos, a nossa prefeitura volta a ter um homem ocupando cargo de prefeito, de quem muito se espera pela capacidade, cultura e atividade”.³¹ Ainda na mesma edição, denunciava que o *A Voz da Serra* teria publicado uma nota caluniosa ao afirmar que Dante Laginestra se candidataria ao executivo local pelo PSD, conclamava os “verdadeiros” pessedistas a não votarem em Dante. Episódios como os relatados acima não eram uma exceção na vida política e jornalística de então. Através da análise dos jornais da época, percebe-se que Dante Laginestra era a figura política mais citada pela imprensa local, fosse por seus opositores ou por aliados. A emergência e a consolidação do político como uma referência local se deveu ao fato deste ter desempenhado a mais longa gestão em um período de inúmeros interventores, cujos governos eram marcados pela brevidade. Isso colaborou para que Laginestra despontasse como uma figura expressiva nos âmbitos municipal e regional, sendo eleito, posteriormente, deputado estadual.

1.2 O cenário político fluminense (1945-1947)

Compreender as dinâmicas político-partidárias friburguenses é, sobretudo, entender o contexto no qual estas estavam inseridas, haja vista que as configurações que o município apresentava à época faziam parte de um contexto muito específico, só compreensível e possível à luz dos eventos das histórias políticas fluminense e nacional.

Em 1945, o estado do Rio de Janeiro, assim como o restante do país, passava por um momento de profunda transição e reestruturação política devido ao fim do Estado Novo. Tal qual no cenário nacional, que agora possuía um sistema pluripartidário, o PSD, a UDN e o PTB despontavam no contexto fluminense como os partidos de maior representatividade. Dentre eles, o PSD encontrava-se com uma certa vantagem em relação aos demais pelo fato de ter como membros de sua bancada as figuras que exerciam os principais cargos políticos no Rio de Janeiro durante o Estado Novo. Conforme afirma Lucília Delgado:

³¹ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 05 de janeiro 1947.

“O PSD, ‘criado de dentro para fora do Estado’, teve seus antecedentes enraizados na máquina administrativa do governo Vargas, no plano federal, e nas interventorias, na esfera estadual, o que possibilitou ao partido já nascer controlando uma sólida infra-estrutura administrativa-clientelista, nos diversos Estados da federação.”³²

Entre 1937 e 1945, o Rio de Janeiro teve como interventor federal a figura de Ernani do Amaral Peixoto que, ao fim do Estado Novo, já havia se consolidado como uma das principais lideranças políticas da região e que, agora ingressando no PSD, tornava-se o grande líder do partido no território fluminense. Nesse período, havia dois grupos que rivalizavam pelo poder: de um lado, o grupo representado por Amaral e, de outro, o “macedismo”, liderado pela família Macedo Soares.

Inicialmente, Ernani Amaral Peixoto tinha interesse em concorrer às eleições para o governo do Estado; entretanto seus planos se frustraram quando antigos interventores passaram a ser impedidos de concorrer às eleições de 1947, o que provocou uma cisão dentro do PSD, que não conseguia chegar a um candidato unânime após a impossibilidade da candidatura de Amaral. Por fim, o partido resolveu lançar a candidatura de Edmundo de Macedo Soares. O político surgia com uma campanha que teve como característica a aliança dos três partidos mais expressivos no estado: PSD, UDN e PTB, além do apoio do governo federal, como afirma Sílvia Pantoja³³:

“Amaral Peixoto, considerando as dificuldades para restabelecer a coesão que caracterizava o PSD-RJ, não encontrando um nome consenso para concorrer à sucessão capaz de unir as correntes partidárias e, ao mesmo tempo atento do crescente fortalecimento da UDN-RJ, decidiu acatar a sugestão de Dutra e fechar a posição em torno da candidatura de Edmundo Macedo Soares ao Ingá.”

É interessante notar que, em Nova Friburgo, o posicionamento do PTB quanto a Amaral oscila profundamente a partir do momento que o político desiste da idéia de concorrer à chefia do Estado. Acreditamos que tal mudança tenha sido motivada pelo apoio de Amaral ao principal inimigo político do PTB local, Dante Laginestra. Em edição de 07 de abril de 1946, o jornal do partido afirmava em apoio ao político: “Amaral Peixoto demonstra estar atento aos problemas do Estado”. Já em 30 de junho de 1946, o partido apresentava outro posicionamento, afirmando que, embora Amaral Peixoto fosse um bom administrador, teria feito “reverter ao cargo o prefeito Dante Laginestra”. Em edição de 08 de outubro de 1946, o jornal ia além e afirmava: “O PTB neste estado considera o Sr. Amaral Peixoto um traidor.”

³² DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. 2ª edição. São Paulo: LTr 75, 2011, p.33.

³³ CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. *Amaralismo e pessedismo fluminense: o PSD de Amaral Peixoto*. Tese de doutorado. PPGHS-UFF: 1995. p.183.

Sobre a postura do PTB, é interessante notar que o partido só revelara os contragostos que tinha em relação ao político, a partir do momento em que Amaral Peixoto anunciou que não concorreria ao governo do estado. À medida que aumentava a tensão política dentro do PSD e no cenário político fluminense, aumentavam as críticas do PTB friburguense a Amaral Peixoto. Esse fato denota a importância do que acontecia em âmbito fluminense no cotidiano político de Nova Friburgo.

No tocante à política de alianças com vistas à eleição de Macedo Soares, esta ocorrera também na esfera municipal e, nesse momento os três principais partidos do município convergiam em torno da candidatura do político, o que é atestado e demonstrado na manchete do jornal ligado ao PTB, por exemplo, que divulgava a seguinte fala de Macedo Soares: “Traz-me enorme alegria receber o apoio do Partido Trabalhista Brasileiro”.³⁴

Uma vez assumindo o poder, Macedo Soares montou sua própria máquina política: “logo no começo de março desviou-se dos compromissos firmados com as lideranças pessedistas, e, sem consultar as chefias locais, deu início às primeiras nomeações para as prefeituras.”³⁵ Foi o que ocorrera em Nova Friburgo, onde Dante Laginestra, que gozava de bastante contato com Amaral Peixoto, foi destituído do cargo de chefe do executivo para dar lugar a José Eugênio Muller.

Durante o governo de Macedo Soares, iniciou-se uma tensão dentro do PSD, dividido entre o grupo “amaralista” e o “macedista”. Enquanto o primeiro seguia os preceitos de Vargas, que se esforçava em manter a aliança entre PSD e PTB, o segundo era mais fiel a Dutra e interessado em manter a aliança com a UDN. Tal conflito se verifica na chamada da seguinte matéria de *O Nova Friburgo*:

Governador versus Amaral Peixoto

Em poucas palavras o governador feriu o deputado Amaral Peixoto – Um discurso que foi a bandeira vermelha ante amaralista – A cisão pessedista é inevitável e foi aberta – O páreo será duro na corrida partidária.

A atitude da ala macedista de privilegiar uma aliança com a UDN, causou um certo estremecimento entre setores do PTB com o PSD, o que serviu para acirrar as disputas entre ambos. Contudo, a despeito dos esforços de Amaral Peixoto em manter a aliança com o PTB em Nova Friburgo, o partido tecia diversas críticas à política conciliatória de Amaral, cobrando o seu desligamento do PSD. Em Nova Friburgo, o PTB procurava, sempre que

³⁴ Jornal *O Nova Friburgo*, edição 02 de outubro de 1946.

³⁵ CASTRO. *Op.Cit.*, p. 191.

possível, associar sua imagem ao “getulismo” e considerava que a permanência de Amaral Peixoto no PSD – apesar de uma certa tensão que se travava entre o partido e Getúlio Vargas após eleição de Dutra – era uma traição. Esse conflito podia ser percebido na matéria do jornal *O Nova Friburgo*,³⁶ que tentava transparecer a ideia de que o PTB era o partido escolhido por Vargas. O artigo além de expor a querela entre o partido e Vargas, era também uma oportunidade para desfilar críticas a Amaral Peixoto, como observamos no trecho transcrito a seguir:

O Senador Getúlio Vargas rompe com o PSD

A nota política de mais sensação da semana finda foi a declaração categórica e definitiva do senador Getúlio Vargas, de que S. Exa. está e estará com o PTB e que lutará democraticamente ao lado dos trabalhadores até a vitória final!

Até aqui os políticos do PSD têm lançado a confusão em torno da situação do senador Vargas, fazendo crer s. exa. era mais pessedista que trabalhista. Agora, porém, fica clareada a posição do sr. Getúlio Vargas que afirma estar com os petebistas e com eles lutará até o fim. (...)

Está pois lançado o desafio do sr. Getúlio Vargas. Ele prefere ficar com os operários e com eles travar uma batalha eleitoral que não poderá deixar ser vitoriosa, pois todos os trabalhadores fluminenses não poderão deixar de acompanhar aquele que nunca os desamparou.

Em torno dessas atitudes do senador Getúlio Vargas, como ficará o deputado Amaral Peixoto? Ficará ainda com os pessedistas que tanto têm humilhado seu sogro e protetor? Será que o sr. Amaral Peixoto esquece o muito, o tudo que deve ao ex presidente Vargas, só pela vaidade de manter meia dúzia de prefeituras?

Apesar das divergências internas citadas, ainda assim o PSD garantiu sua supremacia nas eleições municipais, elegendo a maioria dos prefeitos e vereadores, à exceção de Nova Friburgo. Os motivos para esse resultado serão tratados mais adiante neste capítulo.

Até o final de seu governo, Macedo Soares tentou diversas estratégias para ocupar o lugar que Amaral representava na política fluminense. A política clientelista era uma das marcas de Macedo Soares. Durante esse período, o político tentou aumentar sua base de apoio, utilizando-se da estrutura política estatal. Todavia, a campanha empreendida por ele não foi capaz de ofuscar a dominância de Amaral na política fluminense.

Em 1950, Amaral Peixoto se elegeu, enfim, chefe do executivo fluminense, tomando posse no dia 31 de janeiro de 1951. O político, que obteve maioria expressiva dos votos (72%), demonstrou que, não obstante as ações de Macedo Soares, continuava dominante no contexto fluminense.

³⁶ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 31 de julho de 1949.

Durante a campanha, ficou ainda mais evidente a predileção política de Edmundo Macedo Soares pela UDN, bem como sua rivalidade em relação a Amaral, uma vez que Macedo Soares apoiou como sucessor o candidato udenista Prado Kelly.

Ao contrário de Edmundo Macedo Soares, que havia prometido governar para além das questões partidárias - embora a prática não tenha correspondido ao discurso-, Amaral Peixoto firmou seus compromissos com o PSD. Durante seu governo, Amaral procurou garantir-se politicamente através das municipalidades, fazendo visitas e mantendo o contato com seus representantes políticos e com os diretórios locais do PSD. Além disso, Amaral procurou promover a recuperação econômica do estado do Rio de Janeiro, cujo orçamento recebera com déficit do seu antecessor. Para tal, investiu em uma política que visava a retomada do crescimento agrícola e a aceleração da industrialização no Estado, concedendo diversos incentivos fiscais. Entretanto, o resultado de Amaral não foi o esperado. De acordo com Sílvia Pantoja³⁷, o crescimento da década de 1950 fora incipiente se comparado ao da década 1940.

Ao fim do mandato, podemos destacar como características principais do segundo governo de Amaral Peixoto: a continuidade da política clientelista, a forte ligação com os políticos e representantes do interior do estado (que formavam a base de apoio e sustentação de seu governo), a aproximação entre PSD e PTB (que se viu ameaçada durante o governo de Edmundo Macedo Soares) e, por último e não menos importante, a consolidação do poder do PSD no Rio de Janeiro.

1.3 O surgimento dos partidos em Nova Friburgo

A ascensão do Nazismo e o desenrolar da Segunda Guerra Mundial colocaram os regimes ditatoriais no centro dos assuntos. Estes eram vistos de forma generalizada, sem atenção às peculiaridades de cada experiência e tidos como um grande perigo à paz mundial. Assim, o tema da democracia e democratização eram pontos sensíveis na política pós-45. Nesse contexto de democratização, surgem os partidos estudados aqui.

Com o desmantelamento do Estado Novo, a consequente saída de Getúlio Vargas do poder e a primeira eleição presidencial desde 1930 – elegendando Eurico Gaspar Dutra –, o país

³⁷ CASTRO. *Op.Cit.*, p. 254.

dava início ao período democrático. Este novo contexto político-institucional veio à tona após a derrocada do Estado Novo e estabelecia-se através de um pluripartidarismo de base nacional, tendo como característica tanto elementos de ruptura, quanto de continuidade com o regime anterior. De acordo com Maria do Carmo Campello de Souza, “a queda do Estado Novo foi amortecida, e sua estrutura geral aproveitada para a nova armação institucional.”³⁸

Essa relativa continuidade do Estado Novo se comprovaria, segundo Campello, nos seguintes elementos, entre outros: a absorção das interventorias e bases municipais através do PSD e dos trabalhadores urbano-industriais pelo PTB e a emergência do getulismo como movimento político.

Apesar da saída de Getúlio Vargas do governo federal, os três principais partidos que surgiram nesse período de democratização - UDN, PSD e PTB - eram intimamente ligados à figura de Vargas, o que demonstra o papel central desse político naquele período. Enquanto PSD e PTB surgiam como partidos aliados e vinculados a Getúlio, embora tivessem bases de sustentação social distintas, a UDN tinha como elemento central e norteador a oposição a Vargas. Sobre essa questão, afirma Ângela de Castro Gomes:³⁹

“Composto de partidos nacionais, esse novo sistema encontra alguns óbices para estabelecer uma dinâmica de funcionamento, entre os quais – e com destaque – o poder pessoal de Getúlio Vargas. Não é surpreendente, por conseguinte, que só após seu suicídio, em agosto de 1954, tenha conseguido mais densidade e estabilidade, superando e absorvendo a força do getulismo.”

O PSD, como dito anteriormente, fora criado dentro do próprio aparato estatal e abrigava em seu seio os antigos interventores e principais lideranças políticas do Estado Novo, o que lhe garantia uma posição privilegiada. Como afirma Edson de Oliveira Nunes:

“Partidos que se originam dentro do regime cujo lugar vão ocupar – uma vez que a mudança não é resultado de criação revolucionária de uma ordem – nascem com um estoque de recursos para patronagem que podem ser manipulados por elites identificadas com o *status quo*, que precisam de apoio popular para permanecer no poder após mudança de regime.”⁴⁰

³⁸ SOUZA, Maria do Carmo Campello de. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)*. São Paulo: Editora Alfa-omega. 3º edição, 1990. p. 134.

³⁹ Gomes, Ângela de Castro. *Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base*. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. P. 51.

⁴⁰ NUNES, Edson. *A Gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 99.

O PSD configurou-se como um partido de centro, cuja marca era a postura moderada. Durante o período que se estendeu entre 1945-64, conquistou a maioria das cadeiras na Câmara dos Deputados e Senado Federal⁴¹, o que lhe garantia expressiva força parlamentar junto ao executivo. Como aponta a análise de Lúcia Hippolito, o partido teria sido responsável pela manutenção da estabilidade política durante 1945-64. Através de uma política de alianças e coalizões, o partido funcionara como fiador da estabilidade do regime pluripartidário.

O PTB, nascido sob chancela governamental e do Ministério do Trabalho, tinha como um de seus elementos norteadores, à época de sua formação, o getulismo e o trabalhismo. O partido surgia como resultado de esforços e políticas iniciadas ainda no Estado Novo – a partir de 1942 – para uma adequação a um futuro regime político eleitoral. Como afirma Ângela de Castro Gomes:⁴² “O partido surgia, claramente, como a coroação organizacional de um longo e cuidadoso esforço de construção de uma ideologia trabalhista no Brasil, que mobilizara recursos humanos, técnicos e financeiros (...)” O partido que, embora tivesse em comum com o PSD a vinculação a Vargas, destoava dele no concernente ao plano ideológico. Enquanto o PSD representava um projeto conservador e tinha em sua composição os antigos interventores, o PTB despontava como uma solução de esquerda nacionalista, cuja base de sustentação era a classe trabalhadora urbana e sindical.

Já a UDN surgiu no cenário nacional como uma ampla frente de oposição a Vargas, reunindo figuras de diversos setores que nos anos anteriores haviam feito oposição ao Estado Novo. Isso garantiu uma composição inicial bastante heterogênea ao partido, que reunia desde membros das antigas oligarquias destituídas com a Revolução de 30 até grupos liberais e as esquerdas. O único elemento aglutinador desses setores que participaram da fundação da UDN era o antigetulismo. Desse modo, ainda no decorrer de 1945, essa frente começou a se dissolver com a dissidência de setores de esquerda, consolidando-se, assim, a UDN como um partido de direita, que tinha como grupos eleitores-alvo a classe média. Suas marcas eram a oposição (inicialmente a Vargas e, posteriormente, aos partidos ligados a ele) e o conservadorismo. O partido teve sua trajetória marcada por contradições e cisões. Abrigou desde ideais liberais a autoritários, criticando o autoritarismo do Estado Novo, mas, por outro lado, apoiando o golpe civil-militar de 1964.

No tocante às questões político-partidárias na esfera local, nota-se que, nem sempre, os diretórios locais assumiam os mesmos ideais e inclinações ideológicas que as cúpulas

⁴¹ HIPPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 306.

⁴² GOMES. *Op.Cit.* p. 57.

estaduais e nacionais. E mesmo quando assumiam os discursos ideológicos de seus partidos, muitas vezes, sua atuação política se fazia diversa à da orientação partidária nacional. De modo que, uma vez eleitos, por questões pragmáticas da política local, os indivíduos de diferentes partidos que deveriam, em tese, representar diferentes projetos de governo, acabavam tendo ações bastante similares. Em Nova Friburgo, esse prognóstico se confirmará em diversas situações que serão estudadas com mais afinco adiante.

À época de formação dos partidos políticos no município, os programas e ideais partidários eram muito bem delimitados, sendo a UDN e o PSD, no momento, os dois partidos de maior destaque em Nova Friburgo. Um elemento comum a esses partidos era a constante referência a Getúlio Vargas: enquanto o primeiro era de oposição ao líder, o segundo havia sido criado para abrigar seus antigos interventores. Ainda sob a égide do legado varguista, havia o PTB, cujos eleitores potenciais eram os operários, grupos sindicalizados, enfim, os populares que haviam sido beneficiados pelo trabalhismo varguista.

Em Nova Friburgo, os partidos surgiram sob direção de indivíduos que já atuavam na esfera política antes do início do período democrático.

A UDN local foi criada sob a direção de Galdino do Valle Filho e tinha em sua composição – assim como no prospecto nacional – indivíduos que se manifestavam contra o Estado Novo⁴³. Tendo Galdino como liderança, o partido adquiriu, em Nova Friburgo, as feições já demonstradas nas gestões do político à frente da prefeitura. Apresentava como temas caros em seus discursos: o progresso, a industrialização e o turismo.

Outra característica do partido era, através do jornal, remontar ao passado “glorioso” do município, apresentando, para isso, uma visão ufanista da história de Nova Friburgo. Esse tipo de estratégia ia ao encontro da cúpula nacional da UDN, segundo o que atesta Maria Victoria Benevides⁴⁴: “O ideário liberal udenista significava também uma clara estratégia de volta ao passado. (...) A volta ao passado era também a recusa em aceitar as mudanças sociais e políticas e daí para o elitismo da exclusão popular é um passo”.

Durante o mandato do prefeito udenista César Guinle, por exemplo, foi dada atenção especial à comemoração do surgimento do município, relacionando-o à colonização suíça⁴⁵. Em um discurso de clara evocação do passado, a UDN utilizara seletivamente elementos de

⁴³ Integravam a UDN friburguense, quando de sua fundação, figuras como: Messias Teixeira, Ernesto Tessarollo, Tuffy e Jamil El-Jaick.

⁴⁴ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do Liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.19.

⁴⁵ Tais afirmativas podem ser comprovadas no discurso que Galdino do Valle Filho fez, por ocasião das comemorações do aniversário de Nova Friburgo, que foi publicado no jornal *O Nova Friburgo*, em 23/05/1948;

tempos remotos para enaltecer a imagem de Nova Friburgo. Tentava, com isso, associar sua história e climas aos dos cantões suíços, forjando uma história que não pertencia ao município, visto que a colonização suíça na região havia fracassado, e a maior parte desses colonos havia migrado pouco tempo depois para outras regiões do país.

Até 1961, o partido tinha como seu maior ícone – apesar da idade avançada – a figura de Galdino do Valle Filho, que mesmo não residindo em Nova Friburgo, estava presente no cotidiano dos friburguenses ainda que apenas através dos seus editoriais para o jornal *A Paz*. Após essa data, emergiria como principal político do partido, Heródoto Bento de Mello. Em entrevista concedida por Heródoto⁴⁶, mais de 50 anos depois, o político citaria sua visão sobre o UDN, bem como as motivações que o teriam feito ingressar no partido:

“Isso tudo vem do tempo da guerra. A guerra de 45 foi uma guerra diferente, foi uma guerra contra os nazimos, Hitler querendo tomar o mundo todo. Foi uma guerra de civismo, muitas pessoas iam para a guerra por conta própria, iam para guerra pra lutar pelas causas. Quando a guerra terminou, o mundo todo estava numa atmosfera de renovação, de fazer um mundo novo, de melhorar tudo. A minha juventude foi essa juventude. No dia que acabou a guerra eu estava de guarda no CPR do Rio de Janeiro. O que você hoje fala de PT, naquele tempo era a UDN, éramos nós, nós éramos os radicais, os radicais de fazer tudo direito, de achar que quem não estava do nosso lado era ladrão, o que não é bem verdade, tem ladrão do nosso lado também. Eu aprendi isso e no meu tempo de governo, eu tinha que tomar conta dos amigos, pra não deixá-los cometer desonestidade. Então a gente tinha esse ideal de construir um mundo novo, esse espírito do qual eu era tomado quando vim pra Nova Friburgo, um espírito de construir um mundo novo, de ver o progresso, esse espírito de amor pela cidade veio daí, nós queríamos construir uma “nova” Friburgo, queríamos trabalhar por ela, isso começou com César Guinle e nós continuamos depois.”

Através dessa fala, evidencia-se uma das principais características do partido em Nova Friburgo: o tom romancado ao se referir ao município – que, segundo os candidatos, era o motivo para que quisessem ingressar na vida pública, como se a atuação política fosse fundamentalmente uma ação altruísta; a citação do termo “progresso”, muito caro ao projeto udenista e que, na visão deles, seria sinônimo de uma cidade avançada e, de acordo com os moldes capitalistas, industrializada; e por fim, a própria composição do partido que teve como seus principais expoentes indivíduos nascidos em outras localidades, como é o caso de Galdino do Valle Filho, Heródoto Bento de Mello e César Guinle – que depois de formados em curso superior vieram atuar no município como políticos.

Já o PSD surgiu em Nova Friburgo também em 1945, tendo um de seus expoentes máximos o interventor Dante Laginestra. Esse fato se coaduna com o que se processou no

⁴⁶ Entrevista concedida ao historiador Rodrigo Marins Marretto, em 2007.

PSD em caráter nacional, criado exatamente para abrigar os antigos interventores de Vargas, que haviam sido destituídos do poder com o fim do Estado Novo.

Outra figura muito importante na criação do diretório do PSD friburguense era a do político Amaral Peixoto. A relação dos pessedistas locais com Amaral era uma via de mão dupla. Se por um lado, o partido defendia os interesses do político fluminense em Nova Friburgo, fazendo campanhas para o político e promovendo suas ações à frente do poder estadual, por outro, os políticos do município se beneficiavam do prestígio de Amaral ao demonstrarem ter contato próximo com o então interventor. Amaral, inclusive, fez diversas visitas ao PSD friburguense e a seus políticos e, por ocasião da candidatura de Carlos Braune a prefeito, chegou a comparecer a Nova Friburgo no dia das eleições.

Tal visita nos permite especular sobre a importância que Nova Friburgo possuía no contexto fluminense, uma vez que, mesmo havendo eleições nos outros municípios do Estado, Nova Friburgo teria sido a escolhida (ou uma das) para receber a visita do político. Nesse ponto, acordamos com Rafael Navarro, em relação à interferência e atuação de Amaral Peixoto nos municípios:

“Podemos afirmar que a formação do amaralismo no Rio de Janeiro teve como suporte as municipalidades. Foi na esfera municipal que Amaral Peixoto conseguiu arregimentar um grande contingente de políticos que propiciaram a base de seu domínio.”⁴⁷

Se no início de sua atuação no município, o PSD tinha como seu expoente máximo Dante Laginestra, aos poucos sua influência começou a se desvanecer. Entre os anos de 1947 e 1964, vê-se emergir no cenário friburguense e, no seio do partido, a figura do carismático e popular médico Amâncio Mário de Azevedo, que, à medida que emergia no quadro político friburguense, contribuía para que seu antecessor e correligionário de partido caísse em um certo ostracismo.

Apesar das disputas políticas polarizarem-se entre PSD e UDN em Nova Friburgo, vale entender o surgimento do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). O estudo desse partido, apesar dos pleitos geralmente negativos, é importante para se compreender as disputas eleitorais no município, bem como a política de alianças que se traçou em alguns momentos, como a compreensão do comportamento da oposição.

⁴⁷COSTA, Rafael Navarro. *Tecendo as redes da política: articulações e projetos na construção do amaralismo*. Dissertação de Mestrado. PPGHsC-PUC-Rio: 2008. p. 104.

O PTB, também fundado em 1945 no município, tinha a defesa das causas trabalhistas como uma das marcas principais de seu discurso, sendo corriqueiro a publicação de discursos em defesa ou dirigidos aos operários friburguenses no jornal que representava o partido.

Outra característica marcante era a constante apologia a Vargas, evidenciada através das páginas de *O Nova Friburgo*. O partido não perdia uma oportunidade de associar seu nome a Getúlio Vargas e a seu legado trabalhista. Sem embargo de seus esforços, o PTB nunca conseguiu “vender” a imagem de herdeiro do espólio trabalhista no município. Também por isso, o partido desferia contundentes críticas e campanhas contra os comunistas, entendendo-os como rivais, que poderiam ser um entrave nas relações com o operariado das indústrias têxteis.

Fato é que o PTB nunca conseguiu alcançar votação expressiva no município. Foi sempre visto como uma terceira via, o que talvez explique as diversas alianças que o partido traçou, ora com a UDN, ora com o PSD. Quanto à questão da falta de expressão do partido no município, o jornalista e historiador Pedro Cúrio⁴⁸ afirmaria, na época, que tal fato deveu-se às lideranças sem representatividade que assumiam o comando do partido. Embora o partido tentasse - assim como na esfera nacional - associar sua imagem aos setores urbanos assalariados, bastante expressivos em Nova Friburgo devido às fábricas têxteis, tinha em sua composição figuras de classe média alta representadas por advogados e médicos, fato que pode ter contribuído, em alguma medida, para a dificuldade de aproximação entre o partido e populares.

O posicionamento nacionalista do PTB local frente às questões nacionais e a constante defesa da figura de Vargas podiam ser identificados facilmente nas edições do jornal do partido. Entretanto, isso não impediu que o PTB tomasse a decisão de formar aliança com a UDN por ocasião do pleito de 1947 e, depois, no pleito de 1954. Tal aliança custou caro ao PTB que, à época do suicídio de Vargas, recebeu a alcunha de “falsos getulistas”.⁴⁹

Contradições como essa não foram exclusividade do PTB. Mudanças de comportamento conforme o decorrer do tempo e o contexto político serão verificadas também na UDN. Em 1942, por exemplo, o jornal *A Paz* defendia as “forças democráticas”; já em

⁴⁸ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 05 de abril de 1947.

⁴⁹ COSTA, Ricardo da Gama. *A História Política de Nova Friburgo na República: A Guerra Hegemônica entre Liberais e Populistas*. In: ARAÚJO, J e MAYER, J. (orgs). *Teia Serrana: Formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. p. 256.

1964, apoiava o golpe civil-militar e censurava arduamente as tentativas de resistência ao movimento.⁵⁰

Esse aparente paradoxo do PTB e da UDN leva, finalmente, à conclusão da dificuldade de se categorizar práticas e ações políticas. Enquanto no campo retórico-discursivo é muito fácil delinear os contornos dos partidos, bem como ideologias, nas práticas políticas essas classificações não são tão simples. Sobre esse ponto, por fim, elucida Karina Kuschnir:⁵¹

“Do ponto de vista antropológico, porém, observamos que os indivíduos podem enfatizar um valor mais ideal ou real dependendo da lógica da situação em que estão envolvidos. O fato de agir, em certas circunstâncias, de modo contraditório, não significa que tenham abandonado uma visão idealista a longo prazo. Através da etnografia, observamos justamente essa interação e influência mútua entre valores e eventos.”

1.4 Nova Friburgo e suas primeiras eleições

Em 1947, os três maiores partidos nacionais - PSD, UDN e PTB - uniram-se em coligação a fim de eleger governador o então candidato Edmundo de Macedo Soares. Se no âmbito fluminense, traçava-se uma trégua ao menos em relação ao maior cargo político do Estado, o mesmo não ocorria em Nova Friburgo.

Às vésperas das eleições para deputados e governadores, os principais jornais do município eram palco de intensa e agressiva disputa política. O único ponto de consenso que havia entre os periódicos era no tocante à candidatura de Edmundo Macedo Soares.

Nesse momento, a disputa política em Nova Friburgo estava polarizada em torno de duas figuras de trajetórias políticas marcadas de formas opostas pela Revolução de 30: de um lado Galdino do Vale Filho, que havia oferecido oposição ao novo governo; de outro, Dante Laginestra, que havia sido interventor durante extenso período do governo Vargas.

Ao fim do Estado Novo, essas figuras que já estavam imersas na vida pública quando não havia sistema partidário, buscaram se filiar aos partidos que mais correspondiam aos seus discursos e trajetórias políticas. Enquanto Galdino fundou o diretório local da UDN,

⁵⁰ Jornal *A Paz*, edição de 04 de abril de 1964.

⁵¹ KUSCHNIR, Karina. *O Cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p.41.

Laginestra fundou o PSD. Nas eleições de 1947, os dois rivais se candidataram a cargos públicos, mas em esferas diferentes. Galdino se candidatou a senador e perdeu. Dante Laginestra se elegeu deputado estadual, com 2050 votos, à frente do candidato udenista Humberto Teixeira de Moraes, com 1137 votos⁵².

Apesar da derrota, a eleição de Galdino ao senado denota a sua importância no cenário político fluminense. Corrobora com essa afirmação, a homenagem feita décadas mais tarde na Câmara dos Deputados, em 1979, por ocasião do centenário de Galdino do Valle Filho. O longo discurso proferido pelo antigo udenista e, então membro da Arena, Evaldo Saramago Pinheiro, destacava as qualidades e a trajetória do homenageado tanto na esfera municipal, quanto federal e encerrava afirmando:

“(…) Na primeira linha e no bojo da ação política, o consagrado fluminense usava, impretérito, a linguagem do combatente na iniciativa da batalha política. Eis pois que assegurou, no tempo e no espaço, o privilégio de sua inflexível liderança. Desta maneira, ninguém melhor serviu seu município e ninguém mais alto colocou seu devotamento ao Estado de seu berço.”⁵³

Na contramão do que ocorrera na maioria dos municípios fluminenses, Nova Friburgo elegeu como prefeito o empresário udenista César Guinle. Em tabela divulgada pelo *O Nova Friburgo*⁵⁴, percebe-se que o município não seguiu a tendência das demais regiões do estado, onde o PSD obteve expressiva vitória. De acordo com a tabela, em um total de 55 municípios, 26 se elegeram sob a sigla do PSD, 10 pela UDN, 2 pelo PTB e os demais por coligações.

Também no que tange às eleições de vereadores, o PSD havia sofrido uma derrota, tendo eleito quatro vereadores contra nove da UDN e um do PTB. Atendo-se apenas aos números, a derrota do PSD não parece tão grande assim, afinal, o partido obteve a segunda maior bancada na Câmara. Porém, é preciso atentar para um detalhe: o PSD tinha a seu favor, naquele momento, o fato de ter como membro a única liderança política que desfrutou de um longo mandato à frente do Executivo Municipal antes de 1945 - Dante Laginestra.

Embora Laginestra tivesse conseguido se eleger deputado estadual, essa vitória não foi o suficiente para contrabalançar a derrota que seu partido e aliados sofreram nas eleições.

⁵² Jornal *A Paz*, edição de 02 de fevereiro de 1947.

⁵³ Discurso pronunciado na Sessão de 25 de setembro de 1979.

⁵⁴ Jornal *O Nova Friburgo*, edição 12 de outubro de 1947.

Esse resultado demonstrava que o grupo de Galdino do Vale Filho, destituído na década de 1930 do poder, naquele momento agradava mais ao eleitorado friburguense.

Existem alguns fatores que podem ajudar a elucidar o quadro das primeiras eleições no município e o resultado aquém do esperado do PSD.

O primeiro resulta da própria condição e característica de uma interventoria ou de qualquer cargo que não é conferido através do processo democrático. Quando inexistem campanhas e eleições, não se propicia o maior contato entre político e população, característico dos períodos eleitorais. Assim, embora os políticos do PSD, sobretudo Laginestra, gozassem das vantagens de terem exercido o poder em um passado próximo, não possuíam a popularidade conferida pelo processo eleitoral.

O segundo fator é o possível desgaste da gestão do referido político. O interventor deixou o cargo em meio a uma série de críticas e acusações contra sua figura que eram veiculadas pelo jornal *O Nova Friburgo*. A edição do jornal, que divulgava sua saída e a posse do Dr. Hélio Veiga, tinha a seguinte manchete: “Dante Laginestra assinava contas imaginárias sobre serviços públicos que não foram realizados, afirmou o departamento das Municipalidades”.

A edição contava ainda com uma carta aberta destinada a Laginestra na qual se teciam várias acusações e queixas sobre a gestão e algumas de suas medidas, entre elas, a criação da “taxa esgoto”. Era recorrente ver o nome do antigo interventor nas páginas do referido jornal e sempre associado a questões negativas. Além das matérias mais explícitas, também havia várias críticas veladas que contribuía para criar nos leitores uma imagem negativa de Dante. Durante o período em que governara, era habitual ler matérias cujos temas eram denúncias e reclamações acerca do “estado” em que se encontrava o município.

Já o último fator para o insucesso do PSD nas eleições municipais reside no perfil propagado do próprio adversário. A UDN traçou uma estratégia de campanha alicerçada no papel econômico desempenhado pela família Guinle, cujo mérito se estendia a César Guinle, um político vindo de fora⁵⁵ que garantiria ao município o mesmo sucesso dos empreendimentos de sua família. Assim, o político representava o novo; a ruptura com as antigas gestões do executivo.

Nos meses anteriores ao lançamento oficial da candidatura de Guinle pela UDN, estabeleceu-se um acordo entre PTB e UDN em torno da campanha do candidato. Entretanto,

⁵⁵ Embora não residisse em Nova Friburgo, César Guinle tinha bastante proximidade com a cidade, haja vista que o seu pai, Eduardo Guinle possuía diversas propriedades no município. De acordo com o relato de César Guinle, desde sua infância, ele e sua família passavam temporadas no município. Sendo comum, depois de adulto, ir ao município com regularidade, o que o tornava um nome bastante conhecido.

a aliança acabou sendo desfeita e o PTB lançou o nome de Henrique Sampaio Leal. Segundo palavras de Galdino do Valle Filho ao jornal *A Paz*, fora o PTB que desistira da aliança, pois “envolvido em um lamentável equívoco não teve a calma precisa para aguardar que se desfizesse um mal entendido que se dissiparia e resolveu retirar seu apoio”. Mais adiante, ainda comentando o desentendimento, Galdino dizia: “Houve, sim, uma preocupação de lisura e lealdade que faz honra ao ilustre candidato, de reafirmar a única condição de que fez depender a sua aceitação – a de não ser e, portanto, de não parecer um candidato de grupo, de qualquer grupo, mas um candidato da cidade”. Verdade é que o insucesso da aliança entre o PTB e a UDN advinha da posição de César Guinle de não permitir seu nome atrelado a Getúlio Vargas.

De acordo com o político, ele soubera num encontro com Humberto de Moraes e Galdino do Valle que o PTB havia lançado um cartaz com sua figura e a de Getúlio Vargas. Ainda segundo palavras de Guinle sobre o episódio:

“Nada tinha contra Getúlio, mas eu era contra a ele como poder e não podia aceitar o cartaz e tudo que ele representava. Disse então textualmente: ‘Vocês dormiram e deixaram acontecer o que não podia existir, em vez de tomar as atitudes que deviam tomar’.

Imediatamente, passei um telegrama a Abelardo Matta⁵⁶, dizendo que infelizmente não poderia continuar como candidato. Os cartazes foram recolhidos e após essas medidas, fiz uma carta à UDN me desobrigando de todos os compromissos e entendimentos havidos. Como resultante, a UDN me deu carta branca: que eu fizesse o que melhor parecesse, pois o apoio do partido era para mim.”⁵⁷

Diante do fracasso da aliança com a UDN, o PTB tentou ainda, sem sucesso, se aliar ao PSD. Somente como última alternativa, o partido lançou candidato próprio, o que indica que os integrantes do PTB sabiam que inexistia força eleitoral suficiente para eleger um candidato sem recorrer a alianças.

Retornando à questão da propaganda empreendida, o jornal udenista publicou uma série de matérias sobre César Guinle, tanto no tocante à sua trajetória de vida, como suas propostas de governo. Ao se analisar, entretanto, o jornal pessedista *A Voz da Serra*, nota-se que o mesmo não ocorreu em relação à campanha de Carlos Alberto Braune. Enquanto o primeiro jornal realizava intensa propaganda de seu candidato, o segundo pouco falava no nome de Carlos Alberto Braune. Pouco se falou também a respeito de seu plano de governo.

⁵⁶ Então presidente do Diretório do PTB friburguense.

⁵⁷ CUNHA, Maria Suzel Coutinho S. *Memória Oral: Depoimentos – Entrevistas*. Vol.:1. Cadernos de Cultura. Nova Friburgo, RJ. 1987. p. 7

Através das páginas do periódico, é possível identificar apenas uma tímida tentativa de associá-lo ao progresso da cidade.⁵⁸

Pode-se observar que as estratégias propagandistas do PSD centravam-se em comentários acusatórios em relação a César Guinle e na associação do nome de Carlos Alberto Braune a figuras políticas de expressividade nos âmbitos fluminense e nacional. Exemplo disso é a seguinte manchete às vésperas da eleição: “Aguardado com grande interesse, o importante acontecimento – Estarão presentes várias destacadas personalidades, dentre as quais o deputado Ernani do Amaral Peixoto e o senador Alfredo Neves”.⁵⁹

Quanto à campanha de César Guinle, segundo o *A Paz*,⁶⁰ uma das principais qualidades do candidato residia no fato deste não se tratar de um “político profissional” e não necessitar dos honorários de prefeito para garantir sua subsistência. Através das publicações do dito jornal, podemos perceber uma campanha ancorada em alguns pontos centrais: a propaganda ufanista do município, destacando as belezas naturais que o motivavam a pleitear o governo do município e a ênfase no progresso.

Em mais uma matéria referente à campanha de Guinle, lê-se como motivações e aspirações do político: “Enfeitiçado pela beleza natural da Princesa das Serras, onde o céu é sempre azul, quer transformá-la numa cidade moderna, fomentando seu progresso com a realização de grandiosos cometimentos”.⁶¹

Outra faceta interessante é a imagem que César Guinle tenta transmitir ao se apresentar como um indivíduo apolítico que transcenderia as questões partidárias, como bem demonstra o seguinte trecho: “Com o compromisso de ser um administrador apolítico, o Dr. César Guinle está visitando as sedes de todos os partidos”. É interessante notar, a partir dessa afirmativa, que o termo “político” é entendido como algo de caráter pejorativo e que, portanto, seria uma característica a ser evitada. Esse seria um argumento utilizado em diversos momentos. O partido, através do jornal, reverteria a aparente desvantagem da inexperiência política de César em uma qualidade.

Essa ênfase na “apoliticidade” do candidato permite inferir que a figura política era mal vista também por alguns setores da população devido à insistência do candidato em garantir que não era um político. Se a UDN promovia esse perfil de seu candidato era,

⁵⁸ Jornal *A Paz*, edição de 10 de agosto de 1947.

⁵⁹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 07 de setembro de 1947.

⁶⁰ Jornal *A Paz*, edição de 10 de agosto de 1947.

⁶¹ Jornal *A Paz*, edição de 10 de agosto de 1947.

certamente, objetivando alcançar um interlocutor – e potencial eleitor – que não simpatizava com “políticos”.

É importante ressaltar, todavia, que não se espera com o exposto afirmar que as matérias jornalísticas teriam definido ou sido determinantes para o resultado do pleito eleitoral; contudo, elas certamente tiveram importância nesse processo, ainda mais ao se considerar a importância dos jornais como veículo de informação naquele período.

Esse conjunto de fatores culminou na vitória de César Guinle em 28 de setembro de 1947, perfazendo 5882 votos, contra 3072 de Carlos Alberto Braune (PSD) e 1236 de Henrique Leal (PTB).⁶²

Em face dessa vitória, os jornais que representavam os três partidos aqui citados se manifestaram de diferentes formas. O jornal *A Paz* regozijava em sua manchete: “Vencemos por grande e esmagadora maioria dos votos”⁶³, enquanto o *A Voz da Serra*, reconhecia seu fracasso, embora indicasse a abstenção de cerca de 25% do eleitorado e, *O Nova Friburgo* procurava justificar o insucesso.

Sobre o episódio, *A Voz da Serra* afirmava:

“O engenheiro César Guinle é o novo prefeito de Nova Friburgo, a União Democrática Nacional é o novo partido majoritário no município. Essa é a verdade nua como um recém nascido, dura como um osso e crua como um nabo mal cozido na panela do pobre.”

Já *O Nova Friburgo* deixava evidente a crise e disputas internas que se abrigavam no seio do PTB ao afirmar que a razão para o pleito negativo era o fato de o partido ter como lideranças indivíduos de “nula” expressividade política, que eram o deputado Abelardo Matta, “culpado pela agonia petebista” e Câmara Barreto, que assinaria a “certidão de óbito”.⁶⁴

As eleições de 1947 terminavam apresentando o seguinte “raio x” da disputa político-partidária no momento: um PSD derrotado, cujas lideranças viviam um refluxo no tocante ao poder político que dominaram por anos; uma UDN triunfante, que trazia de volta à cena política os grupos que amargavam uma derrota e ostracismo desde a Revolução de 30; e, por fim, um PTB pouco expressivo, cujo corolário trabalhista não havia sido capaz de criar identificação e empatia sequer com os setores do operariado.

⁶² Jornal *A Voz da Serra*, edição de 05 de outubro de 1947.

⁶³ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 05 de outubro de 1947.

⁶⁴ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 05 de outubro de 1947.

1.5 O Governo César Guinle (1947-50)

Como demonstrado anteriormente, no decorrer de sua campanha, César Guinle havia dito que governaria para além das divisões partidárias, demonstrando estar disposto a dialogar com os diversos grupos políticos. A promessa não fora esquecida, tendo sido cobrada pelo PSD logo após as eleições através do jornal:

“O que nos conforma são as reiteradas afirmações do Sr. Guinle, que prometeu governar acima dos partidos. Tais promessas por serem fáceis de fazer, são difíceis de cumprir. O Sr. César Guinle pode ser um homem de palavra. Mas os ‘despojos opimos’⁶⁵ das batalhas das urnas aí estão para serem partilhados entres as diversas facções em que se subdivide o udenismo local.”⁶⁶

No entanto, a paz e o diálogo entre os partidos, se é que de fato existiram para além do papel e discurso, não duraram muito tempo. Embora, de fato, o prefeito tenha conseguido governar sem ser alvo de muitas críticas dos partidos oposicionistas, isso não impediu desavenças e acusações entre os membros da Câmara Municipal.

Durante seu mandato, Guinle teve uma significativa base aliada, além da UDN ter conseguido eleger nove dos quinze vereadores do município, o partido ocupou quatro dos cinco cargos da mesa diretora da Câmara Municipal⁶⁷, entre eles, o de presidente da Câmara, que coube ao empresário Augusto dos Santos Spinelli.

Segue abaixo quadro que demonstra a supremacia do partido na Câmara Municipal:

Câmara Municipal de Vereadores, eleita em 1947

Vereadores eleitos	Partido	Votos
Benigno Fernandes	PSP	564
Tuffy El-Jaick	UDN	510
Pedro Rodrigues	UDN	448
Antônio Folly	UDN	348
Joaquim Pereira Bispo	PSD	388

⁶⁵ “Despojos opimos”: armas de um chefe inimigo morto por um general romano que as consagrava no templo de Júpiter Ferétrio.

⁶⁶ Jornal *A Voz da Serra*, 05 de outubro de 1947.

⁶⁷ COSTA, Ricardo. *Op.Cit.*, p. 110.

Loretti Marinho de Araújo	UDN	374
Eugênio Spitz	PSD	353
Augusto Spinelli	UDN	349
João Batista Bussinger	UDN	346
Silva Araújo Filho	PTB	342
Hélio Veiga	UDN	308
Amâncio Mário Azevedo	PSD	285
Cid Cardoso	UDN	266
João A. A. da Costa	UDN	253
Péricles Mesquita	PSD	248

A despeito da imensa bancada udenista, Guinle não governou sem oposição e, nem sempre, seus partidários o apoiaram. Entretanto, tal oposição era mais amena, principalmente, no que concerne às mídias locais. Ao pesquisar nos jornais da época, não se encontrou uma só vez algum adjetivo ofensivo ao prefeito ou que atestasse contra a legalidade de suas ações na qualidade de chefe do executivo. Até mesmo durante o período de campanha, quando os ânimos ficam mais exaltados, a maior crítica que a oposição teceu contra ele se relacionava ao fato de Guinle pertencer a uma das dez famílias mais ricas do país. Por ocasião de sua eleição, o jornal *A Voz da Serra*⁶⁸ se limitou a assinalar que sua inexperiência política poderia levá-lo a não conseguir concluir o mandato. Em contrapartida, *O Nova Friburgo*, apesar da derrota do PTB, comemorava o fato de que, com a eleição de Guinle, o município estaria finalmente livre do domínio de Dante Laginestra. A despeito da derrota petebista, a manchete do jornal era a seguinte: “Uma nova era renasce para o município”.⁶⁹

Uma das primeiras ações de Guinle, logo após a posse, foi a divulgação de seu programa de governo⁷⁰, no qual, mais uma vez, reiterava o caráter apolítico de seu mandato. Desse programa, alguns pontos merecem destaque, pois deixam claro o que se podia esperar desse governo. De acordo com Guinle, seria necessário aumentar as cifras municipais, apontando como solução principal a necessidade de uma medida bastante impopular: o aumento de impostos. Além disso, o prefeito criticava a falta de autonomia das prefeituras,

⁶⁸ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 19 de outubro de 1947.

⁶⁹ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 12 de outubro de 1947.

⁷⁰ Jornal *A Paz*, edição de 05 de outubro de 1947.

pois, segundo ele, estas recebiam repasses muito baixos do governo federal, o que contribuiria para a crise do orçamento municipal.

Durante o governo de César Guinle, Nova Friburgo passou por uma série de transformações. O município que contava com 48.682 habitantes, ao fim de seu mandato, havia sofrido um aumento populacional expressivo de cerca de 24 por cento, se comparado a 1940.

Por conta do crescimento populacional, Guinle promoveu uma série de ações visando fornecer infra-estrutura necessária para comportar tal contingente populacional. Entre as principais medidas governamentais, se encontravam a elaboração de um Plano Diretor do município; investimento em calçamento, principalmente nas regiões do Cônego e de Olaria; construção da estrada que ligava os distritos de Lumiar e São Pedro; remodelação da Praça XV de Novembro, um dos principais pontos turísticos do centro da cidade; além da construção de casas populares em terrenos doados por Guinle.

O prefeito foi responsável ainda pela modernização da Companhia Telefônica e negociou com a Fundação Getúlio Vargas o financiamento da construção do futuro “Colégio Nova Friburgo”.

Um aspecto associado ao desenvolvimento do turismo e que recebeu atenção especial do prefeito foi no tocante à continuidade da construção do “mito da Suíça brasileira.”⁷¹ Embora a promoção de tal imagem do município datasse do aniversário de seu primeiro centenário em 1918, durante o período em que esteve à frente do executivo municipal, Guinle foi um dos agentes no processo de consolidação da imagem de Nova Friburgo como uma “Suíça Brasileira”, através de medidas governamentais. A atuação nesse processo se confirma pelas medidas adotadas pelo prefeito que, entre outras, promovera diversos festejos em comemoração à assinatura do decreto entre Dom João VI e o representante do governo suíço, o que permitiu a instalação da colônia suíça. No período do mandato, a data passou a corresponder à data de aniversário do município, fato este que denota a importância que o grupo representado pelo prefeito conferia ao evento.

No primeiro ano de mandato de Guinle, as comemorações ocorreram em dois dias seguidos e contaram com concerto, baile de gala, a presença do então governador Edmundo

⁷¹ Expressão utilizada por João Raimundo em tese de Doutorado, intitulada “A construção do mito da Suíça brasileira (1910-1960)”.

Macedo Soares e “suíços”, que vestiam trajes típicos enquanto realizavam apresentação de dança.⁷²

Durante a gestão de Guinle foi elaborado um novo Plano Diretor para o município, sob a direção de Heródoto Bento de Mello. Sua necessidade era debatida há bastante tempo, e ainda em 1938, era possível ler no jornal *A Paz* os motivos que tornavam necessária a implantação de um Plano Diretor e que se intensificaram no decorrer dos anos. Segundo o jornal, no Centro da cidade e em seus arredores iam “se disseminando as habitações irregularmente, sem qualquer plano, constituindo favelas na encosta dos morros, sórdidos agrupamentos à margem dos rios”.⁷³ Ainda de acordo com a publicação, estes eram núcleos anti-higiênicos e antiestéticos. Esse tipo de pensamento alinhava-se com políticas higienistas bastante em voga no momento e que tinham como um de seus resultados a segregação espacial. Dessa forma, o Plano Diretor, aliado à construção de moradias populares, garantiriam ao Centro da cidade um aspecto mais salubre e ordeiro, além de contribuir para o antigo projeto do grupo de Galdino do Vale Filho – agora representado pela UDN – voltado ao desenvolvimento das potencialidades turísticas do município.

É importante destacar, no entanto, que embora Guinle tomasse algumas medidas que se enquadrassem nos moldes liberais, também adotou outras que contrariavam tal rótulo. Por ocasião da necessidade de modernizar os serviços telefônicos do município, a prefeitura, através de empréstimo concedido por vários empresários e indivíduos mais abastados do município, comprou a Companhia de Eletricidade, municipalizando-a.

Uma característica marcante da gestão do prefeito César Guinle foi a utilização do seu prestígio com os setores empresariais para facilitar suas medidas governamentais. O diálogo entre prefeito e empresários foi fundamental, por exemplo, para a concessão de reajuste salarial dos operários que estavam revoltosos diante da falta de aumento. Guinle escreveu aos donos das fábricas, solicitando que providenciassem o reajuste a fim de solucionar o conflito. Os industriais responderam positivamente ao pedido do então prefeito e o episódio terminou de formal favorável aos operários.

Outro momento em que a atuação do prefeito perante o setor empresariado foi decisiva, foi por ocasião do problema da energia elétrica. A Companhia de Eletricidade se negava a fornecer energia a mais de 300 propriedades que não tinham acesso ao serviço.

⁷² Informações obtidas através da cobertura que o jornal *O Nova Friburgo* realizou sobre os festejos. Edição de 23 de maio de 1948.

⁷³ Jornal *A Paz*, edição de 02 de abril de 1938.

Guinle, mais uma vez, utilizou do seu relacionamento próximo com o setor empresarial para sanar mais uma contenda, como ele mesmo afirmou:

“Como amigo, sem ameaças, alertei para o fato do povo se revoltar e depredar as instalações da Usina e mais, quebrar as fábricas que pertencem ao próprio grupo da Companhia. A Prefeitura dificilmente teria condições para impedir esse “quebra-quebra”.

Finalmente eles perceberam que a situação era muito grave e se apavoraram. Nós propusemos que eles instalassem uma usina diesel elétrica para suprir a falta de energia”.⁷⁴

Desse modo, nota-se que durante o período em que esteve no poder executivo, Guinle soube conduzir a prefeitura de modo diplomático, atendendo às questões de diversos setores, através de uma atuação pautada em uma política conciliatória. A prova dessa afirmativa é a diferença no comportamento da oposição em relação a ele.

Políticos como Dante Laginestra e Galdino do Vale Filho tinham, recorrentemente, seus nomes atacados pelos respectivos jornais oposicionistas, o que não ocorreu com César Guinle. Não é sem espanto que se lê o que inferiu o historiador Ricardo da Gama Costa⁷⁵ acerca da gestão de Guinle a frente da prefeitura. Segundo Costa, o governo de Guinle foi apontado como um dos melhores da história da cidade de acordo com indivíduos pertencentes a diversos setores.

No entanto, apesar de sua popularidade em diferentes grupos e o saldo positivo ao término de sua administração, Guinle terminou seu mandato amargando o fracasso de não conseguir eleger seu sucessor. Apesar do saldo positivo ao término de sua administração, a UDN e César Guinle não obtiveram sucesso na tentativa de eleger Tuffy El-Jaick, que, a despeito de ter sido um dos vereadores com maior número de votos nas eleições anteriores, perdeu para o candidato pessedista. A partir de então, se iniciaria um período de várias gestões de políticos do PSD à frente do executivo municipal.

⁷⁴ SUZEL. *Op. Cit.*, p. 22.

⁷⁵ COSTA. *Op.Cit.*, p. 120.

2 O DOMÍNIO PESSIEDISTA EM NOVA FRIBURGO (1951-1962)

2.1 As eleições de 1950: a reviravolta pessedista

Nas eleições de 1950, os candidatos do PSD receberam a maioria dos votos em Nova Friburgo em todos os cargos públicos elegíveis, desde o cargo de presidente da República até o de prefeito.

Embora o PSD tivesse lançado o nome de Christiano Machado como candidato à presidência, observou-se, na prática, o apoio do partido à candidatura de Getúlio Vargas. Em nível nacional, o PSD “(...) fizera o jogo getulista, inclusive dividindo votos que seriam eventualmente canalizados para seu mais direto oponente, Eduardo Gomes.”⁷⁶. Isso se evidenciou também em Nova Friburgo.

Durante o período que antecedeu o pleito, era possível notar a mais completa ausência de propagandas de Christiano Machado no jornal *A Voz da Serra*, uma prática bastante incomum nos períodos eleitorais anteriores, nos quais se via os jornais permeados de propagandas partidárias. Embora também não houvesse anúncios relativos à candidatura de Vargas, a omissão do nome de Christiano Machado nas páginas do jornal denotava a falta de apoio do partido ao candidato e a possível mobilização em prol de Getúlio Vargas, ainda que não declarada publicamente. Diante disso, o candidato do PSD teve poucas chances, restando a ele inexpressivos 378 votos em Nova Friburgo.

No período anterior ao pleito, o nome de Vargas foi citado algumas vezes no jornal que, embora não pudesse fazer campanha aberta para Getúlio, buscava sempre que possível vincular a figura de Getúlio a de Amaral Peixoto. Dessa forma, Vargas era ali entendido como um elemento positivo para se conseguir a vitória na disputa eleitoral.

As próprias manchetes e matérias do jornal *A Voz da Serra* corroboram com a hipótese de apoio do PSD friburguense a Vargas. Após o pleito eleitoral, lia-se, no jornal, esse conteúdo comemorativo com diversos adjetivos positivos à figura de Getúlio Vargas. Em edição de 8 de outubro de 1950, quando os votos ainda estavam sendo apurados, o jornal

⁷⁶ALMEIDA Jr., Antonio M. *Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getulio Vargas*. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964)*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 299.

anunciava em sua manchete: “Getúlio-Amaral: duas forças políticas indestrutíveis”. Já na edição seguinte⁷⁷, anunciava-se, com o título de “Vitória” em letras garrafais, a eleição de Amaral Peixoto e Getúlio Vargas. Sobre o último, a matéria sobre sua vitória, apresentava o seguinte título: “ricos menos ricos, pobres menos pobres” e, se dizia, ainda:

“O povo quis Getúlio porque sabe que nele pode confiar! Getúlio Vargas representa para a administração do Brasil, o mesmo que o ar representa para a vida dos cidadãos. (...) (o povo) carregará em seus braços, para o Catete, o homem que foi e ainda é a derradeira esperança de um Brasil uno, forte, respeitado e acolhedor.”

No concernente à esfera estadual, Amaral Peixoto (PSD), como governador, e Tarcísio Miranda (PTB), como vice-governador, saíram vitoriosos. Ambos foram os mais votados no município, obtendo, respectivamente, 6721 e 3965 votos.⁷⁸ Já o candidato da UDN a governador, Prado Kelly, obteve 3.965 votos. Apesar do prestígio e da popularidade de Amaral Peixoto, devido aos anos de interventoria, bem como da força da coligação PSD-PTB, o desempenho negativo de Prado Kelly, provavelmente, havia sido potencializado graças a uma situação embaraçosa protagonizada por ele no município, como relata José Sérgio Rocha:

“Num dos municípios, sem suspeitar que o microfone estava com o som aberto, perguntou aos correligionários que lugar era aquele. A dúvida espalhou-se, amplificada pela praça, e o povo e a elite culta de Nova Friburgo, afinal uma cidade conhecidíssima e orgulhosa se seus sobrenomes alemães e suíços não perdoaram a gafe.”⁷⁹

Foram eleitos ainda, como deputados estaduais, Dante Laginestra (PSD) e César Guinle (UDN).

Quanto ao cargo de chefe do executivo friburguense, houve três candidatos de nomes bastante expressivos por sua atuação política. Pelo PSD, candidatou-se José Eugênio Muller, que já havia sido interventor do município em 1947; a UDN lançou o de seus integrantes mais atuantes, Tuffy El-Jaick, membro de uma família tradicional friburguense e antigo vereador; e pelo PTB, apresentou o nome do popular médico Feliciano Costa.

Entre os candidatos, Feliciano Costa, em especial, era muito popular, sobretudo entre a população mais carente, devido a sua atuação como médico domiciliar e sua trajetória de vida.

⁷⁷ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 15 de outubro de 1950.

⁷⁸ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 15 de outubro de 1950.

⁷⁹ ROCHA, José Sérgio. *Roberto Silveira: a pedra e o fogo*. Niterói: Casa Jorge Editorial, 2003. p. 279.

Contudo, nem a popularidade de Feliciano Costa, nem a experiência política de Tuffy El-Jaick, foram suficientes para impedir a vitória do candidato pessedista José Eugênio Muller, cuja campanha tinha como trunfos a sua antiga gestão à frente do município, a força do PSD naquele momento, bem como sua ligação à figura de Getúlio Vargas. Durante sua campanha, divulgava-se sempre sua atuação na Revolução de 30 em Santa Catarina.

Esses elementos garantiram 4.888 votos a Muller no pleito de 3 de outubro de 1950; Tuffy El-Jaick e Feliciano Costa receberam 3.370 e 2.384 votos, respectivamente.

Pode-se, então, observar que o resultado do pleito de 1950 havia sido favorável ao PSD tanto no município quanto no restante do país, tendo como expressão máxima disso a vitória de Getúlio Vargas. Desse modo, é impossível entender a eleição de José Eugênio Muller em Nova Friburgo como um fenômeno isolado, já que, em parte, resultou-se do apoio e da popularidade crescente de Vargas. Desse modo, torna-se mais fácil compreender o insucesso de César Guinle em eleger um sucessor para o executivo municipal apesar de sua popularidade.

Entretanto, a sobrepujança eleitoral do PSD não significava exatamente um retrocesso ou enfraquecimento da UDN. Embora o partido tivesse fracassado no intento de eleger um sucessor para César Guinle, a UDN havia obtido votação expressiva para seus candidatos, sendo o segundo partido em número de votos no município.

É necessário, por último, compreender o fenômeno das eleições friburguenses dentro de dois contextos políticos mais abrangentes: o fluminense e o nacional. Nesse sentido, o resultado das eleições no município não diferiam do que se delineava no restante do país, que presenciava o retorno de Getúlio Vargas ao Palácio do Catete e o de Amaral Peixoto ao governo estadual e a consequente consolidação do PSD e PTB em nível nacional. Por outro lado, apesar da derrota para o cargo de presidente da República e governador do Rio de Janeiro, a UDN se firmava como o maior partido de oposição, configurando-se na principal via para os opositores de Vargas.

Ao fim, o pleito de 1950 consumava-se com a afirmação do projeto político getulista e o retorno do grupo que havia exercido poder durante o Estado Novo: Getúlio Vargas, Amaral Peixoto e José Eugênio Muller. Só que agora, havia a inserção de um novo elemento legitimando tal poder: o voto.

2.2 O governo José Eugênio Müller (1951-54)

José Eugênio Muller era natural de Santa Catarina e lá teve importante atuação política, sendo um dos líderes da Revolução de 30 no estado. Seu prestígio político e popularidade eram tão expressivos em Santa Catarina que, em 1935, foi eleito deputado federal com o maior número de votos do estado.

O político se instalou em Nova Friburgo em 1939, onde deu início ao empreendimento da construção de uma fábrica de biscoitos. Em 1947, foi nomeado prefeito do município pelo então governador Macedo Soares. Em sua curta gestão (cerca de seis meses), Muller promoveu grandes festejos em comemoração do aniversário do município, tema bastante caro para os udenistas, em especial, galdinistas. De acordo com a jornalista Dalva Ventura⁸⁰, isso contribuiu para que Muller fosse bem visto pela UDN e passasse a ser disputado pelos três principais partidos, que viam nele a chance de vencer as eleições de 1950.

A candidatura de Eugênio Müller foi lançada pelo PSD; mas tal fato não tornou o político um pessedista convicto, muito menos impediu o seu trânsito livre por outros partidos. Ainda que pertencessem a partidos adversários, Müller deu continuidade a projetos de seu antecessor, como, por exemplo, a instalação do Colégio Nova Friburgo em parceria com a Fundação Getúlio Vargas.

Esta habilidade diplomática de Müller, principalmente com os udenistas, se comprovaria mais tarde, quando se candidataria a prefeito e a deputado pela UDN. Tais candidaturas demonstravam que, apesar de Muller ter sido um dos chefes da Revolução de 30, ter sido nomeado interventor, e possuir proximidade com Getúlio Vargas, além de candidato a prefeito pelo PSD, ele não era o que se poderia classificar como pessedista fiel. O político parecia estar mais de acordo com determinadas tendências políticas do que com um projeto político-partidário propriamente dito.

Entretanto, isso não significava que Eugênio Muller não tivesse uma linearidade em suas ações ou conjunto de valores e projetos políticos. Ao contrário disso, o político, em momentos diversos de sua carreira pública, demonstrou certa atuação e preocupação com questões que envolviam determinados interesses do setor operariado. Ainda em Itajaí-SC, José Eugênio Müller construiu uma vila operária, já em Nova Friburgo, ocupou a direção do Lar Operário, uma iniciativa realizada em parceria dos sindicatos e prefeitura, que visava

⁸⁰ Coluna: Ruas de Nova Friburgo. Edição online do *Jornal a Voz da Serra*.

construir moradias populares para os operários das fábricas têxteis. O projeto, contudo, acabou resultando em fracasso, o que garantiu a Müller algumas críticas.

É importante observar, contudo, que durante a década de 1950, o país vivia um crescente processo de urbanização, calcado no crescimento industrial e, conseqüente, êxodo rural. Em Nova Friburgo, especificamente, as fábricas têxteis – que haviam propulsionado, no início do século, a urbanização do município – empregavam cada vez mais operários. De acordo com COSTA:

“Dos 47.755 friburguenses, 28.458 (60%) já se localizavam principalmente na cidade, invertendo a proporcionalidade existente em 1940, que era de 22.235 moradores (57%) localizados na zona rural, contra 16.975 (43%) das zonas urbana e suburbana, na década anterior. (...) Em contrapartida, as indústrias de transformação experimentavam um crescimento, passando a absorver 4.516 trabalhadores em 1950, 1.089 a mais que em 1940.”⁸¹

Demonstrar, portanto, preocupação com questões operárias e urbanas significava atingir um grande e crescente contingente eleitoral, já que este era o setor que mais crescia em Nova Friburgo.

O início do mandato de Eugênio Muller foi marcado por grande tensão entre o poder público e a Companhia de Eletricidade. À época, a Companhia de Eletricidade era privada e não comportava adequadamente o crescimento populacional, o que resultava no racionamento de energia e morosidade no processo de aquisição dos serviços. A companhia escolhia, sem critérios previamente estabelecidos, quem receberia energia elétrica, o que acabava por gerar uma imensa rede de favores. Outra acusação que pairava sobre ela era a de beneficiar com taxas diferenciadas a Fábrica de Rendas Arp⁸², que pertencia a Jullius Arp - dono da concessão de eletricidade no município. Segundo o antigo prefeito César Guinle, “Desde a vigência do Código de Águas, o consumidor Fábrica de Rendas vem gozando da prerrogativa de pagamento de tarifas menor, em desrespeito às disposições formais do referido código.”⁸³

Além disso, o racionamento de energia elétrica impedia que novos estabelecimentos se instalassem no município, pois não havia a garantia de se conseguir luz. Assim, se no início do século, a precariedade do sistema de energia elétrica era um entrave para a instalação das primeiras indústrias na cidade, agora, o seu mau fornecimento e o racionamento estagnavam o desenvolvimento de Nova Friburgo e impediam que a cidade expandisse suas atividades

⁸¹COSTA, Ricardo da Gama. *Op.Cit.*, 1997, p. 121.

⁸² Jornal *A Voz da Serra*, edição de 6 de agosto de 1951.

⁸³ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 6 de agosto de 1951.

industriais e comerciais. Para agravar ainda mais a situação, a União havia concedido um aumento tarifário à Companhia Elétrica, o que resultou em mais críticas à sua atuação.

Todos esses fatores impulsionaram uma campanha de municipalização dos serviços de eletricidade por parte do PSD. Sob o título de “*Força e Luz*”, o jornal *A Voz da Serra* criou uma coluna veiculada semanalmente, cujo intuito era divulgar os abusos cometidos pela fornecedora de energia no município. No entanto, a despeito da crise de abastecimento e da intensa campanha promovida pelo jornal pessedista, poucas alusões ao tema foram encontradas no jornal da UDN. Nem mesmo quando o deputado estadual udenista César Guinle declarou a falta de idoneidade da companhia ao prestar seus serviços, o jornal se manifestou.

Essa insistente omissão do assunto nas páginas do jornal *A Paz* se justificava pela antiga aliança – intermediada por Galdino do Valle Filho no início do processo de industrialização do município – entre o grupo que formaria posteriormente a UDN e o setor têxtil: o político havia sido um dos principais articuladores da campanha que garantiu a concessão de energia elétrica ao empresário Jullius Arp.

A querela em torno da questão de energia se tornou tão grande, que houve necessidade da intervenção de Amaral Peixoto. Para amenizar o problema de abastecimento, embora, não o solucionasse, o governador decretou que parte do município passasse a ser abastecido pela Companhia Elétrica de Macabu.

Apesar do reforço e das manifestações públicas do prefeito e dos vereadores por melhores condições de abastecimento, o problema ainda assim persistiu. A campanha empreendida pelo PSD, embora não tenha saído vitoriosa, teve como uma de suas conquistas a aquisição, por parte da prefeitura, de 20% das ações da Companhia.

Outra importante questão durante a gestão de José Eugênio Muller era a falta de habitação para comportar o crescimento urbano, advindo em parte do aumento da demanda por operários nas fábricas têxteis. O prefeito tinha como projeto construir uma vila operária e, para tanto, a prefeitura adquiriu lotes no bairro Vila Amélia; contudo as construções das casas não foram realizadas durante a gestão de Muller, fato que lhe rendia severas críticas da UDN.

Apesar de não ter conseguido alcançar seu intento, a experiência que possuía da construção de casas operárias em Itajaí, bem como sua proximidade com Getúlio Vargas, renderam-lhe, o convite, por parte do presidente, para assumir a Superintendência das Casas Populares no Rio de Janeiro em 1954. Embora, a princípio, tivesse aceitado o convite, Muller declinou da proposta e resolveu concluir seu mandato de prefeito de Nova Friburgo. O convite

para o cargo de superintendente, embora não viesse a se consumar, denotava o prestígio do político junto a Getúlio Vargas.

Por ocasião desse pedido e também corroborando sua notoriedade, Muller recebeu um “Honrosa Missiva”⁸⁴ do ex-governador de Santa Catarina, Adolpho Konder. No documento, o ex-governador aclamava a escolha e atuação de Muller na construção das casas operárias em Itajaí.

A crise política e econômica, que assolava o país nos últimos meses do governo de Getúlio Vargas, acabou por culminar no seu suicídio em 24 de agosto de 1954. Sob o título de “Perdeu a vida para não perder a honra”, o *A Voz da Serra* publicava a trágica notícia na edição de 28 de agosto de 1954, cujo conteúdo se dedicava exclusivamente à morte de Getúlio Vargas. No dia seguinte à sua morte, a Câmara Municipal de Vereadores aprovou a mudança de nome da Praça XV novembro – praça central e um dos principais pontos turísticos do município – para Praça Getúlio Vargas. José Eugênio Müller, em telegrama publicado, declarava sobre os recentes acontecimentos:

ntos:

Do prefeito ao novo Presidente da República

Fiel a memória do meu querido amigo e grande brasileiro Getúlio Vargas, cujo patriotismo e profunda honestidade toda nação reverencia, venho trazer-lhe os meus mais sinceros votos pelo completo êxito em seu governo e pelo crescente aprimoramento das nossas aspirações democráticas.
Cordiais saudações, José Eugênio Muller

Em publicação posterior,⁸⁵ o prefeito deixava claros seus posicionamentos e inclinações políticas no seguinte telegrama destinado a Oswaldo Aranha:

Ninguém neste país poderia ter dúvidas sobre sua atitude, momento que nosso inesquecível amigo e grande brasileiro Getúlio Vargas foi levado ao sacrifício extremo. Como em 1930, e sempre, quero ser um soldado sob a bandeira da libertação nacional.

Em Nova Friburgo – seguindo a tendência do que se manifestava na capital e em outros pontos do país – a morte de Vargas teve bastante repercussão e um grande contingente de pessoas foi às ruas protestar e homenagear o antigo presidente. Tudo indica que o número de pessoas que participaram deste episódio tenha sido elevado, haja vista que, na semana seguinte ao suicídio, mais de 300 pessoas se reuniram em frente à sede do jornal *A Voz da Serra* a fim de protestar contra notícias veiculadas pela mídia carioca, segundo as quais a

⁸⁴Jornal *A Voz da Serra*, edição de 24 de janeiro de 1954.

⁸⁵ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 5 de setembro de 1954.

manifestação ocorrida na cidade tivera caráter comunista. Fato é que, tal como se processava nos demais centros, o suicídio do presidente gerou revolta em uma parcela significativa da população friburguense, sobretudo entre os operários das indústrias.

A revolta e a comoção popular perante o ocorrido foram uma constante em quase todas as regiões do país; o suicídio de Vargas se tornara um extremo e último ato político que se mostrava vitorioso na intenção de mobilizar as massas, sobretudo as urbanas.

Entretanto, limitar os protestos em Nova Friburgo a uma simples reprodução das tendências que se configuravam nos grandes centros urbanos seria incorrer no reducionismo. É importante lembrar que nas eleições anteriores todos os candidatos do PSD haviam vencido no município em número de votos, inclusive o presidente Getúlio Vargas.

A população friburguense tinha vivenciado há pouco tempo a inauguração da estrada que ligava o município ao Rio de Janeiro, fruto de uma parceria entre os governos federal – personificado na figura de Vargas – e estadual. Além disso, o município tinha grande parte de sua mão-de-obra constituída por operários, grupos que constituíam importante parcela dos eleitores de Vargas, devido à CLT, e que haviam acabado de ser beneficiados com o aumento de 100% do salário-mínimo sancionado por Vargas. Todos esses elementos somados à intensa campanha de enaltecimento que os jornais *A Voz da Serra* e *O Nova Friburgo* fizeram do candidato durante sua vida pública, bem como a comoção popular e midiática traçada no país após a sua morte contribuíram para as manifestações populares em Friburgo.

Durante o tempo em que esteve à frente do executivo de Nova Friburgo, José Eugênio Muller teve de administrar os prós e os contras de um município que se desenvolvia economicamente. Como seu próprio relatório de governo atestava:

“Um dos mais sérios problemas que a administração municipal teve que enfrentar foi constituído pela ampliação dos ramais de luz, água e esgoto. O vertiginoso progresso no campo populacional da cidade, com a natural extensão das zonas em que estão sendo construídas residências para as famílias operárias, vêm exigindo a imediata ação da prefeitura no que se refere aos melhoramentos urbanísticos dessas mesmas zonas, e principalmente, que sejam elas providas das condições básicas de habitabilidade: – água, esgoto e luz elétrica.”⁸⁶

As indústrias têxteis empregavam cada vez mais operários, atraindo pessoas para o centro da cidade, bem como habitantes de municípios próximos. Nova Friburgo firmava-se como importante polo industrial, enquanto Muller procurava meios de impulsionar tal desenvolvimento através de isenções fiscais para indústrias que se instalassem no município.

⁸⁶ Relatório de atividades administrativas do executivo, correspondente ao exercício de 1952. Jornal *A Voz da Serra*, edição de 1 de março de 1953.

O desenvolvimento industrial e municipal criava novas demandas e tornava imperativa a criação de soluções. A antiga concessionária de energia elétrica já não comportava os números de habitantes do município e de indústrias; faltavam habitações para os operários e matérias-primas para construções de moradias.

Em alguns casos, o prefeito encontrou soluções de bom termo. Quando houve carência de cimento no município, por exemplo, a própria prefeitura passou a distribuí-lo. Em outros casos, a interlocução com governo estadual fora fundamental: Amaral Peixoto garantiu parte do abastecimento da energia elétrica através da Companhia de eletricidade de Macabu e promoveu a construção da rodovia que ligava Nova Friburgo ao Rio de Janeiro, estrada esta que possibilitaria o crescimento comercial e turístico da região.

Algumas questões, contudo, careceram de soluções e ficaram pendentes para as próximas administrações. Embora a prefeitura tivesse se tornado acionista da Companhia de Eletricidade, o abastecimento continuava deficitário, o que atravancava o próprio crescimento municipal. Além disso, problema da falta de habitações ainda persistia.

2.3 Nova Friburgo, capital do Estado

No primeiro ano do mandato de José Eugênio Muller (1951), surgiu na Câmara dos deputados uma proposta bastante ousada: a de transferência da capital do Estado para Nova Friburgo.

Dois deputados estaduais que representavam o município foram eleitos: o antigo prefeito César Guinle pela UDN e o ex-interventor e principal nome do PSD local até então, Dante Laginestra. Além disso, durante as últimas eleições, Amaral Peixoto tivera o PSD local, bem como Eugênio Müller, como importantes aliados em sua candidatura, haja vista que o PSD tinha muita força eleitoral no município. Nova Friburgo era vista, no momento, como uma das bases de apoio do então governador, cuja estratégia era manter seu poder através das alianças estabelecidas com o PSD e políticos locais, que lhe garantiam votos. Nesse contexto, digamos favorável, é que ocorreu a campanha em prol de Nova Friburgo se tornar a nova capital do Estado do Rio de Janeiro.

O tema da transferência da capital do Estado de Niterói para outra localidade não era algo recente e remontava ao período em que a cidade havia sido elevada a tal categoria. Segundo Marieta de Moraes Ferreira:

“A implantação do federalismo trazido pela República colocou a necessidade de se construir novos padrões de relacionamento entre o poder central e governos estaduais. É nesse contexto que se dá a emergência da discussão sobre a transferência da capital do estado de Niterói para o interior, sob o argumento de que era fundamental afastar a política fluminense das influências da capital do país.”⁸⁷

O município de Campos dos Goytacases, por exemplo, logo após a proclamação da República, já reivindicava para si o título de capital do Estado. Somavam-se a Campos, os municípios de Nova Friburgo e Teresópolis. Segundo Marieta de Moraes, em 1893, houve o reinício das discussões sobre a transferência da capital e, com isso, surgiram diversos rumores de que estava decidida a mudança de capital para Nova Friburgo. Tais rumores, entretanto, acabaram não se consumando e tiveram como reação uma intensa campanha de oposição em Campos.

No entanto, embora esse tópico fosse discutido há longa data, na década de 1950, tal tema emergiu de forma central no palco do debates políticos de Nova Friburgo, tendo ressonância, inclusive, na assembléia legislativa do estado, através de Dante Laginestra, que ocupava o cargo de vice-presidente.

Na edição de 3 de junho de 1951 do jornal *A Voz da Serra*, noticiava-se o banquete que havia sido feito por ocasião da visita de Amaral Peixoto a Nova Friburgo. Nesse banquete, Amaral levantava a possibilidade de que – segundo ele um pensamento seu antigo – Nova Friburgo viesse a se tornar capital do Estado. O jornal transcrevia, ainda, o pronunciamento do governador, que afirmava entre outros:

“Represento e disto não há dúvidas, tendência observada em todos os países e unidades federativas, a localização de suas capitais preferencialmente em suas regiões e interiores.

Com respeito ao Estado do Rio, não menos necessitaria de nos apresentar tal iniciativa. E assim, por toda uma série de fatores conhecidos, nenhum outro município oferece ao meu ver, melhores condições, tanto pela situação geográfica, pelo seu clima, como pelas possibilidades que apresenta, de se tornar um grande centro. A respeito do assunto, que permite considerações e opiniões diversas, creio que sua efetivação não representaria qualquer prejuízo para Niterói. Nossa capital já é, nos nossos dias, uma grande cidade, tem vida própria, pois que é grande centro comercial e industrial. Ademais, tal coisa só poderia, por outro lado, ter efetivação a

⁸⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A cidade como centro político*. In: MARTINS, I. L.; KNAUSS, P. (Orgs.). *Cidade Múltipla: temas de história de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 1997. p. 82.

longo prazo, além de, forçosamente, se registrar a necessidade de que continuem sendo sediados na capital atual, muitos dos serviços públicos. Na constituinte de 1946, votei pela transferência da capital para o interior do país e sou assim coerente no meu ponto de vista, embora devessem continuar onde se encontram, muitos dos mais importantes serviços da União.”

Como se pode perceber no texto transcrito acima, embora Amaral defendesse a ideia de interiorização da capital e indicasse Nova Friburgo como a melhor possibilidade, o próprio governador se demonstrava ciente dos entraves ao projeto, que poderia lhe custar a perda de grande parte de seu prestígio político, bem como base de apoio. Ao ressaltar que diversos serviços públicos deveriam continuar sendo prestados em Niterói e pela ênfase que dava em seu discurso ao afirmar que Niterói não seria prejudicada com uma potencial transferência, pode-se perceber que o governador tinha bastante noção do impacto político negativo que tal transferência poderia gerar.

Ainda de acordo com o governador, essa idéia já era antiga e ele a adiara ainda um pouco mais por receio de que as pessoas dissessem que tal anúncio teria fins eleitoreiros. Ao contrário do que ele alegava, um anúncio como esse provavelmente o tiraria mais votos do que lhe traria. Até mesmo no período que sucedeu sua eleição, esse era um tema delicado e polêmico, visto que contrariava os interesses dos grupos econômicos estabelecidos na capital e, provavelmente, seria uma questão que geraria divergências dentro do próprio PSD. Contudo, tal declaração denotava, sem dúvidas, a importância que Nova Friburgo e o diretório do PSD local possuíam como uma das bases de sustentação política do então governador.

Os motivos apresentados para legitimar a candidatura de Friburgo à capital do Rio de Janeiro já eram bastante antigos. Citava-se a proximidade do Distrito Federal e Niterói, que a tornava ambiente propício para revoltas políticas, além da “necessidade” da interiorização da capital com o objetivo de desenvolver outras regiões do Estado.

Após a manifestação de Amaral, Dante Laginestra fizera discurso na Assembleia no qual afirmava:

“(…) Há dias passados focalizei nessa mesma tribuna, o valor social econômico do município de Nova Friburgo, a par com seu clima privilegiado. A situação geográfica do município de Nova Friburgo o indica naturalmente para capital fluminense, vez que, está no centro do Estado. Por todas essas razões é que há vários anos o Exmo. Sr. Governador acalenta essa idéia magnífica e que ontem lançou oficialmente no município que tenho a honra de representar nesta casa.”⁸⁸

Dante Laginestra alicerçava as razões para transferência da capital para Nova Friburgo em um argumento conhecido: a necessidade de interiorização da Capital, para assim

⁸⁸ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 3 de junho de 1951.

desenvolver economicamente outras regiões. O político mencionava também o apoio do executivo municipal, José Eugênio Muller, que garantia que tal mudança não oneraria as finanças do estado.

Todavia, a despeito do grande destaque que a mídia local pessedista havia dado ao tema da possibilidade de transferência da capital – manchete de três edições seguidas do *A Voz da Serra* – esse assunto esvaneceu rapidamente dos tópicos dos assuntos políticos do município, sendo impossível encontrar nos meses seguintes qualquer alusão ao tema.

O rápido desaparecimento do assunto nos debates políticos de Nova Friburgo, os prejuízos que isso poderia acarretar a Amaral Peixoto, assim como a ausência de outros registros que discorressem sobre o assunto, levam a crer que essa idéia não tenha sido efetivamente defendida pelo governador, limitando-se apenas ao discurso proferido por ele enquanto visitava a cidade.

Além disso, as próprias ações de Amaral, à frente do executivo estadual, contrariavam tal inclinação. Em seu segundo governo, por exemplo, Amaral Peixoto direcionou seus esforços para a criação de indústrias e reformas urbanas em Niterói. O governador ainda promoveu uma série de obras e mudanças que visavam fornecer a Niterói uma maior infraestrutura, dando a cidade condições de se firmar como um grande centro político e econômico do Estado.

2.4 As eleições de 1954: o impacto gerado pelo suicídio de Getúlio Vargas

O suicídio de Getúlio Vargas influenciou diretamente os rumos das eleições de 1954. Através de sua carta-testamento, Vargas deu feições de um ato político ao seu suicídio, revertendo as campanhas difamatórias das quais seu governo era alvo e, por conseguinte, alçando a bandeira do getulismo. Era o momento da efervescência das bandeiras políticas defendidas por ele.

Se por um lado o PSD e o PTB tinham como trunfo a ligação com Vargas, cabendo ao último o título de herdeiro do trabalhismo, por outro lado, cabia-lhes o desafio de canalizar, de forma longeva e efetiva, toda a popularidade e legado político, do qual gozava o falecido presidente.

A UDN, cujo surgimento tinha como razão a oposição a Vargas, tinha como tarefa organizar suas ações perante o suicídio do presidente. Se, em um primeiro momento, o suicídio de Getúlio Vargas poderia parecer uma vitória, agora este se revertia em mais uma derrota para o partido. A UDN, que obtivera sucesso na promoção do desgaste do presidente e seu governo, através de intensa campanha difamatória nos meses anteriores, perdia o seu maior elemento de identidade. De acordo com Maria Victória de Benevides, esse evento causou um sentimento de apatia no partido, que não sabia como devia se portar perante o episódio.

“Na realidade, o trauma provocado pela morte do seu principal inimigo – mais do que inimigo, a ‘razão de ser’ de um partido fundado pelos que se lhe opunham – causou nos udenistas um sentido ambíguo de depressão e euforia, fatais para a coordenação de uma ação política eficiente, no sentido de gerir os frutos da vitória.”⁸⁹

A comoção popular gerada em torno de Vargas e bem explorada pelo PTB e PSD, que traçaram aliança, bem como o desnorteamento da UDN, que não conseguiu direcionar suas ações, culminaram no resultado das eleições de 1954 e 55.

Em Nova Friburgo, a morte do presidente gerou várias manifestações, principalmente entre os operários que foram às ruas e atearam fogo em propagandas de candidatos udenistas.

No tocante aos partidos políticos, inicialmente, o PTB local apoiaria o candidato da UDN à prefeitura, entretanto, com o episódio de agosto, o partido desistira de se vincular aos udenistas. Essa possível aliança gerou uma crise interna dentro do próprio PTB, cujos setores getulistas viam a coligação entre os dois partidos como uma traição. Diante da impossibilidade de concretizar a antiga aliança, o PTB se dividiu entre duas possíveis soluções: alguns grupos defendiam o lançamento de candidatura própria, enquanto outros acreditavam que a melhor alternativa seria o apoio ao candidato do PSD, tendência que se manifestou em diversas localidades do país, como na candidatura a governador do estado, quando os partidos se uniram no lançamento do nome de Miguel Couto.

A tensão no PTB local era tanta, que o próprio presidente do partido, Henrique Leal Nunes, divulgou uma nota no *A Voz da Serra*, na qual, entre outras coisas, acusava de “falsos getulistas” os petebistas que tentaram aliança com a UDN. Sobre esse grupo e a referida aliança, Nunes afirmava:

⁸⁹ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambigüidades liberalismo brasileiro*(1945-1965). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.p. 90.

“Com essa manobra somente seria favorecido o partido dos caluniadores, dos vilipendiadores do nosso grande Presidente Vargas. Alcançavam assim os seus objetivos eleitorais, os realmente udenistas, e os udenistas encapuzados, que no fundo são ardentes admiradores Baleeiros, Lacerdas e Cia. Lavrei os meus protestos diante desses fatos e reafirmei mais uma vez que os nossos candidatos deveriam ser Feliciano Costa e Amâncio Azevedo.”⁹⁰

Já o diretório da UDN local tentou se defender, através do *A Paz*, dos ataques que recebia; entretanto, é interessante observar que as críticas ao antigo presidente perdiam sua tenacidade. Ele deixara de ser o perpetuador da corrupção e outras arbitrariedades e se tornara o político incompetente e enganado, que não percebeu todas essas ações. Seguindo essa linha, Galdino do Valle Filho discorria sobre o tema em um de seus editoriais:⁹¹

“O que o matou não foi pois a UDN, mas a certeza que só agora teve das horríveis denúncias que patrioticamente lhe faziam e que seus íntimos calculadamente lhe ocultavam para melhor fruir as ‘bondades’.
(...) Um tresloucado, um gesto de desespero, dá sempre um tiro na cabeça. No coração, só os apaixonados desiludidos ou os que se sentem traídos pelos gregórios mais íntimos de sua entourage...”

Se antes, Vargas era culpado pelos crimes de corrupção, do atentado a Carlos Lacerda e o assassinato do major da aeronáutica Rubens Vaz, agora, de acordo com o discurso de Galdino, o antigo presidente era tido como um homem frágil, que não havia suportado a descoberta dos casos de corrupção em seu governo. É fato que as duas visões tinham caráter pejorativo, mas, sem dúvidas, a segunda era muito mais branda. Provavelmente, os políticos da UDN sabiam que retomar uma campanha ostensiva contra Vargas não seria inteligente eleitoralmente falando, dada à popularidade da qual ele gozava após a sua morte. Contudo, também não era possível esquecer os anos de oposição e ataques da UDN ao antigo presidente - uma das marcas do partido.

A solução adotada pela UDN local foi a de abandonar o ataque ostensivo e adotar um discurso moderado. Outra mudança de ação da UDN foi a importância que dava ao setor rural em seus discursos. Esse passou a ser citado com grande destaque durante a campanha eleitoral provavelmente pelo fato de o discurso getulista ser mais eficaz entre os setores do operariado urbano, a quem as leis trabalhistas e o aumento do salário mínimo beneficiavam.

O suicídio do presidente Vargas funcionou como um divisor de águas nas eleições friburguenses: a aliança entre UDN, que lançaria para prefeito Humberto de Moraes, e o PTB, que indicaria o vice-prefeito Dr. Silva Araújo Filho, fora desfeita; Ambos os partidos foram

⁹⁰ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 29 de setembro de 1954.

⁹¹ Jornal *A Paz*, edição de 18 de setembro de 1954.

enfraquecidos com o acontecimento, tanto pelo fato da aliança não ter se firmado, quanto pela imagem desses após os episódios ocorridos; A UDN era acusada pelo “assassinato” do presidente e o PTB era tido como traidor por suas relações próximas com a UDN; E, enquanto para os dois partidos, a morte de Vargas resultaria num grande golpe eleitoral, o PSD se fortalecia ao vincular sua imagem a do antigo presidente, se fiando como representante friburguense do espólio varguista. Nesse sentido, as eleições ganhavam um novo significado: o de fazer justiça a Getúlio Vargas. Isso ficara bem assinalado na manchete de *O Nova Friburgo*:⁹² “Jamais um pleito eleitoral teve tanto significado – O voto será a arma secreta para a reação popular – Saibam os eleitores cumprir com o dever”.⁹³ Nisso residia a principal estratégia do PSD durante as campanhas: vincular-se à imagem do antigo presidente, se mostrando a “única” opção para o setor operariado e aqueles que coadunavam com os ideais getulistas.

Vale lembrar que o operariado friburguense representava significativa parcela do eleitorado. De acordo com *O Nova Friburgo*, seriam 70%⁹⁴ e, então, cooptá-los significaria a garantia da vitória.⁹⁵

Acabaram por representar os partidos nas eleições municipais de 1954, para os cargos de prefeito e vice-prefeito, respectivamente, os seguintes candidatos: Feliciano Costa e Amâncio Mário Azevedo pelo PSD; Humberto de Moraes e César Guinle pela UDN; e Silva Araújo e Odilis Mello pelo PTB.

O resultado das eleições, como se podia esperar, foi a consagração do PSD e seus candidatos, que tiveram maioria de votos entre o eleitorado friburguense. Assim, subiam ao executivo municipal, nos cargos de prefeito e vice-prefeito, as figuras dos dois populares médicos, Feliciano Costa e Amâncio Mário Azevedo.

O PSD havia sido o mais votado em todos os cargos disputados, conseguindo a maior bancada na Câmara Municipal de Vereadores e elegendo ainda os antigos interventores José

⁹² Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 19 de setembro de 1954.

⁹³ Neste período, o proprietário de *O Nova Friburgo*, Pedro Cúrio, havia se desligado do PTB e se filiado ao PSD. Portanto, por mais que a linha editorial do jornal se declarasse apartidária, havia uma clara tendência de beneficiamento ao PSD em suas publicações.

⁹⁴ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 10 de outubro de 1954.

⁹⁵ Embora não se possa atestar a precisão do percentual apresentado pelo jornal *O Nova Friburgo*, este valor é, provavelmente, bastante significativo. De acordo com dados obtidos por Ricardo da Gama Costa, o número de habitantes da zona urbana do município no início de 1950, correspondia a 60% do total de habitantes. Contudo, apesar de nem todos que residiam no centro da cidade terem suas atividades laborais relacionadas às fábricas têxteis, estas eram a fonte majoritária de empregos.

Eugênio Muller (4.917 votos), como deputado federal e Dante Laginestra (3.735 votos)⁹⁶, como deputado estadual. Sobre a candidatura dos dois últimos, é interessante observar que Dante Laginestra – não obstante o extenso período que estivera na interventoria do município, firmando-se como a grande liderança do PSD friburguense em seus anos iniciais – obtivera uma votação menor que a de José Eugênio Muller, o que indica um certo refluxo em sua trajetória política e denota a importância de Muller no contexto político fluminense.

No que tange à Câmara Municipal, poucas chances tiveram o PTB e a UDN perante o PSD, que preencheu 10 das 15 vagas para o legislativo municipal, como demonstra o seguinte quadro:

Câmara Municipal de Vereadores, eleita em 1954

Vereadores eleitos	Partido	Votos
Heródoto Bento de Mello	UDN	566
Murillo Cúrio	PSD	488
João Batista de Moraes	PSD	451
Francisco Pio Azevedo	PSD	419
José Rios	PSD	414
Francisco Cantelmo	PSD	391
Luiz de Oliveira e Silva	PRP	376
João Aguilera Campos	UDN	367
Lafayette Bravo	PSD	318
Geraldo Pinheiro	PSD	306
Alencar Pires Barroso	PSD	271
Pero Marques	UDN	249
Laura Milheiro	PTB	228
Américo Teixeira	UDN	
Alencar Pires Barroso ⁹⁷	PSD	

Se nos outros anos havia sempre um certo equilíbrio dentro do legislativo, em 1954 o PSD obteve a imensa maioria de vagas, limitando significativamente o poder de atuação dos partidos de oposição dentro do legislativo. Entretanto, coube à UDN uma tímida vitória com a

⁹⁶ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 17 de outubro de 1954.

⁹⁷ Não foi possível estabelecer o número de votos dos vereadores Américo Teixeira e Alencar Pires Barroso.

candidatura de Heródoto Bento de Mello, que sendo o vereador mais votado no município no início de sua vida pública, despontava como uma futura liderança nos quadros políticos de seu partido e do município.

As eleições de 1954 significaram, enfim, a consolidação diante do eleitorado do PSD como representante dos ideais getulistas. O partido, embora fosse constituído em sua maioria por profissionais liberais (médicos, advogados e empresários), havia conseguido transparecer entre os grupos urbanos e operários com a imagem de defensor de suas causas e o herdeiro direto do que significava Getúlio Vargas, simbolicamente, no popular local. Assim, votar no PSD, mais do que escolher um partido, configurou-se em um voto de protesto e uma última homenagem à memória do antigo presidente.

2.5 O governo Feliciano Costa (1955-58)

Se no final de 1954, os prognósticos eram os mais favoráveis possíveis para o PSD, que havia eleito não só a maioria de vereadores, como também o prefeito e vice-prefeito, a realidade do ano de 1955 se mostrou um tanto mais complexa.

Em seu discurso de posse,⁹⁸ Feliciano Costa atentava para algumas questões importantes, como o baixo orçamento do município e a necessidade de melhorar o aparelho “arrecadador-fiscalizador”. O político alertava ainda para o seu principal desafio que era solucionar o problema do abastecimento de água no município. Para tanto, Feliciano Costa anunciava como seu “Plano de Governo” para o primeiro ano:

“Firmar-me-ei numa linha austera de governo: ordenarei medidas rigorosas de contenção de despesas; farei aplicação rígida do orçamento, providenciando as ações necessárias para um acréscimo de receita. É este em síntese o meu programa de primeiro ano de governo”.

Fazendo jus ao que prometera, uma das primeiras ações de Feliciano Costa foi a de apresentar à Câmara de Vereadores uma proposta de aumento tributário para diversos setores da economia: indústrias, comércios e bancos. A medida, que onerava principalmente o setor industrial cujas taxas não sofriam correções há oito anos, não foi aceita sem objeções, principalmente pela UDN. O *A Paz* destacava: “Os grandes estabelecimentos comerciais e

⁹⁸ Discurso publicado no jornal *A Voz da Serra*, edição de 6 de fevereiro de 1955.

industriais de Friburgo irão pagar 200 vezes mais que os de Petrópolis, Campos ou de qualquer outra cidade fluminense”.⁹⁹ O jornal, embora admitisse que era necessário adquirir um empréstimo ou aumentar a arrecadação para solucionar a questão do abastecimento de água e rede de esgotos no município, afirmava que o percentual proposto pelo prefeito ultrapassava os limites do razoável, comprometendo o desenvolvimento da atividade comercial no município.

No decorrer desse episódio, Heródoto Bento de Mello foi um grande destaque. O vereador, através de colunas no jornal *A Paz*, utilizava sua habilidade retórica para tecer duras críticas à reforma tributária. Através delas, era possível compreender a linha de pensamento do político, que defendia fervorosamente os industriais, alegando que eles não deveriam pagar mais impostos sobre suas atividades comerciais, uma vez que já pagavam o imposto de renda.

Fato é que, ao apresentar tal medida, Feliciano Costa contrariava os interesses dos grupos dominantes que já haviam sido beneficiados com diversas ações governamentais e que, dificilmente, tinham seus interesses contrariados, mesmo quando havia esforços do executivo e legislativo nesse sentido. Um bom exemplo para ilustrar tal afirmação foi o episódio gerado nos anos anteriores, e que ainda persistia, sobre a questão do deficitário fornecimento de energia elétrica. A concessão que havia sido dada a Jullius Arp, que utilizava disso para beneficiar sua própria empresa, continuava em seu nome. Apesar de diversas denúncias, o problema prosseguia.

A despeito da oposição ferrenha à reforma tributária, surpreendentemente, a UDN poupava o chefe do executivo e dizia que a culpa disso residia nos seus assessores, “os quais consciente, ou inconscientemente, abusaram da sua confiança. Levaram-no a assinar de boa fé, sem exame, um projeto incrível, com o propósito de expô-lo ao ridículo e incompatibilizá-lo com o povo.”¹⁰⁰ O partido, que sempre criticara às gestões do PSD, dessa vez, tentava o máximo possível protelar as críticas ao então prefeito. Essa ação era o indicativo de uma possível aproximação entre a UDN e Feliciano Costa.

O novo Código Tributário acabaria, enfim, sendo aprovado na Câmara, mas não sem causar um imenso desgaste dentro do governo, uma vez que havia resistência a tal proposta dentro do próprio PSD, inclusive por parte do presidente da Câmara - o pessedista Murillo Cúrio. Além disso, de acordo com os jornais locais, o clima entre Feliciano Costa e o líder do

⁹⁹ Jornal *A Paz*, edição de 5 de junho de 1955.

¹⁰⁰ Jornal *A Paz*, edição de 5 de junho de 1955.

partido, o deputado estadual Dante Laginestra, estava estremeado. Segundo o jornal *A Paz*¹⁰¹, Laginestra tentava dificultar as ações do prefeito através da influência que tinha sob os vereadores do partido, o que justificaria os posicionamentos contrários da bancada pessedista ao Código Tributário.

As querelas entre Feliciano Costa e o PSD acabaram por alimentar os rumores de que o prefeito se desligaria do partido, possibilidade que era tratada frequentemente no jornal oposicionista. Ainda no primeiro ano de seu mandato, por exemplo, o jornal *A Paz* anunciava um possível rompimento entre ambos, enquanto o *A Voz da Serra*¹⁰² negava categoricamente essa possibilidade. Apesar da tentativa do segundo jornal em demonstrar uma relação harmônica entre Feliciano e o PSD, é interessante notar que a imagem do vice-prefeito, Amâncio Mário Azevedo, era muito mais veiculada e propagada no jornal do que a do prefeito, o que corrobora com a hipótese de que o conflito dentro do partido existia e, provavelmente, perdurava por alguns meses.

Em edição de 20 de agosto, o jornal *A Paz* anunciava que o então presidente da Câmara, o pessedista Lafayette Bravo, havia solicitado do executivo municipal toda a verba destinada à Câmara, cuja praxe era ficar depositada na prefeitura e ser liberada à medida que as demandas fossem apresentadas. Esse episódio agravou ainda mais o clima já tenso entre o prefeito e seus partidários. Assim, poucos dias depois, em carta endereçada ao presidente do PSD friburguense, Dante Laginestra, o prefeito justificava o seguinte:

“Esclareço, outrossim, que sou forçado a tomar essa atitude pela falta de apoio da bancada pessedista na Câmara Municipal a todos os meus atos de administrador, o que me vem criando situação de absoluta instabilidade no que diz respeito a decisões puramente de ordem administrativa”.

A carta era a confirmação, enfim, dos boatos que circulavam há meses nas rodas políticas e, mais de uma vez, divulgados pelos jornais *A Paz* e *O Nova Friburgo*.

A possibilidade de desligamento de Feliciano Costa em menos de um ano do mandato do executivo era um duro golpe no PSD. Ainda mais, ao considerar-se que, nas eleições de 1954, votar no PSD significava um voto de protesto contra os grupos que tiraram Getúlio Vargas do poder. Assim, naquelas eleições, mais do que escolher votar em um indivíduo ou outro, votar na legenda partidária era o mais importante, pois demonstrava o posicionamento político do eleitor perante os acontecimentos de agosto de 54. Embora Feliciano Costa

¹⁰¹ Jornal *A Paz*, edição de 19 de junho de 1955.

¹⁰² Jornal *A Voz da Serra*, edição de 10 de abril de 1955.

gozasse de bastante popularidade advinda principalmente de sua prática médica, durante aquelas eleições, concorrer sob a legenda do PSD era garantia de um número significativo de votos. Nesse sentido, o jornal *O Nova Friburgo* atacava: “É preciso não esquecer que ‘s.s’ foi eleito pelo PSD, pois quando pontificava no PTB foi derrotado em duas eleições consecutivas, o que prova não ter força eleitoral própria”.¹⁰³

É certo, contudo, que Feliciano Costa era um homem de grande popularidade no município, ao contrário do que insinuava *O Nova Friburgo*, tendo inclusive uma votação expressiva no pleito anterior ao de 1954, embora não o suficiente para ser eleito. A trajetória de Feliciano era um clássico exemplo de superação. Negro, advindo de família de poucos recursos financeiros, ingressou na Marinha onde chegou ao posto de oficialato. Depois, formou-se enfermeiro, e por fim, médico. As adversidades superadas por Feliciano, bem como seu altruísmo no exercício médico, faziam dele um homem muito querido entre a população mais carente.

Deve-se considerar que, assim como é verdadeira a assertiva de que o PSD influenciara decisivamente na vitória de Feliciano, também não é falsa a afirmação de que parcela da responsabilidade de suas derrotas anteriores se devia ao PTB, que era um partido fraco em termos eleitorais no município, nunca tendo conseguido eleger um representante para chefiar a prefeitura municipal.

Contudo, apesar do possível rompimento de Feliciano Costa permear os debates políticos do município, o prefeito acabou permanecendo no partido, provavelmente, por intermediação de alguns setores do PSD. O jornal *A Voz da Serra*, por exemplo, tentava, através de suas publicações, minimizar sempre que possível as querelas entre o partido e o prefeito, além de elogiar suas ações à frente do executivo, numa clara política conciliatória. Contudo, essa prática não era uma unanimidade entre os correligionários de partido, o que se evidenciava claramente nas publicações do jornal *O Nova Friburgo*, que continuava a criticar as medidas do prefeito.

Pedro Cúrio, pai do vereador pessedista Murillo Cúrio, através de seu jornal atacava contundentemente o prefeito. Naquele momento, o jornal *O Nova Friburgo* representava o posicionamento de parcela do PSD. Ao analisar os jornais *A Voz da Serra* e *O Nova Friburgo*, ficam claros os diferentes entendimentos em relação a Feliciano Costa e, conseqüentemente, as divergências entre os políticos pessedistas.

¹⁰³Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 28 de agosto de 1955.

Nesse sentido, e a título de ilustração, vale citar o caso de remodelação da Praça Getúlio Vargas que incluía a derrubada de alguns eucaliptos. Sobre o mesmo episódio, os dois jornais tinham opiniões radicalmente contrastantes, representando alas opostas dentro do PSD. Enquanto o *A Voz da Serra* anunciava que o prefeito havia encomendado mais de duas mil mudas que “dariam um aspecto original e lindo ao nosso jardim”;¹⁰⁴ *O Nova Friburgo* condenava a remoção dos eucaliptos, classificando a atitude do prefeito como “deplorável” e afirmando que o ato “feria o belo e a tradição, contrariando a campanha do governo estadual em prol da preservação e do patrimônio florestal.”¹⁰⁵

Apesar dos esforços de uma ala do PSD em apaziguar os ânimos, as tensões continuaram se intensificando mais ainda em torno do caso Vila Amélia¹⁰⁶ e quando as contas do exercício de 1955 não foram aprovadas pelo legislativo.

A gestão de Feliciano Costa, ao contrário do que indicava a vitória esmagadora do PSD nas eleições últimas, foi marcada por conflitos e instabilidade política. Até o fim do seu mandato, o seu nome nos quadros do PSD era uma grande incógnita. Entretanto, apesar do ambiente hostil que se traçava no seio político, a gestão de Feliciano teve, como uma de suas características, a promoção do turismo através da suntuosidade jamais vista nos festejos da cidade, sendo reconhecida até pelo partido de oposição. Em sua gestão, as comemorações do aniversário de Nova Friburgo ganharam amplo destaque, assim como os festejos de carnaval, que atraíram o número recorde de 30 mil turistas no ano de 1956.

A despeito de todas as querelas citadas, o efetivo desligamento do prefeito do PSD nunca viria a se consumir. Contudo, a relação entre Feliciano e seu partido se manteve conturbada até o fim de seu mandato, gerando diversos boatos de brigas e rompimentos principalmente no jornal udenista, *A Paz*, que insistia em veicular notícias referentes a isso. Em um dado momento, por exemplo, o referido jornal chegou a anunciar, em grande manchete, o rompimento definitivo entre Feliciano Costa e o PSD¹⁰⁷. Mais uma vez, os boatos não se confirmariam e foram, como sempre, fervorosamente negados pelo *A Voz da Serra*,

¹⁰⁴ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 16 de outubro de 1955.

¹⁰⁵ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 11 de setembro de 1955.

¹⁰⁶ O prefeito Feliciano Costa tinha projeto de urbanizar e lotear as terras que correspondiam ao bairro Vila Amélia. Entretanto, o SESI, que tinha como diretor o vereador pessedista Murillo Cúrio reclamava o direito sob o bairro, alegando ter firmado contrato de construção de casas para operários no governo anterior. A questão tomou proporções tão grandes que, foram necessárias as vindas do ex-governador e presidente do PSD, Amaral Peixoto e do ex-prefeito e deputado federal, José Eugênio Müller, para intermediarem o conflito. Ao fim, foi aceita a proposta de Amaral Peixoto, segundo a qual, um terço da área ficaria reservada ao SESI, para que lá desenvolvesse obras sociais, e o restante se destinaria a prefeitura, que realizaria lá o que achasse conveniente.

¹⁰⁷ Jornal *A Paz*, edição de 3 junho 1956.

que tentara, durante toda a gestão de Feliciano Costa, promover uma certa estabilidade política no diretório do PSD. Enquanto isso, a UDN, insatisfeita com a derrota no pleito municipal, se manteve em “eterna vigilância” à espera do desentendimento derradeiro que cooptaria Feliciano Costa para o seu seio partidário.

2.6 As eleições de 1958

Ao concorrer ao cargo de vice-prefeito em 1954, Amâncio Mário de Azevedo obteve expressiva votação, chegando a ter mais votos que o candidato a prefeito Feliciano Costa. Durante seus mandatos, enquanto o último vivia uma relação turbulenta com o PSD, Amâncio se firmava como uma das sólidas lideranças do partido e político com bastante potencial eleitoral. Além disso, durante a gestão de Feliciano Costa, Amâncio havia ficado responsável pela comemoração dos festejos do aniversário de Nova Friburgo, dando ao evento uma grande proporção, o que tivera de ser reconhecido até mesmo pela UDN. Antes mesmo de ter início o ano eleitoral de 1958, era possível ver o busto de Amâncio Mário de Azevedo estampado insistentemente nas páginas do *A Voz da Serra*. A imagem do político era assim preparada para as futuras eleições, não restando muitas dúvidas de que as pretensões do PSD para Amâncio eram altas.

Contudo, as eleições de 1958 apresentavam uma grande surpresa e desafio para os pessedistas: o célebre José Eugênio Muller, ex-prefeito e um dos importantes nomes do partido, possuidor de relações e contatos com políticos de maiores esferas, havia se desligado do PSD e iria concorrer ao cargo de prefeito pela legenda da UDN, numa coligação que englobava PTB, PRP e PSB.

A aliança entre PTB e UDN não era uma peculiaridade friburguense e convergia com o que se traçava na política fluminense, em que ambos os partidos se uniam em torno da candidatura de Roberto Silveira para governador. No caso específico do PTB, a relação com o PSD era extremamente delicada no momento, haja vista a recusa do último em apoiar a candidatura de Roberto Silveira. O PTB, que havia feito alianças com o PSD e ajudado a eleger os três últimos governadores, contava com um trato velado de que, em 1958, o candidato a governador apresentado pela coligação dos dois partidos, seria alguém que

pertencesse ao quadro do PTB. Como o próprio Roberto Silveira declarava em carta dirigida ao comando pessedista:

“(...) Ao se dirigirem aos seus antigos aliados, lembram os trabalhistas que, por onze anos, apoiaram leal e decididamente três candidatos do PSD ao governo do Estado – os senhores Edmundo Macedo de Soares e Silva, em 1947; Amaral Peixoto, em 1950; e Miguel Couto, em 1954, de forma que, agora, parece ao PTB razoável o apoio de Vossa Excelência a um candidato trabalhista.

(...) Vale lembrar, outrossim, que o saudoso presidente Getúlio Vargas, ao dar solução final para o último acordo PSD-PTB, o fez recomendando à direção trabalhista que em 1958 o PTB apresentasse seu próprio candidato, conforme naquela época já era desejo do partido.”¹⁰⁸

Assim, se a coligação PTB-UDN poderia parecer à primeira vista inusitada, naquele momento ela se justificava, pois ambos os partidos haviam assistido nos últimos anos à hegemonia política do PSD e, agora, com uma aliança, tinham a condição de chegar ao poder e quebrar o longo domínio pessedista.

A filiação de José Eugênio Muller à UDN se deveu ao fato de que este queria concorrer ao cargo de prefeito, idéia que não possuía muito apoio dentro do PSD, uma vez que desde meados de 1957 já se ouviam rumores a respeito da candidatura de Amâncio Mário Azevedo.

Tendo seu nome preterido pelo de Amâncio, a alternativa encontrada por Muller, foi buscar apoio na UDN - único partido que poderia representar uma ameaça efetiva ao PSD. Sua candidatura, contudo, não foi um consenso entre os udenistas. Em convenção da UDN local, que definiu oficialmente a candidatura de Muller, o político havia vencido numa decisão apertada de 19 votos contra 15.¹⁰⁹ Ao que consta, até mesmo o próprio César Guinle, único prefeito eleito pela UDN e muito prestigiado dentro do partido, se opôs ao nome de José Eugênio Muller. A sua candidatura significava, portanto, uma cisão dentro da UDN.

A divergência contra o antigo pessedista era tanta que, Humberto de Moraes, representando a ala do partido contrária a Muller, publicou no jornal *O Nova Friburgo* um informe aos eleitores, no qual declarava que ele e outros membros do partido não apoiavam a indicação de Muller que, segundo ele, pertencia “às hostes do PSD.”¹¹⁰

Durante a campanha para prefeitura, o PSD adotou a estratégia de relacionar o nome de Amâncio à população mais pobre. Sob o título de “médico dos pobres” – uma versão

¹⁰⁸ ROCHA. *Op. Cit.*; p. 273.

¹⁰⁹ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 22 de março de 1958.

¹¹⁰ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 29 de março de 1958.

friburguense do “pai dos pobres” –, o partido tentava promover a imagem de Amâncio como um homem caridoso e que estaria ao lado dos mais necessitados. Diferentemente das campanhas anteriores, em que o PSD tinha como alvo, sobretudo, os operários e os incluía sempre que possível no seu discurso, dessa vez o partido tentava atingir um eleitorado mais abrangente. Ao direcionar sua campanha aos “deserdados da sorte”,¹¹¹ o partido buscava atingir não só os operários, mas todos os eleitores considerados pobres.

É importante destacar, contudo, que a propaganda política centrada no mais pobre, de forma geral, embora fosse uma forma de estratégia para conseguir mais votos, era também fruto do próprio perfil de Amâncio. Através de sua prática como médico em domicílio, o político havia adquirido proximidade com a população carente, conhecendo a fundo as mazelas pelas quais passava, como, por exemplo, a dificuldade de acesso às suas moradias por conta do calçamento precário. A própria alcunha de “médico dos pobres” se originaria do fato de Amâncio, antes mesmo de ingressar na vida pública, não cobrar pelas consultas dos que não podiam lhe pagar, extrapolando a relação usual de médico-paciente.

Assim, sendo coerente com a sua profissão e trajetória de vida, Amâncio tinha como algumas de suas propostas de governo: a disponibilização de um médico gratuito por distrito, salários justos para o funcionalismo público e fornecimento de “água, esgoto, calçamento e luz elétrica para os esquecidos bairros e morros.”¹¹²

Quanto à campanha de José Eugênio Muller, esta se calcava em sua antiga administração como prefeito e em suas ações como deputado federal, que eram sempre divulgadas e lembradas. O político era apresentado como um bom administrador e como alguém que se dedicaria em tempo integral à prefeitura, ao contrário de seu adversário, que prometera aos seus pacientes e possíveis eleitores continuar atuando como médico.

Por fim, concorreram ainda às eleições, para os cargos de prefeito e vice, através de uma aliança entre PSP (Partido Social Progressista) e PTN (Partido Trabalhista Nacional), o antigo vereador Murillo Cúrio e Vanor Tassara Moreira, filho do popular médico Demerval Barbosa Moreira. As candidaturas eram resultado da discordância em relação à aliança entre UDN e PTB e configuravam uma opção para o eleitorado mais alinhado à esquerda e ao trabalhismo e que não se via representado no momento pelo PTB.

Como podemos observar, embora UDN e PTB tivessem travado uma aliança em torno da candidatura de José Eugênio Muller, objetivando vencer as eleições, a estratégia não fora

¹¹¹ Expressão utilizada no jornal *A Voz da Serra*, em edição de 31 de agosto de 1958.

¹¹² Jornal *A Voz da Serra*, edição de 24 de agosto de 1958.

aceita com facilidade por diversos integrantes de seus partidos que acreditavam que tal candidatura era uma traição à ideologia e programa partidário de ambos.

As urnas de 03 de outubro de 1958 acabaram por sufragar prefeito e vice- prefeito os candidatos Amâncio Mário Azevedo pelo PSD e Vanor Tassara Moreira pelo PSP-PTN. Dessa vez, diferentemente do que ocorrera nas eleições anteriores, o prefeito e o vice eram de partidos rivais; contudo repetia-se a dobradinha de dois médicos ocupando os cargos máximos do município. Chamava a atenção o grande número de votos de Vanor que, a despeito dos partidos inexpressivos pelos quais se candidatara e também da inexperiência política, havia conseguido se eleger.

Quanto à Câmara Municipal de Vereadores, embora o PSD tivesse sido o partido mais votado, não apresentava a grande margem de diferença que se estabelecera no ano eleitoral anterior. Além disso, com as alianças formadas durante a campanha, o PSD perdia a maioria na Câmara, como demonstra o quadro a seguir:¹¹³

Câmara Municipal de Vereadores, eleita em 1958

Vereadores eleitos	Partidos
CelcyoFolly	PSD
Alencar Barroso	PSD
José Rios	PSD
Pedro Knust	PSD
Irineu Mineiro	PSD
Aguilera Campos	UDN
Luiz de Oliveira e Silva	UDN
Joffre Martins	UDN
Herculano Knust	UDN
Pio Azevedo	PTB
Geraldo Moura	PTB
Jorge El-Jaick	PTB
Frederico	PSP
Amadeu Vila	PSP
João Batista da Silva	PTN

¹¹³ Não foi possível estabelecer o número de votos dos vereadores eleitos.

As eleições, embora, tivessem consumado o terceiro mandato consecutivo do PSD à frente do executivo, apresentaram um resultado mais heterogêneo que o pleito anterior, diretamente influenciado pelo suicídio de Getúlio Vargas, fato que garantira a supremacia do PSD em Nova Friburgo. Se no pleito de 1954, as legendas partidárias tinham mais importância que as trajetórias individuais dos políticos, no resultado eleitoral de 1958, os indivíduos e experiências foram fundamentais para a escolha do eleitor.

Desse modo, as eleições de 1958 foram responsáveis por uma inversão na lógica eleitoral antes firmada. As campanhas e convencimento do eleitorado deixaram de se calcar nos eventos que ocorriam em níveis federal e estadual e se centraram na vida dos candidatos, conferindo à política local um caráter mais personalista. Assim, foram eleitos: Amâncio Mário Azevedo, cuja propaganda residia, principalmente, na sua prática médica, que lhe possibilitara conhecer os problemas da população mais carente, e Vanor Tassara Moreira, também médico e filho de um cidadão prestigiado, que fora eleito com folga de votos, embora pertencesse a um partido inexpressivo eleitoralmente.

2.7 O governo Amâncio Mário de Azevedo (1958-62)

Logo após a solenidade de posse na Câmara Municipal, Amâncio Mário Azevedo se dirigiu à Praça Getúlio Vargas - a principal da cidade - para “tomar posse” junto aos eleitores. Esse ato tinha um caráter e valor simbólico muito importante, visto que demonstrava que a legitimidade de sua posse era conferida pela população. Assim, ao menosprezar formalismos e ir aos “braços do povo”¹¹⁴ em sua primeira ação governamental, Amâncio transmitia a idéia de que este ocuparia o epicentro de suas atenções durante o mandato como prefeito. Outro gesto simbólico importante e que demonstrava o alinhamento político de Amâncio foi o de poucos dias após tomar posse, recolocar o quadro de Getúlio Vargas na Prefeitura.

Embora o antigo prefeito, Feliciano Costa também tivesse sido muito próximo das camadas populares e contrariado os até então praticamente intocáveis setores industriais, aumentando tarifas, Amâncio inaugurou uma nova forma de governar, centrada fundamentalmente na população carente. Ao se referir às suas atribuições como prefeito, Amâncio dizia: “Como prefeito devo viver os casos da população e tudo fazer para encontrar

¹¹⁴ Expressão utilizada no jornal *A Voz da Serra*, edição de 7/8 de fevereiro de 1959.

a melhor solução para o povo. Sou um delegado do eleitorado que em mim votou para servi-lo.”¹¹⁵

Durante sua gestão, era comum ver os jornais friburguenses, sobretudo o *A Voz da Serra*, noticiarem o calçamento de diversas ruas por iniciativa da prefeitura. Não demorou muito e Amâncio, que já era conhecido como “médico dos pobres”, passou a ser chamado no meio político e popular como o “prefeito dos calçamentos”. Em ocasião de um calçamento, o petebista Adalberto Euzebio Pinho, conferiu-lhe, ainda, o título de “prefeito dos morros”.¹¹⁶

Como foi visto anteriormente, tomou posse no mesmo ano que Amâncio, o governador Roberto Silveira, cuja candidatura era fruto da coligação formada entre PTB, UDN, PDC e PSB. Diferentemente dos prefeitos pessedistas anteriores, Amâncio tinha o desafio de dialogar com um governador que estava alinhado com oposição no município.

Desse modo, a proximidade e diálogo que havia entre o município e o governo fluminense nos anos anteriores, principalmente, quando Amaral Peixoto era governador, deixara de existir, resultando em novos desafios para o atual prefeito. Se antes a tônica do discurso do jornal pessedista era de alinhamento com o governo estadual, em que as ações em conjunto deste poder com o municipal garantiam obras e benefícios a Nova Friburgo, agora, esse discurso adquiria tom notadamente oposicionista e o governo estadual passava a ser retratado como um entrave para a boa gestão do município. Nesse sentido, era corriqueiro ler reclamações sobre as baixas verbas repassadas pelo governo estadual que, segundo o jornal, eram “somente pagas aos municípios dominados pelo PTB.”¹¹⁷

Após aprovar na Câmara sua proposta de aumento de 20% sobre os impostos, Amâncio conseguiu dar início à sua política de calçamentos e aumentar a remuneração do funcionalismo público. Ao fim do primeiro ano, foi coroado com o título de “Prefeito Fluminense do ano de 1959” pelo *Diário do Comércio*.

No segundo ano de seu mandato, o dramático episódio do falecimento de Roberto Silveira, vítima de um acidente de helicóptero, alterou os quadros políticos fluminenses. A partir de então, assumiram o cargo de governador do Estado, o vice Celso Peçanha (PSD)¹¹⁸–

¹¹⁵Jornal *A Voz da Serra*, edição de 25/26 de julho 1959.

¹¹⁶Jornal *A Voz da Serra*, edição de 15/16 de agosto de 1960.

¹¹⁷Jornal *A Voz da Serra*, edição de 12/13 de setembro de 1959.

¹¹⁸Celso Peçanha havia se desligado do PTB após terem lançado o nome de Roberto Silveira como candidato a governador, em vez do seu. Depois disso, teve uma rápida passagem pelo PSP, onde sua candidatura a governador foi “barrada” por Ademar de Barros, e, por fim, se filiou ao PSD, concorrendo ao cargo de vice-governador.

que renunciou para concorrer ao Senado – , seguido pelo pessedista José Janotti, e, por fim, por Luís Miguel Pinaud. Com o trágico acidente, o governador do Estado deixava de ser alguém que integrava os quadros da oposição e, com isso, a postura do jornal pessedista em relação aos nomes que se sucederam no cargo de governador de Estado foi radicalmente oposta ao tratamento dado a Roberto Silveira.

Sobre o governo Celso Peçanha, o jornal afirmava, por exemplo: “Celso Peçanha não deseja glórias efêmeras ou elogios regamente pagos com dinheiro arrecadado do povo. O Governo atual ficará no coração dos fluminenses, atestado pelas obras duradouras e de sentido de real utilidade para a coletividade”.¹¹⁹

Regressando à campanha eleitoral de Amâncio Mário Azevedo, em uma de suas propagandas, podia-se ler a seguinte proposta: “Água, esgoto, calçamento, luz elétrica, para os esquecidos bairros e morros, onde residem os operários.”¹²⁰ Tal promessa de campanha trata de seus maiores trunfos enquanto prefeito, quanto de seus maiores deméritos.

Se por um lado, o político voltou às atenções da administração pública para os morros e a população que lá vivia, por outro lado, Amâncio não conseguiu dar solução para um dos problemas estruturais do município: a questão do fornecimento deficitário de energia elétrica. Também no decorrer da campanha, Amâncio trouxe à tona, novamente, o assunto da transferência da capital do Estado para Nova Friburgo. Entretanto, a não ser por algumas matérias escritas pelo jornalista Nelson Kemp, no *A Voz da Serra*, pouca repercussão e adesão ganhou o tema durante o mandato do prefeito.

No decorrer de seu mandato, Amâncio conseguiria realizar uma série de obras e mudanças no município: foram pavimentados diversos bairros periféricos de Nova Friburgo, entre o eles o de Olaria, que era conhecido, por conta das melhorias feitas, como “a Brasília de Friburgo”; mais de cem logradouros haviam sido calçados¹²¹; as casas de operários e pequenos trabalhadores rurais foram isentas de impostos; a rede municipal de ensino foi ampliada e criada a Secretaria Municipal de Ensino; e foi inaugurada a Faculdade de Odontologia na cidade.

Com o fim do governo de Amâncio Mário Azevedo, findava-se também a longa fase em que o PSD estivera à frente do poder executivo municipal de Nova Friburgo. No decorrer dessas três gestões, o PSD conseguiu construir a imagem, perante o eleitorado friburguense,

¹¹⁹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 15/16 de 1961.

¹²⁰ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 24 de agosto de 1958

¹²¹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de Natal, de 1962.

de o verdadeiro representante das causas trabalhistas no município. Foram fundamentais para a construção de tal imagem, não somente a atuação dos três prefeitos que governaram o município, como também o posicionamento do partido frente a questões de relevância nacional. Nesse sentido, o evento do suicídio do presidente Getúlio Vargas representou um importante marco da história do partido em Nova Friburgo, que foi entendido pelo coletivo local como o verdadeiro representante do falecido presidente.

No entanto, se para o PSD o suicídio de Vargas foi um dos garantidores de sua permanência no poder, para o PTB, isso representou o ostracismo político, pois o partido, visto como traidor dos ideais getulistas, perdia sua identidade e o seu eleitor alvo: o operário.

Quanto ao caso da UDN local, diferentemente do PTB, apresentava um perfil ideológico facilmente identificável: oposição ao getulismo e seus representantes e defesa de um modelo de cidade calcado na aliança entre empresários e poder público. Fiel à sua identidade, o partido conseguira manter um eleitorado cativo, que lhe garantira no decorrer desse tempo várias cadeiras no legislativo. Contudo, ainda assim, coube à UDN durante todos esses anos o amargo papel do “segundo lugar”.

Apesar dos três prefeitos terem tido um papel importante na construção da imagem do PSD como representante do trabalhismo em Nova Friburgo, não se pode compreendê-los como homogêneos, configurando-se na prática em um único governo. Pelo contrário, os prefeitos souberam imprimir, dentro das limitações de sua atuação, a sua maneira de fazer política.

Cada uma dessas gestões, com suas especificidades, contribuíram, por razões diversas, para a consolidação do PSD em Nova Friburgo. Mas, no governo de Amâncio, a relação entre população e governo foi elevada a outro patamar. Eliminaram-se os elementos de mediação entre o executivo municipal e a população. O prefeito, através da prática médica – que continuaria a exercer durante toda a sua vida pública – não necessitava de porta-vozes das comunidades, uma vez que em seu dia a dia profissional estabelecia a interlocução entre eleitores e o executivo municipal. Assim, extinguiu-se os intermediários, e a população passou a ter um “canal direto” com o poder público.

3 O FIM DA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA EM NOVA FRIBURGO (1962-65)

3.1 Democracia em crise: A renúncia de Jânio Quadros

A eleição presidencial de 1960 havia obtido um resultado inédito. Com a consagração de Jânio Quadros (PTN)¹²² e João Goulart (PTB), pela primeira vez, se elegiam presidente e vice, respectivamente, pertencentes a partidos rivais. Além disso, a UDN conseguia, enfim, apoiar um candidato a presidente vitorioso. Contudo, pouco tempo depois da posse, em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros anunciava ao país o seu pedido de renúncia.

Embora, Jânio Quadros enfrentasse algumas dificuldades, entre elas, a crise financeira herdada pelo governo JK e a minoria parlamentar no Congresso Nacional, nada disso parecia justificar uma renúncia, e seu anúncio surpreendeu a todos os setores da sociedade. Sobre esse ponto, a maioria das análises historiográficas concordam que Jânio Quadros objetivava implantar um golpe de Estado. Nesse sentido, Jorge Ferreira afirma:

“A renúncia tomou o país de surpresa. Embora sem comprovações empíricas, as análises, quase unânimes, concordam que Jânio planejara um golpe de Estado. Sua atitude imaginaria ele, provocaria a reação popular e, principalmente, a militar. Retornando com o apoio do povo e dos generais, governaria sem o Congresso Nacional.”¹²³

A partir de então, teve início uma grave crise política e institucional: apesar do presidente do Congresso, Ranieri Mazzilli, assumir a presidência interina, uma Junta Militar era quem, na prática, governava o país, e tentava impedir a posse de João Goulart.

Em Nova Friburgo, tal evento teve reações distintas: por um lado, o jornal pessedista acusava Jânio de não ter cumprido as promessas de campanha, como se evidenciava nas seguintes manchetes: “Melancólico fim de Jânio... o canto do cisne do homem, que garantiu que iria salvar o Brasil, deixou perplexos os que acreditaram no messianismo pregado pelo

¹²² Embora, Jânio Quadros fosse filiado ao PTN, a UDN aderiu a coligação que o elegeu presidente da República.

¹²³ FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia* – 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 227.

ex-governador de São Paulo”; “Faltou classe a Jânio Quadros para sair airoso do governo”¹²⁴.

Já por outro lado, o jornal da UDN lamentava o acontecido e, em vez de se referir ao evento pelo termo de “renúncia”, intitulava-o como uma “deposição”. O uso do termo “deposição” em detrimento de “renúncia” deixava claro não só a linha editorial do jornal, bem como a posição do diretório da UDN frente aos eventos recentes. As manchetes do jornal que sucederam à renúncia de Jânio Quadros eram marcadas pela tônica da acusação e indignação, como se pode perceber na reprodução da seguinte fala do, então, ex-presidente: “Fui enxotado, mas voltarei.”¹²⁵

Nas edições que se seguiram ao episódio da renúncia, o jornal *A Paz* publicava dados que demonstravam o aumento da inflação após a saída do presidente, bem como evocava seus feitos durante o curto governo. Além de apresentar dados para respaldar sua posição contrária a saída de Jânio Quadros, o jornal se utilizava ainda de argumentos de caráter mais emotivos, alegando que Jânio havia sido alvo de uma conspiração e chegou a anunciar que ele passava por percalços financeiros em decorrência do “exílio” ao qual tinha sido submetido.

Apesar das numerosas matérias do *A Paz* sobre o evento, marcadas pela tônica da revolta, as semanas seguintes à renúncia transcorreram normalmente, sem a ocorrência de nenhum movimento organizado contra saída de Jânio Quadros no município.

Enquanto isso, o PSD aderiu à “Campanha da Legalidade”, exigindo a posse de João Goulart. Em referência a ingerência militar na questão da sucessão presidencial, o *A Voz da Serra* afirmava: “Aos congressistas, somente aos congressistas compete, na verdadeira prática da democracia, os assuntos da condução política de um país”.¹²⁶

Quando, por fim, da posse de João Goulart, sob o título de “Basta de Golpes”,¹²⁷ o jornal pessedista comemorava e fazia referência à célebre frase da carta-testamento de Getúlio Vargas: “Este povo jamais será escravo de ninguém”.

Enquanto isso, e apesar do apoio que a UDN nacional conferiu à posse de Goulart,¹²⁸ a UDN local escolhia se pronunciar através da omissão. Em todas as páginas do jornal era

¹²⁴ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 26/27 de agosto de 1961.

¹²⁵ Jornal *A Paz*, edição de 2/3 de setembro de 1961.

¹²⁶ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 2/3 de setembro de 1961.

¹²⁷ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 9/10 de setembro de 1961.

¹²⁸ Temerosos da intervenção da Junta Militar, os partidos se aliaram em defesa da ordem constitucional. No caso, a posse do presidente João Goulart.

impossível visualizar sequer uma menção à posse de João Goulart, limitando-se a reproduzir mais uma vez a fala em que Jânio Quadros afirmava que retornaria à presidência.¹²⁹

3.2 A “ameaça comunista” em Nova Friburgo

Neste momento, vivia-se no Brasil a efervescência da chamada “ameaça comunista”, que estampava as manchetes dos jornais de todo o país e assombrava, principalmente, os setores da classe média. A constante divulgação de tal discurso nos jornais era fruto tanto da conjuntura externa, com a ascensão do regime socialista em Cuba, que tornava a América Latina “vulnerável” à expansão socialista e, portanto, alvo de atenção dos EUA, quanto da própria tradição anticomunista que havia no país, como expõe Rodrigo Patto Sá Motta:

“No caso do Brasil, pelo menos, havia uma forte tradição anticomunista desde os anos 1930, configurada na existência de grupos constantemente mobilizados contra o ‘perigo vermelho’. Os adversários locais do comunismo também ficaram alarmados com os acontecimentos de Cuba e trataram de cerrar fileiras. Neste sentido, o empenho anticomunista dos EUA era considerado uma bênção pela maioria de tais grupos, que viam os “irmãos do Norte” como líderes de uma luta de alcance global. Em resumo, a influência norte-americana convergiu e se combinou com uma tradição anticomunista enraizada no Brasil havia décadas.”¹³⁰

Nesse sentido, a construção do imaginário da “ameaça comunista”, convergia tanto com os interesses, quanto com os temores de parcela do eleitorado, bem como de alguns setores políticos brasileiros, como era o caso da UDN.

No caso específico de Nova Friburgo, a oposição ao comunismo era tema presente na linha editorial do jornal *A Paz* desde sua fundação, mas em 1961 ela adquiria novos contornos, tornando-se pretexto em um primeiro momento para a defesa da volta de Jânio Quadros à presidência. O jornal descrevia Jânio como um opositor e combatente do comunismo. Para atingir tal intento, entretanto, ignoravam-se as ações ambíguas do ex-presidente, como a condecoração que havia dado a Che Guevara. Já em um segundo momento imediato, o “perigo comunista” tornava-se a justificativa ideal para o impedimento da posse de João Goulart.

¹²⁹ Na edição de 9/10 de setembro de 1961 do jornal *A Paz*, foi reproduzida, mais uma vez, em uma nota a seguinte fala atribuída a Jânio Quadros: “fui enxotado, mas voltarei”.

¹³⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese de Doutorado. USP. 2000, p. 288.

Esse posicionamento ilustra bem não só as visões defendidas pelo partido, bem como o público-alvo que desejava atrair; um eleitorado mais conservador, que se via representado nas manifestações anticomunistas. Além disso, a recorrência desse discurso nos editoriais do jornal e nas pautas de assuntos defendidos pela UDN local, permite concluir que o tema era frequentemente tratado por encontrar respaldo e ecoar em setores da sociedade e eleitorado friburguense.

Ainda no concernente a esse ponto, é preciso salientar, contudo, que o discurso de oposição ao comunismo não era exclusividade da UDN. Embora não houvesse qualquer tentativa por parte dos jornais pessedista e petebista de associar João Goulart ao comunismo, haja vista o fato de ambos apoiarem a sua posse, em diversos momentos os jornais defenderam um discurso de teor anticomunista. O jornal *O Nova Friburgo*, quando sob direção do diretório do PTB, afirmava, por exemplo: “O Comunismo teve sempre predileção pelo trabalho clandestino e a conquista e influência pelo uso de pessoas.”¹³¹

É interessante notar, contudo que tal posicionamento do diretório local do PTB, ocorria em um momento em que, no âmbito nacional, PTB e PCB¹³² se aproximavam devido à defesa que faziam das reformas de base. De acordo com Lucília de Almeida Neves Delgado: “Em busca de objetivos imediatos e de médio prazos comuns, PCB e PTB transformaram as bases de seu relacionamento: antes, de distanciamento ou até oposição; posteriormente, de aliança tácita nas reformas de base.” Entretanto, em Nova Friburgo, tal evento não se processara. Embora o PTB local também defendesse uma agenda reformista, ele tecia diversas críticas ao comunismo que, na esfera municipal, se apresentava como um adversário na obtenção de votos entre o meio operário e sindical.¹³³

¹³¹ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 25 abril de 1964.

¹³² Em 1947, o Tribunal Superior Eleitoral cancelou o registro do partido, argumentando que este era instrumento da intervenção soviética no país. A partir de então, o PCB passou a funcionar na clandestinidade.

¹³³ Nas eleições municipais de 1962, houve uma certa ascensão de candidatos oriundos dos meios operários e sindicais, sendo eleitos 7 vereadores representantes de tais setores. Entretanto, isso não significava uma hegemonia do PTB no setor operário, uma vez que, desses 7 edis eleitos, 3 haviam escolhido se candidatar por outras legendas: PSP e PST.

3.3 As eleições de 1962

As eleições de 1962, em Nova Friburgo, apresentaram uma particularidade; era a primeira vez que o processo eleitoral transcorreria sem contar com a atuação de um dos mais importantes políticos do município, Galdino do Valle Filho, que havia falecido no ano anterior. O político udenista e dono do jornal *A Paz*, embora estivesse afastado da direção do jornal e há muito tempo não concorresse a cargos públicos, estava sempre presente na vida política do município em momentos-chave através de seus editoriais no jornal. Desse modo, durante as campanhas eleitorais, Galdino sempre expressava seu apoio aos candidatos udenistas, se não por sua presença física, pelos textos que escrevia.

Com o falecimento de Galdino, o ex-vereador Heródoto Bento de Mello firmou-se como a principal liderança do diretório municipal da UDN. Nas eleições anteriores, o político não havia concorrido a nenhum cargo eletivo, entretanto não estava afastado da vida pública e social. Foi um dos fundadores e ocupou o cargo de presidente do Rotary Clube de Nova Friburgo, que tinha, como integrantes, importantes empresários do município. Assim, desde meados de 1961, Heródoto era apontado como candidato a prefeito pela UDN nas páginas do *A Paz*.

Contudo, às vésperas do início do período eleitoral, contrariando os prognósticos e diversas propagandas do *A Paz*, anunciava-se no mesmo jornal que Heródoto havia decidido renunciar à candidatura. Concomitantemente, o jornal afirmava que, provavelmente, o então vice-prefeito Vanor Tassara Moreira seria escolhido como candidato oficial da UDN.¹³⁴

De acordo com Heródoto Bento de Mello, em entrevista concedida décadas mais tarde,¹³⁵ a sua desistência de se candidatar a prefeito, havia se motivado na renúncia de Jânio Quadros, fato que o desanimou a seguir com a vida política. Entretanto, à luz da análise dos fatos, tal versão não parece muito plausível. Vanor Tassara Moreira havia manifestado desde o final do ano de 1961, enquanto era vice de Amâncio Mário Azevedo, a sua intenção de concorrer a prefeito; porém, tendo rompido com o PSD e PTB, faltava-lhe um partido expressivo para lançar-se candidato.

¹³⁴ Jornal *A Paz*, edição de 10 e 11 de fevereiro de 1962.

¹³⁵ Entrevista concedida por Heródoto Bento de Mello em 1978.

Além disso, as estratégias eleitorais da UDN haviam falhado nos últimos três mandatos consecutivos, sendo os dois últimos governos exercidos por médicos, cuja popularidade era inegável. Não obstante, em nível nacional, a UDN havia, pela primeira vez, eleito um presidente e justo quando optou por apoiar um candidato mais carismático e personalista. Esses fatores, somados ao fato de Vanor Tassara Moreira ser filho do ilustre médico Demerval Barbosa Moreira, cujo apoio a candidatos era determinante durante o período eleitoral, e à votação significativa, que Vanor obtivera no último pleito, constituíam motivos razoáveis para lançar sua candidatura.

Enquanto isso, o PSD tinha estabelecido o nome Álvaro de Almeida como candidato ao executivo municipal desde o ano anterior. Álvaro de Almeida era um industrial, ligado ao ramo das madeiras e nunca havia exercido um mandato político. O partido, tentando seguir a tendência que se manifestava no Estado, com a aliança do PTB e do PSD em torno da candidatura de Badger da Silveira, tentava fazer o mesmo em nível municipal, oferecendo a candidatura de vice-prefeito a um nome dos quadros do PTB, sendo cogitados José Batista e Geraldo Moura. Conforme o *A Voz da Serra* afirmava:

“A se concretizar o entendimento, não resta dúvida que a dobradinha Álvaro – Zé Batista tem a mais ampla possibilidade de vitória, e o PSD e PTB que sempre estiveram e estão unidos no âmbito federal, e por muitos anos marcharam unidos no âmbito estadual, unir-se-ão, pela primeira vez, na esfera municipal de Nova Friburgo.”¹³⁶

Tal previsão, porém, não se confirmara. Naquele momento, havia uma cisão no diretório do PTB municipal. O grupo alinhado ao deputado estadual Jayme Bittencourt, cujo um dos integrantes era Geraldo Moura, tentava destituir a ex-vereadora Laura Milheiros da presidência do partido. Mas tal tentativa foi fracassada, resultando na saída de Geraldo Moura do PTB, o que prejudicou as articulações em torno de uma aliança com o PSD. Concomitantemente, a candidatura de Vanor T. Moreira havia causado dissidências na UDN, entre elas, a do então presidente Humberto de Moraes, que ingressou nos quadros do PSD, concorrendo a vice-prefeito. Com isso, o PTB acabou repetindo a aliança com a UDN, assim como no pleito anterior. Entretanto, assim como se processara em 1958, essa decisão não foi aceita por todos os setores de ambos os partidos, o que, na prática, resultou em uma aliança restrita ao apoio da candidatura do chefe do Executivo Municipal.

¹³⁶ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 2 e 3 de junho de 1962.

Em contrapartida, Heródoto Bento de Mello acabou por se lançar candidato a vice-prefeito pela UDN. De acordo com o político,¹³⁷ a proximidade de Vanor Tassara Moreira com o PTB havia feito com que fosse indicado um candidato a vice dos quadros do referido partido. Assim, temeroso de que a UDN não tivesse força em um possível mandato de Vanor, Heródoto resolveu se candidatar a vice.

Desse modo, o processo eleitoral de 1962 acabou por representar uma inversão na lógica que se processara até então: a UDN, que costumava apostar em candidatos que faziam parte do setor empresarial da cidade, apostou em uma figura mais popular aos olhos do cidadão, conferindo um caráter um tanto mais personalista à sua campanha; já o PSD, que já havia eleito dois médicos muito populares no município, cujas gestões tiveram como característica a aproximação entre a população e o executivo municipal, escolhia, naquele momento, um empresário como candidato a prefeito municipal.

Para a escolha do PSD de romper com a tradição de lançar “médicos-prefeitos”, nas eleições de 1962, há algumas explicações. De acordo com Elizabeth Vieiralves de Castro,¹³⁸ em estudo sobre a influência médica na política municipal, o prestígio do Dr. Demerval Barbosa Moreira era tamanho que, nenhum médico havia tentado disputar o pleito 1962 em gratidão ao apoio decisivo que Demerval dera às suas campanhas. Além disso, naquele momento, não havia muitas opções de médicos políticos de nomes expressivos para se candidatarem a prefeito municipal: Amâncio Azevedo não poderia se reeleger, o que o fez disputar o cargo de deputado estadual, e Feliciano Costa – como visto no capítulo anterior – tinha as relações com o PSD estremecidas desde o seu mandato como prefeito, durante o qual os rumores de desligamento com o partido foram recorrentes. Além disso, quando Feliciano decidira se candidatar a prefeito pelo PTB, havia amargado a terceira colocação. Sendo assim, não restara aos demais partidos muitas opções de médicos com experiência política para se candidatarem.

Com base na inversão do perfil de seus candidatos, a UDN e o PSD alteraram também suas estratégias de campanhas. O PSD buscava mostrar os feitos de Álvaro de Almeida e enaltecia sua característica de bom administrador; já a UDN destacava Vanor como um médico caridoso e atento aos problemas dos mais pobres. Além disso, buscava-se sempre que possível associar sua imagem à de Demerval Barbosa Moreira.

¹³⁷ Entrevista concedida por Heródoto Bento de Melo em 1978.

¹³⁸ CASTRO, Elizabeth Vieiralves de. *Nova Friburgo: Medicina, poder político e História – 1947-1977*. Dissertação de Mestrado. UERJ – IFCH. Dissertação de Mestrado. 2001, p.

Ao final, as eleições municipais de 1962 tiveram como resultado a eleição de Vanor Tassara Moreira, como prefeito e Heródoto Bento de Mello, como vice. Com 7.392 votos, Heródoto se elegia vice-prefeito com maior votação até do que a do próprio Vanor, que havia contabilizado 6.982 votos.

Porém, apesar da votação expressiva denotar a popularidade e a força eleitoral de Heródoto naquele momento, o PSD havia tido sua parcela de contribuição na vitória de seu adversário. O partido havia anunciado o nome de seu candidato a vice-prefeito somente às vésperas das eleições, em meados de agosto.¹³⁹ Já Heródoto tinha seu nome divulgado desde 1961, quando passou a ser alvo de incontáveis propagandas do jornal *A Paz*.¹⁴⁰ Ademais, Humberto de Moraes, a despeito de ter exercido a presidência do diretório municipal da UDN, não era o que se poderia classificar como um “candidato de peso”, visto que nunca obtivera uma votação expressiva entre o eleitorado friburguense.¹⁴¹ Além disso, nos anos anteriores, sobretudo nos últimos quatro em que não havia exercido nenhum mandato eletivo, Heródoto havia tido importante atuação no Rotary Club de Nova Friburgo, o que lhe resultara em maior apoio do setor empresarial do município, base do clube.

No que tange às vagas para a Câmara de Vereadores, o PSD se mantinha como o partido com maior bancada ao eleger cinco vereadores, seguido pelo PTB que, pela primeira vez, conseguia eleger a segunda maior bancada, com quatro vereadores. Enquanto isso, apesar do sucesso na eleição do chefe do poder executivo, a representatividade da UDN na Câmara diminuía, com apenas três vereadores eleitos. Além disso, como se demonstra na tabela abaixo, havia maior equilíbrio na distribuição de vereadores entre os partidos, com PSP¹⁴² e PDC¹⁴³ tendo dois vereadores cada um e com a eleição do líder operário e comunista, Francisco Assis Bravo, pelo PST.¹⁴⁴

¹³⁹ O nome de Humberto de Moraes, como candidato a vice-prefeito, foi lançado na edição de 11 e 12 de agosto de 1962 do jornal *A Voz da Serra*.

¹⁴⁰ Embora a UDN tivesse demorado a definir o nome de Heródoto Bento de Mello, como candidato a vice-prefeito, seu nome era alvo de propaganda desde 1961, quando se havia mencionado a sua possível candidatura a prefeito pela primeira vez.

¹⁴¹ Humberto de Moraes, já havia sido derrotado em outros pleitos, em que concorrera a deputado estadual. Ademais, nas eleições de 1962, o político obteve o terceiro lugar, ficando atrás até mesmo do candidato do PDC, Dantas dos Santos.

¹⁴² Partido Social Progressista.

¹⁴³ Partido Democrata Cristão.

¹⁴⁴ Partido Social Trabalhista.

Câmara de Municipal de Vereadores, eleita em 1962

Vereadores eleitos	Partido
Pio Francisco de Azevedo	PSD
Alencar Pires Barroso	PSD
Francisco Cantelmo	PSD
Lafayette Bravo Filho	PSD
João Baptista da Silva	PSD
Celcyo Folly	PTB
Onete Daflon	PTB
Newton D'ângelo	PTB
Ned Torres	PTB
Jorge José da Cunha	UDN
Francisco Mastrangelo	UDN
Sidney Soares	UDN
Arlindo Polo	PDC
José Telles de Mattos	PDC
Sebastião Pacheco	PSP
João Luiz Caetano	PSP
Francisco Assis Bravo	PST

Sobre o pleito municipal de 1962, é importante dizer ainda e, sobretudo, que a vitória da UDN através de seu candidato Vanor Tassara Moreira, ao contrário do que parece indicar, não representou uma inversão na lógica político-eleitoral friburguense, que elegera, consecutivamente, três prefeitos do PSD. A vitória de Vanor Tassara Moreira não significava uma ascensão da UDN e de seus projetos, mas a continuidade dos padrões estabelecidos nas eleições anteriores, em que se elegiam candidatos populares, de fácil acesso à população mais carente e, sobretudo, médicos.

A vitória da UDN, justamente, quando optava por um candidato também médico e mais semelhante aos antigos prefeitos pessedistas, significava a reafirmação da preferência do eleitorado por um político menos formal, mais próximo das camadas populares e de seu eleitorado, que, perante a população, se personificava na figura médica. Além disso, esse resultado denotava uma certa lógica eleitoral de contornos personalistas, em que os candidatos muitos vezes eram mais decisivos na hora do voto, do que seus respectivos partidos.

3.4 Governo Vanor Tassara da Moreira: uma vitória udenista? (1963-64)

Ainda em 1962, às vésperas das eleições municipais, o jornal *O Nova Friburgo*, satirizava:

“Segundo notícias chegadas a nossa redação, pelo menos em Olaria, o Dr. Vanor Tassara Moreira, forte candidato lançado pelo DBM¹⁴⁵, apoiado pela UDN e bajulado pelo PTB, já se considera todo prefeito. Tanto assim, que nos informaram ter ‘s.s.’ em reunião no boteco do Barroso, já nomeado o seu mano Maurício para ser o seu secretário, assim como deliberado a enérgica proibição do Dr. Heródoto botar os pés na prefeitura”.¹⁴⁶

Este pequeno artigo, publicado pouco antes das eleições, traz à luz não só aspectos importantes da personalidade de Vanor T. Moreira, como da própria política friburguense naquele ano e no que o sucederia.

Assim como os médicos que o antecederam, Vanor era muito próximo da população devido à sua atuação profissional. No caso da população mais carente, essa proximidade adquiria contornos especiais, pois as consultas não eram cobradas a quem não tinha recursos para pagá-las, estabelecendo-se assim uma relação de gratidão dos mais pobres em relação a esses profissionais. Entretanto, embora houvesse um contato mais direto entre os médicos e os setores mais populares, os primeiros eram sempre vistos como elementos externos às realidades da população mais pobre. Assim, existia uma ordem hierárquica pré-estabelecida nessa convivência, que contribuía até mesmo para a popularidade dos médicos, uma vez que despendiam seu tempo e cuidado àqueles que ocupavam uma posição social desprivilegiada.

No caso específico de Vanor Tassara Moreira, o convívio entre os médicos e a população adquiria novas feições. Ele não era somente um médico, cujo dever social de sua profissão lhe fazia se aproximar da população. Parte de suas interações sociais se dava também na periferia, já que o médico era um assíduo frequentador dos bares lá situados. Assim, ao compartilhar dos mesmos meios de interação social dos mais pobres, o político e médico atenuava as relações hierárquicas estabelecidas, dando a impressão de “ser um deles”.

Outra questão importante, que a análise do artigo transcrito acima suscita, é a rusga estabelecida entre Vanor Tassara Moreira e Heródoto Bento de Mello e, depois, ao longo de

¹⁴⁵ Em referência a Demerval Barbosa Moreira;

¹⁴⁶ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 18 de agosto de 1962.

seu mandato, com a própria UDN. Como dito anteriormente, o lançamento de Vanor como candidato a prefeito não era uma unanimidade na UDN. Nos últimos anos, com Galdino do Valle Filho já debilitado, Heródoto Bento de Mello havia se consolidado como a maior liderança da UDN local. Desse modo, a sua candidatura para prefeito era apoiada por diversos integrantes de expressão do partido.

Assim, quando se optou por lançar o nome de Vanor Tassara Moreira, em detrimento de Heródoto, houve um dissenso dentro do partido, sobretudo, entre os setores liderados pelo último. Durante as campanhas para prefeito e vice, a rixa entre os dois era pública e comentada no município. De acordo com Heródoto, a respeito dessa questão: “Eu fiz campanha eu e César Guinle para deputado federal. Eu era independente. Eu só apareci com Vanor três vezes ou quatro, para ao final salvar as aparências.” Como pode se observar com o exposto, havia uma divisão dentro da UDN e os dois nomes mais significativos – Heródoto Bento de Mello e o ex-prefeito César Guinle – não concordavam com tal candidatura. Além disso, o próprio presidente do diretório local do partido, Humberto de Moraes, havia se desligado da UDN por conta disso.

Ainda sobre essa relação delicada entre Vanor e a UDN, sob o título de “UDN puxa os cabelos com raiva do Vanor”,¹⁴⁷ o jornal *O Nova Friburgo* afirmava: “Sabemos que a UDN está roxa de raiva pela atitude do seu candidato a prefeito em ter se declarado cabo eleitoral de Bagder e de todos aqueles que figuram na chapa trabalhista...”

Regressando um pouco mais no tempo, mais precisamente a 1960, a carta de Vanor, endereçada ao governador Roberto da Silveira, ao se desligar do PTB, deixava claro que seus posicionamentos não coadunavam com os ideais clássicos defendidos pela UDN:

“Sr. Governador,
Respeitosas saudações.
Cumprindo meu dever de lealdade com V. Excia, que tem sempre me distinguido com as maiores provas de amizade e confiança, venho por meio deste comunicar meu afastamento do Partido Trabalhista em Nova Friburgo.
Tal atitude se justifica pelas provas de desconsideração de que tenho sido vítima, por alguns partidários daqui de Friburgo, inclusive caluniado.
(...) Quando solicitei meu ingresso nas fileiras do trabalhismo friburguense, não o fiz pensando em levar vantagem pessoal, nem tive a pretensão de alijar ninguém de cargos de direção do Partido.¹⁴⁸ Solicitei unicamente o meu ingresso, no desejo de

¹⁴⁷ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 07 de julho de 1962;

¹⁴⁸ Nesse trecho da carta, Vanor Tassara Moreira se refere a seu relacionamento com a presidente do PTB no município, Laura Milheiros. O político questionava, assim como muitos de seus partidários, a atuação de Laura à frente da presidência do diretório municipal do PTB. Nesse sentido, O jornal *O Nova Friburgo* alegava que o partido funcionava como um “cabide de empregos”. Além disso, Laura Milheiros era acusada de beneficiar com indicação de cargos ao governador, os integrantes da UDN. De acordo com o referido jornal, por ocasião do

dinamizar a política trabalhista, atendo melhor aos justos anseios da comunidade friburguense e batalhar com ideal pelo maior progresso do município.

De há muito levei a conhecimento de V. Excia, que votaria para Presidente da República, no próximo pleito, no nome do ex-governador de São Paulo, Jânio Quadros (...).

Por outro lado, por razões afetivas, e a pedido de V. Excia, fiquei de votar para vice-presidente no Sr. João Goulart. Sinto neste sentido, Sr. Governador, a impossibilidade de fazê-lo, pois a minha consciência de cidadão está a indicar-me o nome honrado do grande juriconsulto brasileiro, Sr. Milton Campos.

(...) O PTB, Sr. Governador, está fadado a um alto papel na política nacional, bastando tão somente um reencontro do partido com os altos ideais programáticos que ensejaram sua formação.

Atualmente, somos forçado a reconhecer, a bem da verdade, não ter sabido a maioria de seus membros, salvo honrosa exceções (entre as quais, por justiça e com prazer destaco o nome de V. Excia.) cumprir a alta missão que foi confiada pelo gênio político de Vargas.

A maioria dos partidários deixa-se estiolar numa situação política de comodismo, beneficiando-se dos cargos que lhe conferem o prestígio do partido, esquecendo-se do trabalhador nacional, de suas justas reivindicações das reformas de base, tão necessária a uma reformulação sócio-econômica nacional.

Colocando-me aqui a seu inteiro dispor, esperando continuar a receber a amizade de V. Excia, subscrevo-me

Atenciosamente,

Vanor Tassara Moreira.”¹⁴⁹

Como se pode observar na carta endereçada a Roberto Silveira, Vanor expressava um conjunto de ideias que se enquadravam no corolário trabalhista, destoando do programa defendido pela UDN. Ele não era o que se poderia classificar como um político submisso às orientações de partidos. Via as trajetórias individuais, como mais importantes que as filiações partidárias na hora do voto. Assim, ao privilegiar a atuação e mandato dos políticos, Vanor colocava em segundo plano as legendas partidárias. Essa linha de pensamento ajuda a compreender que, tempos depois, o político se lançaria candidato a prefeito pela UDN, a despeito de divergências ideológicas.

Outro episódio que contribui para a melhor compreensão dos posicionamentos políticos e ideológicos de Vanor T. Moreira foi a sua atuação quando se anunciou a desativação do ramal ferroviário do município, fato que desencadeou uma série de manifestações contrárias, tanto da população, quanto de setores organizados, como era o caso do sindicato dos ferroviários. Vanor não só participou dos atos promovidos pelo sindicato dos ferroviários, como, não se furtando ao combate, dirigiu um ofício ao presidente João Goulart, no qual levantava como elementos contrários a sua desativação:

intermédio de Laura Milheiros para nomeação do udenista Américo Teixeira para o cargo de estatístico, se dizia: “Os petebistas (...) passaram aquele dia a afirmarem que nunca que na história da existência do PTB, nunca houve uma petebista com um coração tão udenista quanto o Sra. Laura...”

¹⁴⁹ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 01 de outubro de 1960.

“(...) a exploração das grandes reservas de calcário, as rodovias que passavam por Friburgo não suportariam o trânsito pesado, a carga. (...) dizia a S. Excia, que a vida dessas famílias de ferroviários que dependiam do trem sofreria, e com elas Friburgo como um todo, economicamente”.¹⁵⁰

Já por ocasião do Dia do Trabalhador, o prefeito endereçara uma carta aos trabalhadores friburguenses na qual se manifestava:

“Desejo recordar-lhes a lembrança daqueles companheiros que, no passado e em todos os países sacrificaram-se em benefício das classes trabalhadoras para melhor aprimoramento da justiça social.
Sirva esta recordação de estímulo para que todas as classes trabalhadoras continuem o passado glorioso de lutas em defesas de justas reivindicações”.¹⁵¹

Como é possível perceber em seu discurso, o prefeito não somente apoiava as lutas dos trabalhadores, como também as compreendia como o caminho para uma sociedade em que se vigoraria a justiça social. Além disso, ao entender que era necessário alcançar uma chamada “justiça social”, o político se mostrava muito mais próximo às vertentes trabalhistas, ou até comunistas, e, mais ainda, compreendia que havia uma relação desarmônica, senão de exploração, entre patrões e empregados. Por fim, Vanor ainda conclamava os trabalhadores à luta em defesa de suas reivindicações. Esse conjunto de valores defendidos por Vanor T. Moreira correspondiam às grandes bandeiras trabalhistas que, segundo Ângela de Castro Gomes, era compreendido:

“Como ideologia política (e não uso a categoria como significando deformação de idéias ou manipulações etc.), o trabalhismo caracterizou-se por um projeto que vinculou por um projeto que se vinculou ao nacionalismo e à promessa de justiça social, centrada nos direitos do trabalho.”¹⁵²

Em um município como Nova Friburgo, onde havia intensa atividade industrial, sobretudo têxtil, essas ideias certamente soaram bastante subversivas para o empresariado local. Ademais, tal manifestação estremecia ainda mais a relação entre o político e a UDN que, algumas semanas depois, condenava o apoio do governo federal às greves, que causariam prejuízos bilionários ao país.¹⁵³

¹⁵⁰ Revista *Zoom*, n 12, edição de maio de 1986.

¹⁵¹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 4 e 5 de maio de 1963.

¹⁵² GOMES, Ângela de Castro. *Brizola e o Trabalhismo*. In: FREIRE, Américo e FERREIRA, Jorge. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e (1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 305.

¹⁵³ Jornal *A Paz*, edição de 1 e 2 junho de 1963.

As manifestações de Vanor, tanto no episódio da extinção do ramal ferroviário, quanto no Dia do Trabalhador, eram o prenúncio de que sua aliança com a UDN tinha seus dias contados. Acrescia-se a isso a própria surpresa do partido ao se defrontar com os resultados das urnas, que conferiam mais votos a Heródoto, um legítimo udenista; do que a Vanor, candidato escolhido pelo partido apenas por objetivar a vitória. Ainda no primeiro ano de governo, já se anunciava uma possível renúncia de Vanor, o que beneficiaria Heródoto Bento de Mello.

Assim, se anteriormente, a eleição de Vanor havia representado uma vitória para a UDN, agora, ela significava um empecilho inconveniente para a posse de Heródoto Bento de Mello. Vale lembrar que o país tinha vivido há pouco tempo a renúncia de Jânio Quadros e a consequente posse de João Goulart. Isso fazia com que o “vice” fosse entendido de outra forma, passando, a partir daquele episódio, a ser visto como aquele que possuía chances efetivas de ascender ao poder.

Em seu curto tempo de mandato, Vanor Tassara Moreira pouco pôde fazer; mas perfilava entre suas preocupações a questão ecológica, contrariando os interesses dos grandes grupos imobiliários, como ele próprio alegou: “No meu governo passado, foi por isso que os grandes grupos empresariais de Friburgo foram conta mim, porque eu zelava por isto. Não admitia loteamentos que devastassem mananciais”.¹⁵⁴

Outro tópico importante, para o prefeito, era o da questão agrária – tema que emergia no país com a defesa da reforma agrária. Sua ideia era fomentar o surgimento de cooperativas e educar o trabalhador rural quanto a questões de manejo e do próprio valor social da terra, e criar um banco de alimentos, que daria autonomia para os agricultores comercializarem sua própria produção, sem depender da figura do atravessador.¹⁵⁵

Por ocasião do aumento tarifário, que a empresa concessionária de transporte coletivo pedia e divergia do aumento estimado pelos técnicos da prefeitura, Vanor ameaçou, caso houvesse aumento, colocar assentos nos caminhões da prefeitura e fundar uma Empresa Municipal de Transporte. A empresa recuou e o prefeito obteve vitória.

Entretanto, em seu curto mandato, Vanor T. Moreira colecionou mais derrotas do que vitórias. A maioria de seus projetos sequer chegou a sair do papel. Contudo, o simples fato de defender tais posturas e visões era inédito e demasiado subversivo em um município cujos governantes nunca haviam mencionado tais temas e preocupações.

¹⁵⁴ Entrevista concedida à Revista *Zoom*, edição de abril de 1985.

¹⁵⁵ Revista *Zoom*, n 12, edição de maio de 1986.

Ainda em 1963, decorridos poucos meses da posse de Vanor, o PTB municipal rompia oficialmente com o prefeito, tendo como justificativa as críticas que o político teria feito ao governador Badger da Silveira e ao presidente João Goulart.¹⁵⁶

Enquanto isso, a UDN manifestava suas ressalvas em relação ao prefeito publicamente através do jornal *A Paz*. Quando, por exemplo, houve o anúncio do desligamento do PTB, anunciava-se na mesma edição: “A UDN exigirá uma posição administrativa para manter o seu apoio”.¹⁵⁷

Com o desligamento do PTB e o pouco apoio da UDN, que embora não tivesse se desligado oficialmente do governo, também não o defendia, Vanor não possuía base de aliados na Câmara de Vereadores. Assim, o legislativo aprovava, no decorrer de seu governo, uma série de leis que oneravam substancialmente os gastos da prefeitura em um curto período de tempo, entre elas: concessão de 13º salário ao funcionalismo municipal de acordo com que havia sido aprovado no Congresso Nacional; aumento das subvenções às Casas de Caridade; concessão de verba para o Parlamento Estudantil e, posteriormente, aumento de 60% nos salários da prefeitura.¹⁵⁸ Além disso, grande parte do orçamento da prefeitura estava comprometido, pois se tornara obrigatório o pagamento do salário-mínimo¹⁵⁹ ao funcionalismo municipal.

Sem apoio, as possibilidades de ação do prefeito eram limitadas. Chegara a vetar o 13º salário,¹⁶⁰ porém não obtivera sucesso. Posteriormente, em uma tentativa de equilibrar as contas públicas, o executivo propôs o aumento do imposto que incidia sobre as indústrias em 0,7%, contudo, a proposta foi recusada e modificada para 0,4%. Visando aumentar seu orçamento, o prefeito também aumentara os impostos imobiliários, o que lhe rendeu duras críticas da imprensa.

Sobre as divergências entre os poderes executivo e legislativo, o jornal *A Voz da Serra* anunciava em uma de suas edições: “É deficientíssima a cobertura na Câmara de Vereadores ao Prefeito Municipal. As tênues defesas estão tão circunscritas, que estamos a antever perigosas tempestades...”.¹⁶¹ Enquanto isso, em relação à gestão do prefeito, *O Nova*

¹⁵⁶ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 29 e 30 junho de 1963.

¹⁵⁷ Jornal *A Paz*, edição de 29 e 30 de junho de 1963.

¹⁵⁸ COSTA. *Op. Cit.* p. 140.

¹⁵⁹ Resolução 660, de 12 agosto de 1963.

¹⁶⁰ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 17 e 18 de julho de 1963.

¹⁶¹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 27 e 28 de julho de 1963.

Friburgo declarava: “Uma cidade e um povo que emitem um S.O.S!”¹⁶² É interessante notar que o PTB e o PSD, através de seus jornais, desferiam críticas ao prefeito muito mais contundentes do que a UDN, principal beneficiária de um possível afastamento. Talvez, por isso, esta buscasse se manifestar de maneira mais cautelosa. No caso mais específico do PTB, travou-se uma verdadeira campanha difamatória contra o prefeito – assunto presente em todas as edições dos jornais – até a sua queda.

Por fim, em agosto de 1963, em declaração intitulada “Ao povo”, Heródoto Bento de Mello anunciava rompimento oficial da UDN com o Executivo Municipal:

“(…)Vem a UDN divulgar que se considera completamente desligada do Sr. Prefeito. Assim sendo, desde já passa a trilhar uma linha política de completa independência, sempre, porém, disposta a apoiar as iniciativas de interesse público, sem qualquer vínculo com o Executivo Municipal”.¹⁶³

Nos meses que se seguiram, a tensão entre o prefeito, os partidos e, conseqüentemente, seus jornais se acirrou mais ainda. Em fins de 1963, *O Nova Friburgo*, anunciava em letras garrafais: “Primeira bomba a estourar em 1964: Renúncia do Prefeito!”¹⁶⁴

Às vésperas de 1964, a recusa do prefeito em pagar o 13º dos funcionários resultou em uma greve dos servidores e gerou mais uma crise no frágil governo de Vanor. À época, o prefeito era caricaturizado pelos jornais como bêbado e irresponsável,¹⁶⁵ alguém incapaz de conduzir o poder executivo de um município. Contudo, à medida que os ataques ao prefeito se tornavam mais hostis e rotineiros, aumentavam os elogios destinados ao poder legislativo, representado como o grande defensor do povo frente ao executivo municipal – seu grande inimigo.

¹⁶² Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 7 de dezembro de 1963.

¹⁶³ Jornal *A Paz*, edição de 24 e 25 de agosto de 1963.

¹⁶⁴ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 21 de dezembro de 1963.

¹⁶⁵ Conforme as edições de 11 de janeiro do jornal *A Voz da Serra*, e de 18 de janeiro do jornal *O Nova Friburgo*, cuja manchete era: “O prefeito lança sua cólera etífica sobre a imprensa de Nova Friburgo”.

3.5 O golpe civil-militar em Nova Friburgo: o adeus à democracia!

Como foi exposto anteriormente, desde o primeiro ano de mandato de Vanor Tassara Moreira, já circulava, nos principais jornais friburguenses, o anúncio de seu possível afastamento da chefia do poder executivo municipal. Fato é que, no início de 1964, a tensão política em torno da figura do prefeito, bem como uma possível interrupção de seu mandato não eram novidade. Em entrevista concedida décadas mais tarde, o próprio Heródoto Bento de Mello afirmava que havia proposto que Vanor se afastasse do governo por um período determinado:

“Em dezembro de 1963, Vanor estava tão ruim, que eu fiquei com pena dele e fui à prefeitura e disse: _ Vanor, você está ruim demais, sua situação está muito ruim! Pede uma licença de três meses, que eu arrumo isso pra você. E, depois você volta, eu não quero isso, não. É só para te ajudar”.¹⁶⁶

Concomitantemente, desde 1963, era possível notar a proximidade entre Heródoto Bento de Mello e os setores militares do Sanatório Naval.¹⁶⁷ Em 31 de março, quando estouravam os movimentos que resultaram no golpe civil-militar, Heródoto, segundo o que ele mesmo relata, partira para Além Paraíba na tentativa de convencer os militares, que saíam de lá com destino ao Rio de Janeiro, a passarem por Nova Friburgo. O objetivo de Heródoto, ao requisitar a mudança de rota, era conseguir reforços para o Sanatório Naval, no intuito de impedir a continuidade do mandato de Vanor. Como pode se perceber com esse episódio, o caminho para a destituição do então prefeito estava em curso.

Por ocasião do golpe que visava destituir João Goulart e, provavelmente influenciado pela Campanha da Legalidade, que Leonel Brizola tentava promover novamente, Vanor hasteou a bandeira da prefeitura a meio mastro. Além disso, o prefeito aderiu ao movimento de resistência que se tentava promover nos meios sindicais e operários do município, cedeu um jipe da prefeitura aos manifestantes e foi a rádio e às portas das fábricas na tentativa de convencer os operários da necessidade da paralisação.¹⁶⁸

A repercussão de tais atos na mídia foi a pior possível, servindo de prato cheio para mais ataques da imprensa a Vanor. De acordo com o *A Voz da Serra*:

¹⁶⁶ Em entrevista concedida por Heródoto Bento de Mello, em 1978.

¹⁶⁷ Como indicam a edição de 15 de junho de 1963 do jornal *A Paz*, e a própria entrevista concedida por Heródoto em 1978.

¹⁶⁸ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 3 e 4 de abril.

“Fazendo parte do esquema comunista em Friburgo, o Prefeito, que não é trabalhista nem janguista, foi cumprir as ordens dos seus patrões do CGT e, teleguiado, se postou nos portões das Fábricas de Friburgo tentando com a ameaça de metralhadoras, intimidar os operários.”¹⁶⁹

Embora nunca tenha sido confirmado que Vanor estaria de posse de metralhadoras – ao que parece, ele estaria acompanhado de um policial –, a matéria é um claro exemplo da imagem que se veiculava do prefeito: um homem radical e desordeiro, portanto, um perigo à ordem.

Como constatado através das exposições feitas neste capítulo, desde o primeiro ano de seu mandato, o político era alvo da oposição dos jornais do município e seus respectivos partidos. Além disso, interessava, sobretudo à UDN, a cassação de seu mandato. Entretanto, a resistência do político à intervenção militar foi o golpe derradeiro em seu governo. Devido às suas reações, o Diretor do Sanatório Naval intimou sua presença e o acusou de incitamento à desordem, fechamento das fábricas à força e hasteamento da bandeira a meio mastro.¹⁷⁰ Em reunião no Sanatório Naval, Vanor T. Moreira foi impelido a renunciar.

De acordo com Heródoto Bento de Mello, os militares nutriam por Demerval Barbosa Moreira – pai do prefeito – grande respeito. Por isso, tentaram convencê-lo de que a renúncia de Vanor seria a melhor escolha. Se até um prazo estipulado, o prefeito não apresentasse a renúncia, seria então cassado. Vanor T. Moreira tentou ainda se retratar e se justificar através de uma carta pública destinada ao diretor do Sanatório. Nela, alegava que todas as suas ações haviam sido no sentido de promover a ordem e acalmar a população; entretanto, tal justificativa não foi capaz de reverter o quadro. Como o próprio Vanor afirmaria posteriormente: “Eu não fui cassado, mas seria se não tivesse renunciado.”¹⁷¹ Sob esse aspecto, nem a oposição discordava, como afirmava o jornal *A Paz*: “(...) o prefeito se viu numa encruzilhada: renunciar ou ser impedido.”

Por fim, no dia 10 de abril de 1964, o então prefeito Vanor Tassara Moreira, apresentava sua renúncia. Contudo, com toda a polidez que o momento exigia, fazia questão de relacionar seu afastamento – ainda que sob elogios forçados – à intervenção militar:

“Dada à situação de crise nacional por que passamos, considerando que as classes armadas têm por dever arcar com os destinos da Nação, nessa hora de crise para todos os brasileiros, considerando ainda que tal fato concorrerá para trazer maior

¹⁶⁹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 11 e 12 de abril de 1964.

¹⁷⁰ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 3 e 4 de abril.

¹⁷¹ *O Correio Friburguense*, edição 6 e 7 agosto de 1988.

tranquilidade política em nosso município, renuncio nesta data ao cargo de Prefeito de Nova Friburgo”.¹⁷²

Assim se encerrava a experiência democrática e o mandato de Vanor Tassara Moreira, alvo de campanha midiática depreciativa dos principais jornais da cidade. A resistência do prefeito ao golpe civil-militar, aliados a atuação da UDN, representada na figura de Heródoto Bento de Mello, em conjunto com o Sanatório Naval, acabavam por resultar no fim do conturbado mandato de Vanor Tassara Moreira.

Sobre esse episódio, mais ilustrativa foi a ironia que Vanor T. Moreira utilizara décadas mais tarde para defini-lo: “Renunciei espontaneamente com uma metralhadora nas costas.”¹⁷³

3.6 Médicos no poder: “populistas”?

Como foi visto no decorrer deste trabalho, Nova Friburgo vivenciou três mandatos consecutivos de prefeitos-médicos: Feliciano Costa, Amâncio Mário Azevedo, ambos pelo PSD e Vanor Tassara Moreira pela UDN. Esses três políticos e seus mandatos foram classificados pelas duas obras historiográficas regionais que versaram sobre o tema, como populistas.

Ricardo da Gama Costa, em sua dissertação de Mestrado, denomina o período em que os políticos do PSD estiveram à frente do executivo municipal como “a longa fase populista”.¹⁷⁴ De acordo com o autor, as disputas político-partidárias que se travaram em Nova Friburgo entre 1945 e 1964, se classificariam como uma guerra entre liberais e populistas. Tais termos designariam, respectivamente, a UDN e o PSD. Ainda segundo Ricardo, compreender-se-ia como populismo, além da existência de um líder carismático, um

¹⁷² Jornal *A Paz*, edição de 11 e 12 de abril de 1964.

¹⁷³ Entrevista concedida a *Revista Zoom*, em edição de abril de 1985.

¹⁷⁴ COSTA, Ricardo da Gama. *Visões do Paraíso o Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. PPGH – UFF, 1997. Dissertação de Mestrado.

conjunto de práticas e “reformas que atendessem os setores desprivilegiados da sociedade, sem permitir, no entanto, a organização política das classes subalternas”.¹⁷⁵

Já Elizabeth Vieiralves de Castro classifica as práticas e mandatos desses médicos no poder como um “Populismo à Friburgo”, termo que se justificaria pela inserção das massas no poder público e pela aliança com diversos setores a fim de manter o poder dominante que, no caso de Nova Friburgo, seria acrescido de um novo ingrediente: o exercício da prática médica, convertido em votos e, conseqüentemente, em poder político. Ainda de acordo com a autora, tais médicos, imbuídos de ideologias altruístas, atendiam às necessidades da população friburguense, ainda que não favorecessem “a construção de uma sociedade livre, consciente e participativa.”¹⁷⁶

Como se pode perceber, as duas obras historiográficas se utilizam do conceito de populismo como chave-explicativa para estudar as práticas políticas existentes, sobretudo as dos políticos médicos e as do PSD durante o período que se estendeu de 1945 a 1965. Contudo, a despeito da grande contribuição sobre o tema que estas obras oferecem, elas compreendem o diretório regional do PSD e também da UDN como mera reprodução das suas respectivas cúpulas nacionais, desconhecendo os contornos específicos da política cotidiana municipal.

O populismo como categoria explicativa é utilizado tradicionalmente para denominar e explicar o período democrático entre 1945 e 1965. Em geral, tal análise pressupõe a existência de setores populares desorganizados e sem consciência de classe que, manipulados pelo Estado (que lhes concederia pequenos benefícios), votariam e apoiariam determinados políticos. Via de regra, o fenômeno populista é entendido, se não como um entrave para a consolidação da “verdadeira democracia”, ao menos como um vício que a comprometeria.

Embora ainda utilizado por setores da historiografia, há várias críticas quanto à operacionalidade de tal conceito que, além de ser evasivo por ser utilizado para designar diferentes tipos de experiências e comportamentos políticos, desqualifica determinados atores e momentos políticos, questionando a existência de uma verdadeira democracia entre 1945 e 1965.

Ademais, a noção de populismo parte da premissa de uma relação paternalista entre Estado e povo, na qual o segundo, incapaz de votar de forma autônoma e consciente, seria

¹⁷⁵ COSTA, Ricardo da Gama. *A História Política de Nova Friburgo na República: A guerra hegemônica entre liberais e populistas*. In: ARAÚJO, João Raimundo e MAYER, Jorge Miguel. Teia Serrana: Formação histórica de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p.242.

¹⁷⁶ CASTRO, Elizabeth Vieiralves. *O poder médico em Nova Friburgo*. In: *Revista Tessituras*. Edição 0. p. 15.

fruto da manipulação e cooptação do primeiro. Nesse sentido, e, contrariando essa visão, nos alinhamos ao que afirma Ângela de Castro Gomes, ao analisar a relação entre população e Estado:

“A adesão dos trabalhadores, e não meramente sua submissão ou manipulação, sancionou um pacto pelo qual Estado e classe trabalhadora se reconheciam como termos interessados na consecução de um novo sistema de ordem não mais autoritária”.¹⁷⁷

Em seu sentido mais vulgar, tal expressão é, ainda, geralmente, carregada de sentido pejorativo. Os políticos classificados de acordo com esta, seriam “como um personagem que agiria de má fé, mentindo e enganando o povo, sobretudo nas épocas de eleições, prometendo tudo e nada e cumprindo.”¹⁷⁸

Em geral, tanto as versões mais refinadas de populismo, quanto as essencialmente pejorativas, cujos propósitos são a desqualificação da oposição, carregam consigo a ideia de uma massa trabalhadora sob tutela, em maior ou menor grau, do Estado e de seus aparelhos.

Diante disso, acredita-se que definir tais políticos e partido sob o rótulo de populista, mais distancia da compreensão de suas atuações no município, do que as explica.

Como demonstrado nos capítulos anteriores, em Nova Friburgo, ocorreu uma inversão da lógica que se estabelecera nas cúpulas nacionais do PSD e PTB em Nova Friburgo após o suicídio do presidente Getúlio Vargas. No município, ante a visão pública, o PSD se configurou no maior representante e herdeiro do trabalhismo e getulismo. Enquanto que o PTB, em seus anos subsequentes, apresentava inexpressiva inserção entre os setores populares e operários, sendo acusado de traidor do getulismo, por ter se aliado à UDN; O PSD, através dos discursos no jornal *A Voz da Serra*, buscava, sempre que possível, associar seu nome ao de Vargas. Outro fato que corrobora para afirmação de que os diretórios locais dos partidos nem sempre correspondiam ao que se delineava em suas cúpulas nacionais, é a própria atuação do PTB local, por ocorrência golpe civil-militar, que apoiou a deposição do prefeito Vanor T. Moreira.

Os prefeitos Feliciano Costa e Amâncio Mário Azevedo tiveram em comum em suas gestões a proximidade com os setores populares, aos quais atendiam ainda como médicos, bem como a assistência e adoção de políticas públicas que beneficiassem os mais pobres.

¹⁷⁷ GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2005. p. 305.

¹⁷⁸ FERREIRA, Jorge (Organizador). *Introdução In: O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 7.

Fugindo à lógica da compreensão de populismo citada anteriormente, segundo a qual os políticos faziam concessões aos trabalhadores a fim de manter a ordem dominante estabelecida, esses políticos muitas vezes travaram batalhas com setores até então intocáveis. Foi o caso de Feliciano Costa ao enfrentar os setores industriais, que até então haviam sido beneficiados pelo poder público. Já Amâncio Mário Azevedo inverteu a lógica que priorizava os cuidados às zonas mais ricas da cidade e centrou seus esforços na periferia. De acordo com Elizabeth de Vieiralves Castro, o político, compreendendo a relação direta entre a falta de saneamento básico e a ocorrência de doenças endêmicas, buscou instalar redes de esgoto e calçamentos nos bairros mais pobres. Com essas ações, embora não se promovesse uma transformação social mais ampla e profunda – resultado cujas limitações e atribuições do cargo impediam – Amâncio estabelecia uma melhoria social efetiva, à medida que melhorava a qualidade de vida dos setores mais pobres.

Como pode se observar com o exposto, embora tais governos não tivessem resultado em nenhuma transformação social mais efetiva, quiçá invertido a lógica dominante, tanto por não objetivarem, quanto pelas limitações inerentes ao cargo de chefe do executivo municipal, esses políticos nem sempre procuraram promover uma política de conciliação de classes.

No caso específico da atuação de Vanor Tassara Moreira, lançado pela UDN, apesar do discurso notoriamente trabalhista, chegou-se a ameaçar estatizar a concessionária de transporte público, caso se aumentasse o valor da tarifa. O político tanto em sua carta de desligamento do PTB, quanto em sua declaração por ocasião do Dia do Trabalhador, ou ainda em sua resistência ao golpe civil-militar, expressou um conjunto de valores que se enquadram na linha política trabalhista – mais especificamente, “pragmático reformista”,¹⁷⁹ que tinha compromisso com um projeto de construção da soberania nacional. Como afirma Lucília de Almeida Neves sobre essa corrente:“(...) não deixou de se traduzir em um programa cujo principal ingrediente era a crença na resolução dos problemas sociais do país, na superação do subdesenvolvimento que assolava a economia brasileira e na construção de uma nação mais soberana.”¹⁸⁰

Contudo, é preciso reconhecer que estes três prefeitos tiveram seu poder político ampliado em virtude da prática médica, cuja gratidão que despertara se convertia em votos.

¹⁷⁹ “Pragmáticos reformistas” era uma das tendências que integravam o trabalhismo do PTBe tinha como seu principal ícone o presidente João Goulart.

¹⁸⁰ NEVES, Lucília de Almeida. *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. 3º edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 202.

Vale lembrar, todavia, que o exercício da medicina altruísta era anterior às suas vidas políticas. Assim, contrariando a lógica do clientelismo, na qual o político concede benefícios a setores da população a fim de perpetuar seu poder, a atuação médica preexistia à vida política.

Por fim, apesar do apoio da população a tais médicos estar vinculado parcialmente a motivos afetivos, ele não pode ser entendido como resultado da manipulação das camadas mais pobres – uma das características do que se entende por populismo. Pelo contrário, apesar das práticas médicas se converterem em votos, os setores mais populares se beneficiavam dessa relação, já que havia um estreitamento de laços entre o poder público e a população através do fácil acesso que havia entre as duas partes.

3.7 O Governo Heródoto Bento de Mello

Logo após a ocorrência do golpe civil-militar, o jornal *A Voz da Serra* declarava:

“A gloriosa Marinha de Guerra representada pela luzidia guarnição do Sanatório Naval em nossa cidade, constou o ponto alto da defesa dos friburguenses durante os dados dias que precederam a espetacular queda de Jango. Com tranquilidade, com altíssima classe, com segurança, com serenidade, sem aparatos bélicos, sem quaisquer resquícios de violência e consciência da missão que lhes estava outorgada, a oficialidade do Sanatório Naval, mais uma vez, fez jus a especial penhor de gratidão da sociedade de Nova Friburgo. Salve os intrépidos combatentes da Marinha!”¹⁸¹

Tal excerto sintetiza bem o ânimo geral que se instalou na imprensa após a ocorrência do golpe e da renúncia do antigo prefeito. Não havia nos três jornais qualquer tipo de manifestação de resistência aos eventos então recentes; o clima era de comemoração. A reação dos diretórios locais dos jornais à queda de João Goulart e de Vanor Tassara Moreira foi bem similar à que se manifestou no âmbito nacional. De acordo com Lúcia Hippolito:

“A queda de João Goulart foi recebida com euforia por todas as forças que lhe faziam oposição, estivessem ou não diretamente envolvidas na conspiração, e com um certo alívio pelo comando nacional do PSD.”¹⁸²

¹⁸¹Jornal *A Voz da Serra*, edição de 3 e 4 de abril de 1964.

¹⁸²HIPPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 300.

Até mesmo o PTB local – cuja cúpula nacional estava mais alinhada a Jango do que nunca, devido ao anúncio das reformas de base – discorria sobre a necessidade da intervenção militar: “O Brasil confia no patriotismo de suas Forças Armadas para esmagar completamente a horda vermelha que nos ameaçava.”¹⁸³ Em uma atitude que se alinhava ao que ocorria no PTB fluminense, – quando Badger da Silveira, na tentativa vã de manter seu mandato, declarava-se “antiesquerdista” – o PTB local, temendo represálias, afirmava que o partido e João Goulart havia sido uma das maiores vítimas da infiltração comunista:

“Queremos, contudo, mais de perto, tratar dos vermelhos que conseguiram penetrar no PTB. Nosso partido, foi sem dúvida o mais infelicitado. Temos certeza que o próprio Sr. João Goulart não tinha ciência da verdadeira situação pré-revolucionária que se criou no país.”¹⁸⁴

No tocante ao governo municipal, a postura dos jornais em relação ao mandato de Heródoto Bento Mello seria totalmente oposta à que se processara desde meados de 1963. Se, durante o governo de Vanor, os partidos expressavam sempre sua oposição e severas críticas ao governo, que dificultavam qualquer ação do poder executivo, agora reinava a tônica da cooperação. Contribuir para o sucesso do novo governo municipal era divulgado como uma obrigação cívica daqueles que nutriam amor por Nova Friburgo, como atesta o seguinte trecho:

“Unidos e coesos com a nova administração municipal, os friburguenses de nascimento e de coração, ficarão, estamos certos, na estação do bom combate, ajudando assim o atual Chefe do Executivo nos arranjos necessários na reimplantação de um governo de autenticidade democrática e de realizações efetivas.”¹⁸⁵

Como se pode observar nesse trecho do jornal pessedista, o mandato de Heródoto Bento de Mello não só não poderia se configurar como um golpe em um governo eleito democraticamente, como também, era paradoxalmente representado como responsável pela reimplantação de uma democracia sólida, e visto como seu garantidor. Ainda de acordo com essa lógica, o Sanatório Naval era apresentado como a “Muralha da Democracia”. Essa linha de pensamento também fica clara na manchete do jornal petebista, que regozijava: “O Brasil confia no patriotismo de suas Forças Armadas para esmagar completamente a horda vermelha

¹⁸³ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 11 de abril de 1964.

¹⁸⁴ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 11 de abril de 1964.

¹⁸⁵ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 11 e 12 abril de 1964.

que nos ameaçava.”¹⁸⁶ Tal discurso ia ao encontro daquilo que se traçava entre os setores de direita em nível nacional, segundo Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes:

“Em março de 1964, para desacreditar as esquerdas perante a sociedade, recorreram com sólidos argumentos à defesa da legalidade e da democracia. As esquerdas, tão ciosas dessa bandeira em 1961 e 1963¹⁸⁷, não levaram em conta, ao menos como haviam feito antes. (...) Com isso não se quer dizer que as forças de direita fossem de fato defensoras da democracia. (...) Porém, a despeito de conspirarem, planejando a deposição de um presidente pela força das armas, os civis e militares de direita construíram um discurso para justificar seus atos antidemocráticos, recorrendo exatamente a valores democráticos.”¹⁸⁸

Ainda nos primeiros dias do novo governo, o *A Paz* anunciava uma reunião ocorrida entre empresários do setor rodoviário, industriais e comerciantes, na qual os participantes manifestavam sua satisfação com a mudança de governo, tanto no executivo municipal, quanto no federal. O jornal afirmava ainda que esses setores tinham a intenção de atender aos anseios e às reclamações da população, mas que nunca o tinham feito por desconfiarem do poder público. Porém, agora, desejavam “aproveitar a oportunidade do retorno do país à disciplina, à ordem e à dignidade para iniciarem seu movimento, sem lutas de classe, tendo em vista o bem da coletividade.”¹⁸⁹ Como se pode verificar, o jornal tentava incutir nos leitores a ideia de que as mobilizações e as lutas organizadas dos setores operários eram desnecessárias, quando não um entrave para o bem-estar coletivo, e que os empresários só não teriam atendido antes às reivindicações operárias, devido à instabilidade do governo anterior.

Assim, em uma condição ideal de democracia, que, segundo a visão defendida, agora se manifestava não só em Nova Friburgo, mas também em todo o país, não seriam necessárias greves ou quaisquer tipos de manifestações da classe trabalhadora, ou seja, prevaleceria uma relação de harmonia entre trabalhadores e os setores empresariais.

As idéias expressas pelo jornal udenista a fim de definir e defender o empresariado friburguense eram comuns também ao próprio Heródoto Bento de Mello, que afirmara sobre

¹⁸⁶ Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 11 de abril de 1964.

¹⁸⁷ As datas de 1961 e 1963 correspondem, respectivamente, à Campanha da Legalidade e ao plebiscito realizado com a população que aprovou o retorno do regime presidencialista, em detrimento do parlamentarista. Nessas duas ocasiões, o principal argumento da esquerda era de que, tanto o impedimento de João Goulart assumir o poder, quanto ele governar em regime parlamentarista, eram medidas inconstitucionais.

¹⁸⁸ FERREIRA, Jorge e GOMES, Ângela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente pôs fim ao período democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 294.

¹⁸⁹ Jornal *A Paz*, edição de 11 e 12 de abril de 1964.

esse período: “O Jango, despreparado, começou a meter os pés pelas mãos e, então a subverter as coisas, e então chegou-se a desordem total no país.”¹⁹⁰

Este artigo era, ainda e por fim, um prenúncio do que se instituiria a partir de então no governo de Heródoto Bento de Mello, a aliança entre setores públicos e privados, estremecida no governo de Vanor T. Moreira.

Outro aspecto no qual se processara uma mudança durante o mandato de Heródoto era no referente às respostas do poder legislativo frente às propostas apresentadas pelo executivo municipal. O governo de Vanor caracterizou-se pelas divergências entre poder legislativo e executivo, cuja base de apoio era praticamente inexistente. Agora, na gestão de Heródoto, ao menos nos meses iniciais, imperava-se o clima da cooperação.

Ainda no decorrer dos primeiros meses da gestão de Heródoto, era comum se noticiar a evolução vivenciada pelo município. O então prefeito era apresentado como a esperança para a cidade e o líder que havia restabelecido a moral e a paz.

Contudo, a despeito da avalanche de elogios que a imprensa tecia a Heródoto, poucas medidas efetivas eram noticiadas. O apoio dos jornais e de setores da sociedade, representados por ele, era praticamente irrestrito naquele momento.

Na esfera política municipal, enquanto a UDN comemorava a vitória de ter finalmente um udenista fiel à frente do executivo – fato que não ocorria desde as eleições de 1947 –, o PSD e o PTB, por sua vez, evidenciando o conservadorismo de suas bancadas, comemoravam o fato de o município estar livre de um governo cujas ações eram consideradas subversivas e demasiadamente à esquerda. O apoio dos diferentes partidos à sua gestão, tratava-se, por fim, de uma união estabelecida para se evitar um mal maior: a permanência de Vanor Tassara Moreira na chefia do executivo.

Entretanto, se em um primeiro momento os partidos se uniram a fim de defender a posse de Heródoto como solução para o caos que se instaurara no município, tão logo afastou-se o perigo de um possível, ainda que improvável retorno de Vanor, e o governo de Heródoto se consolidou, as divergências políticas entre esses partidos e governo municipal começaram a se manifestar.

Alguns meses depois da posse de Heródoto, o jornal *O Nova Friburgo* denunciava a aprovação da reforma tributária e a criação de altos cargos comissionados. É interessante notar que medidas similares foram reprovadas pela mesma Câmara de Vereadores na gestão anterior. Seguindo a mesma linha do jornal petebista, o *A Voz da Serra*, em alusão ao governo

¹⁹⁰ Entrevista concedida por Heródoto Bento de Mello em 1978.

de Jânio Quadros, afirmava que Heródoto governava “de costas para a cidade”¹⁹¹, deixando as zonas rurais abandonadas.

Assim, malgrado o apoio que ambos os diretórios partidários deram inicialmente ao golpe civil-militar nas esferas municipal e federal, passavam a se situar à oposição do atual governo e a assinalar a necessidade de novas eleições municipais em 1965.

Concomitantemente, Juscelino Kubitschek, candidato do PSD à sucessão presidencial, tinha seu mandato de senador cassado. Amaral Peixoto, então presidente nacional do PSD, tentou evitar o afastamento do senador; entretanto, não logrou sucesso. Assim, o PSD se retirava da base de apoio do governo de Castelo Branco. À mesma época, o PSD local começava a questionar o novo governo federal. Era possível ler em uma das edições do *A Voz da Serra*, inclusive, a seguinte indagação:

“O povo não compreende por que o governo revolucionário, com poderes que pode realmente ostentar, inclusive total cobertura das classes armadas, não tenha ainda jugulado a exploração que campeia no país relativamente ao preço dos gêneros alimentícios. É necessário que seja desmentido, com providências reais e convincentes, que ‘a revolução foi obra dos ricos para dominar os pobres’.”¹⁹²

Ainda no primeiro ano de mandato de Heródoto, processaria-se mais uma derrota do antigo prefeito Vanor: a extinção do Ramal Ferroviário do município. O anúncio do fim das atividades da empresa não gerou quaisquer manifestações por parte do prefeitura que, segundo ferroviários, era considerada conivente com todo esse processo. Ao contrário disso, se aproveitando de tal ensejo, Heródoto iniciou negociações com a empresa ferroviária a fim de transformar sua sede em uma rodoviária – fato que viria a se consumir tempos depois.

Essa ação era fruto de uma das principais preocupações de Heródoto quando à frente da gestão do município – reestruturar o centro da cidade. Para isso, o político colocou em prática o antigo Plano Diretor de sua autoria, que previa, entre outras ações: alargamento de ruas do centro, asfaltamento das avenidas marginais e o início dos preparativos para a construção de um viaduto capaz de desviar o trânsito da cidade.

Com tudo isso, invertia-se a lógica tão comum aos prefeitos-médicos que governaram o município nos últimos anos, sobretudo Amâncio Mário Azevedo, e as atenções e obras do poder público dirigiam-se novamente para o centro da cidade.

¹⁹¹ Jornal *A Voz da Serra*, edição de 2 e 3 de maio de 1964.

¹⁹² Jornal *A Voz da Serra*, edição de 1 de agosto de 1964.

Nos meses que se sucederam ao golpe, a necessidade das eleições em 1965, se tornou tema recorrente. E, à medida que elas se tornavam mais improváveis, mais se defendia as bandeiras democráticas. Contudo, diferentemente do que se processara no mandato de Vanor Tassara Moreira, agora as manifestações de oposição eram polidas e contidas – frutos do medo e da repressão.

Em 27 de outubro de 1965, era decretado o Ato Institucional Número Dois (AI-2), que tornava extintos os partidos e, dessa forma, afastava as esperanças de eleições presidenciais diretas ao torná-las indiretas. O PSD, através de seu jornal, timidamente se manifestava afirmando que iria “lutar pela plena recuperação da normalidade e tranquilidade da vida democrática em nosso país.” Porém, passado mais de um ano dos episódios de 31 de março e 1 de abril, era tarde demais para se lutar pela democracia.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa pesquisa, buscou-se analisar a polarização estabelecida na política friburguense entre PSD e UDN. Como demonstrado no decorrer dessas páginas, durante o período que se estendeu de 1945 a 1965, o cotidiano da política no município tinha como marca a rixa entre os dois partidos e seus respectivos integrantes. Nessas décadas, todos os prefeitos eleitos pertenceram às legendas da UDN ou PSD, bem como a maioria dos vereadores que constituíam a Câmara Municipal.

Não fosse suficiente as siglas de ambos os partidos estarem presentes em todos os espaços formais e oficiais da política de Nova Friburgo, elas também ocupavam lugar de destaque em seus principais jornais, que funcionavam como local de extensão da prática política e tinham importante influência na construção de uma identificação partidária por parte do leitor.¹⁹³

Desta forma, bastasse ao mais desavisado dos leitores abrir uma página de jornal – principal meio de comunicação, junto com a rádio – para perceber, sem muito esforço, a recorrência dos termos “UDN” e “PSD”. Os diretórios municipais de ambos os partidos, através de seus respectivos jornais, *A Paz* e *A Voz da Serra*, faziam propagandas políticas e exaltavam as atuações de seus parlamentares; discutiam, aplaudiam ou criticavam as principais pautas da Câmara Municipal de Vereadores; comentavam a política nacional e estadual; e, sobretudo, acusavam: suas manchetes versavam, fundamentalmente, sobre a má atuação dos políticos de oposição. Mesmo que se tentasse optar uma terceira alternativa, no caso o jornal *O Nova Friburgo*, alinhado ao PTB, a pauta política continuaria em voga e seria impossível não perceber as disputas de espaço político que os partidos travavam.

Os diretórios municipais da UDN, PSD e PTB haviam surgido no município em 1945, por ocasião do fim do Estado Novo e, com o conseqüente, processo de democratização. Tinham como elemento comum a constante menção à figura de Getúlio Vargas, que funcionava como um “divisor de águas” na política local. Enquanto a UDN local era constituída por políticos destituídos do poder durante a Revolução de 1930 e que, portanto, faziam oposição a Getúlio Vargas, o PSD e o PTB se posicionavam como aliados e representantes do político no município.

¹⁹³ Ao escolher determinado periódico, o leitor agia no intento de consolidar vínculos partidários, e havia forte associação entre a leitura de determinados jornais e a escolha de candidatos promovidos por estes. In: LAVAREDA, Antonio. *A democracia nas urnas. O processo partidário-eleitoral brasileiro (1945-1964)*. Rio de Janeiro: IUPERJ. 1999. p. 141.

O PSD tinha como principal liderança o antigo interventor Dante Laginestra, já o PTB tentava veicular sua imagem como defensor das leis trabalhistas e do “getulismo”. Fato é que, nos mais diversos contextos políticos, Vargas sempre foi uma referência constante, seja para, no caso da UDN, desqualificar figuras locais que tinham proximidade com ele, seja, no caso dos outros dois partidos, para angariar votos através da “notoriedade por empréstimo.”¹⁹⁴

Nesse sentido, no que diz respeito às grandes questões políticas – aquelas que se enquadravam no âmbito nacional –, os partidos, no município, em nada divergiam das atuações de suas cúpulas.

Contudo, embora os posicionamentos dos diretórios municipais fossem bem definidos e, em geral, correspondessem aos dos seus respectivos diretórios nacionais no que se referia a concepções ideológicas e questões de abrangência nacional, tal tendência nem sempre se mantinha frente às questões municipais, nas quais imperava o pragmatismo da política local. Diversas foram as vezes em que, em esfera municipal, os partidos e seus políticos tiveram ações e formaram alianças que contrariaram o que se delineava no âmbito nacional e fluminense.

Não se pretende com isso, entretanto, afirmar que os diretórios municipais funcionavam como elementos externos ou sem influência dos demais âmbitos, mas apenas afirmar a impossibilidade de enquadrá-los nas mesmas definições de suas cúpulas nacionais, ou entendê-los como meras reproduções. Sendo assim, ao se privilegiar o cotidiano da política municipal para entender a atuação tanto dos partidos, quanto dos seus políticos, torna-se possível compreender a existência de alianças, que pareceriam improváveis à luz do contexto nacional, mas que no contexto do dia-a-dia da política friburguense se tornaram compreensíveis.

Assim, no caso da política em Nova Friburgo, o que se pareceria exceção, muitas vezes se tornou regra.

É o caso da relação de cooperação entre UDN e PTB, que resultou em alianças entre os dois partidos, contrariando a lógica que imperava na própria política fluminense em que PSD e PTB, geralmente, se uniam em torno das candidaturas a governador do Estado.¹⁹⁵

¹⁹⁴ Termo utilizado por Karina Kuschnir para designar aqueles políticos que centram sua campanha na associação com personagens de maior projeção nacional. In: KUSCHNIR, Karina. *Eleições e representações no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999; p. 25.

¹⁹⁵ À exceção das eleições de 1958, em PTB e UDN se uniram em torno da candidatura de Roberto Silveira.

Por fim, outro elemento fundamental para a compreensão da dinâmica política friburguense foi a inserção e o sucesso dos médicos nessa esfera. No decorrer das décadas estudadas, três, dos cinco prefeitos eleitos, foram médicos e nunca houve um pleito disputado por um médico em que este não alcançasse a vitória. Esses profissionais constituíram, naquele momento, a principal força política dentro município e, a partir da eleição do primeiro prefeito médico (1954), se revezaram, à frente da prefeitura, apenas médicos até a eclosão do golpe civil-militar em 1964.

Os primeiros mandatos de prefeitos-médicos foram os de Amâncio Mário Azevedo e Feliciano Costa, respectivamente. Ambos haviam sido eleitos pelo PSD e acabaram por representar a dominância desse partido no município, que elegera também José Eugênio Muller – o último prefeito sem formação em Medicina. Durante o mandato desses médicos, foram promovidas uma série de obras em bairros periféricos que conferiam melhor qualidade de vida à população mais pobre. Assim, suas gestões possuíram um caráter mais popular, visto que centraram sua atenção em lugares e parcelas da população pouco atendidas pelo setor público até então.

Nesse sentido, esses dois mandatos foram fundamentais para a consolidação da imagem do PSD como um partido menos formal e mais sensível aos anseios populares. Contudo, é importante destacar que, apesar do sucesso do PSD, assim como o da UDN em promoverem uma identidade partidária perante os eleitores, os candidatos lançados e suas trajetórias individuais também eram elementos cruciais para a escolha do voto. Isso explica a derrota do PSD local nas eleições de 1962, quando a UDN lançou a candidatura do médico Vanor Tassara Moreira.

A despeito da imagem positiva que o PSD havia construído junto aos setores populares e da UDN local ter posicionamentos contrários a questões importantes para os setores populares, como greves operárias e concessão do décimo terceiro salário, nada disso impediu os eleitores de elegerem seu candidato a prefeito e nem de Vanor Tassara Moreira, que defendia ideais políticos que se enquadravam na égide do trabalhismo, se filiar ao partido que representava ideologias antagônicas às suas.

A filiação de Vanor Tassara Moreira à UDN, sua consequente vitória e a derrota do PSD quando optara por lançar um candidato que não era médico, indicam a importância conferida aos “médicos-políticos” no município. Eles representavam um estilo próprio de fazer política, cuja prática profissional permitia a criação de laços mais estreitos com o eleitorado. A escolha por tais candidatos que, inicialmente, poderia ser entendida como

simples resultado de uma prática política personalista, indicava, na realidade, a predileção dos eleitores por um determinado perfil de candidato, com uma atuação política menos formalizada e em contato mais próximo com a população.

Assim, o comportamento eleitoral era definido tanto pela identificação partidária dos eleitores perante os dois partidos, quanto pelos candidatos indicados por eles. No caso específico dos médicos, representavam, quando não um estilo almejado de candidato, uma escolha objetiva e prática dos eleitores, que entendiam aqueles políticos como meio para obtenção do que aspiravam.

Diante do que foi exposto, consideramos, por fim, que durante o período estudado, o PSD e a UDN representaram as duas maiores forças partidárias no município. Nesse sentido, ambos os partidos obtiveram sucesso na construção de suas identidades partidárias, que mesclavam tanto elementos convergentes com o que se delineava em suas cúpulas nacionais, quanto elementos aparentemente contraditórios, compreensíveis apenas à luz dos eventos e pragmatismo da política municipal, capazes de explicar a atuação dos partidos e dos seus eleitores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira*. PPGHS-UFF, 2003.

_____. *Nova Friburgo: o processo de urbanização da “Suíça Brasileira”*. PPGHS-UFF, 1992. Dissertação de Mestrado.

ARAÚJO, J e MAYER, J. (orgs). *Teia Serrana: Formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do Liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CASTRO, Elizabeth Vieiralves de. *Nova Friburgo: Medicina, poder político e História – 1947 -1977. Dissertação de Mestrado*. UERJ – IFCH. Dissertação de Mestrado.

CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. *Amaralismo e pessedismo fluminense: o PSD de Amaral Peixoto*. Tese de doutorado. PPGHS-UFF: 1995.

COSTA, Rafael Navarro. *Tecendo as redes da política: articulações e projetos na construção do amaralismo*. Dissertação de Mestrado. PPGHsC-PUC-Rio: 2008.

COSTA, Ricardo da Gama. *Visões do paraíso capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República*. (Dissertação de Mestrado). PPGHS-UFF, 1997, p.41.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *Histórias e Memória de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. 2º edição. São Paulo: LTr 75, 2011.

_____. *Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)*. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

FAUSTO, Bóris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2º edição, 2011.

_____. (org.). *História geral da civilização brasileira*. (Vol. 9). Tomo III. *O Brasil republicano (1930-1964)*. 9º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

FERREIRA, Jorge (Organizador). *O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. *João Goulart: uma biografia – 5º edição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Jorge e GOMES, Ângela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao período democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GOMES, Ângela de Castro. *Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base*. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

_____. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 3ª edição, 2005.

_____. *Brizola e o Trabalhismo*. In: FREIRE, Américo e FERREIRA, Jorge. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e (1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

HIPPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

KUSCHNIR, Karina. *O Cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Eleições e representações no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

LAVAREDA, Antonio. *A democracia nas urnas. O processo partidário-eleitoral brasileiro (1945-1964)*. Rio de Janeiro: IUPERJ. 1999.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-ômega, 1975.

MOREIRA, Regina da Luz. *Tempos de Amaral*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

MOREL, M; FERREIRA, T. *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. RJ:FAPERJ, 2006.

NEVES, L; MOREL, M; FERREIRA, T. *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. RJ:FAPERJ, 2006.

NUNES, Edson. *A Gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

REZNIK, Luís. *O 'populismo' e a teoria democrática descritiva* [não publicado], 1996.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970*. In: NEVES, L; MOREL, M; FERREIRA, T. *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. RJ:FAPERJ, 2006.

ROCHA, José Sérgio. *Roberto Silveira: a pedra e o fogo*. Niterói: Casa Jorge Editorial, 2003.

SIQUEIRA, Carla. *Sensacionalismo e Retórica Política em Última Hora, O Dia, e Luta Democrática no Segundo Governo Vargas (1951-1954)* In: NEVES, L; SOARES, Décio Monteiro. *Terra Friburguense*, 2º edição, 1960.

SOUSA, Mário de. *Togo de Barros: um pouco de mim, muito dos outros*. Niterói: Muiraquitã. 1995

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)*. São Paulo: Editora Alfa-omega. 3º edição, 1990.

FONTES

As fontes impressas foram acessadas no acervo Pró-Memória, pertencente à Fundação Dom João VI.

Fontes Impressas:

Jornal *A Paz*;
Jornal *A Voz da Serra*;
Jornal *O Nova Friburgo*;
Revista Zoom;
Cadernos de Cultura.

Entrevistas gravadas:

Áudio de entrevista concedida por Heródoto Bento de Mello, ao Prof. Paulo Di Blasio, em 1978 (Acervo Pessoal);
Aúdio de entrevista concedida por Heródoto Bento de Mello, ao historiador Rodrigo Marins Marretto, em 2007. (Acervo Pessoal).